

A child is seen from behind, sitting on the floor and looking at a large, glowing mural. The mural depicts a central figure of a Buddha in a meditative pose, surrounded by concentric golden mandala circles. Above the Buddha are four faces representing different past lives: an Egyptian pharaoh (Sphex), a woman with a halo, a woman with a headscarf, and an elderly bearded man. Below the Buddha are various animals, including dogs, cats, and birds, representing other past incarnations. The entire scene is set against a dark, textured background.

*Casey Vale, based on the account of a 10-year-old boy
about his past lives*

MIL VIDAS

THOUSAND LIVES

MIL REENCARNAÇÕES. INÚMEROS
DESTINOS. UM SÓ DESTINO.

 THE LIVES
MEDIA®

MIL VIDAS

(THOUSAND LIVES)

**Mil Reencarnações. Inúmeros Destinos.
Um Só Destino.**

Autor: Escrito pelo jornalista **Casey Vale**, com base nos relatos de um menino de 10 anos sobre suas vidas passadas.

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

NOTA DOS EDITORES

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para respeitar a privacidade e evitar impactar certos indivíduos, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados em forma literária.

Alguns trechos do livro são narrados a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas próprias experiências e percepções daquele momento. Esses pontos de vista não coincidem necessariamente com a posição de THE LIVES MEDIA.

Quanto ao estilo de escrita, embora o Conselho Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e preservar o espírito e a vivacidade da história, nós nos esforçamos para manter ao máximo a simplicidade e o tom originais do personagem.

O Conselho Editorial



INTRODUÇÃO

A vida de um jornalista, especialmente de alguém que viaja frequentemente por terras distantes e entra em contato com todo tipo de gente, costuma conter muitas surpresas. Mas o encontro fatídico com o menino a quem, a partir de agora, peço permissão para chamar por um nome carinhoso – River – superou tudo o que eu poderia imaginar sobre as maravilhas que este mundo pode conter.

Encontrei River em uma circunstância bastante casual, em uma pequena e pacífica cidade no Oeste Americano, onde eu estava tirando umas férias curtas após uma longa viagem de trabalho na Ásia. Ele tinha apenas dez anos, um menino americano que falava inglês, com olhos brilhantes e uma expressão pensativa rara para sua idade. Sua família, a quem tive a oportunidade de conhecer, era composta por pessoas gentis e bondosas, e logo percebi que eles tinham uma profunda vida espiritual, praticando uma antiga disciplina de cultivo originária do Oriente – o Falun Dafa.

No início, nossas conversas giravam em torno de assuntos do dia a dia. Mas então, um dia, enquanto observávamos juntos o pôr do sol descer atrás das

montanhas distantes, River de repente começou a contar. As histórias não eram sobre a escola, amigos ou brincadeiras de criança. Eram fragmentos de memórias vívidas e incrivelmente detalhadas sobre vidas passadas, que se estendiam desde gloriosas civilizações pré-históricas até dinastias históricas familiares, e até mesmo mundos além da Terra.

River contou que, devido a um destino especial e ao cultivo desde tenra idade, seu tianmu (terceiro olho) havia sido aberto, juntamente com uma porção de sua sabedoria, permitindo-lhe ver outras dimensões e se lembrar de muitas de suas vidas anteriores. Uma coisa estranha que notei foi que, desde que essas habilidades se manifestaram claramente, o estilo de falar de River ao se referir às memórias de vidas passadas também mudou. Embora seu rosto mantivesse a pureza e a inocência de uma criança, suas palavras se tornaram maduras e profundas, como se uma pessoa experiente estivesse compartilhando as reflexões de sua vida. Ele frequentemente usava "Eu" naturalmente ao falar sobre essas vidas, como se estivesse revivendo aqueles mesmos momentos. Quando ele narrava, sua voz ainda era a de um menino de dez anos, mas o conteúdo e a profundidade das histórias carregavam uma erudição e uma percepção extraordinariamente perspicazes. Ele conseguia falar trechos de línguas antigas que ninguém

lhe ensinara, descrever costumes e eventos históricos com detalhes que nenhum livro registrava.

Eu, um europeu, embora com algum conhecimento sobre o Dharma Budista e os ensinamentos orientais, no início, não pude deixar de ficar surpreso, e até um pouco cético. Mas quanto mais eu ouvia, quanto mais observava a sinceridade em seu olhar e atitude, a coerência e consistência surpreendentes em histórias que se estendiam por milhões de anos, mais eu era cativado. Não havia exagero, nem desejo de impressionar. Ele simplesmente narrava o que "se lembrava", o que "via" durante a meditação ou em momentos de reflexão tranquila.

O que era especial é que River sempre se posicionava do ponto de vista de seu personagem em cada vida para perceber e avaliar os eventos. Quando era um general, ele pensava como um general. Quando era um praticante espiritual, ele tinha a mentalidade de um praticante. E quando era um conselheiro diplomático, ele analisava a questão puramente sob a perspectiva de um político, sem misturar explicações espirituais ou cármicas em contextos onde o personagem não era um cultivador. Essa clareza tornava as histórias ainda mais confiáveis e profundas.

Após aquelas primeiras conversas surpreendentes, e com o consentimento sincero dos pais de River – que

entendiam a singularidade de seu filho e também desejavam que essas histórias pudessem tocar almas afins – dediquei cerca de duas semanas para ouvir atentamente e registrar cuidadosamente o fluxo de suas memórias. Inicialmente, eu pretendia apenas registrar para mim mesmo, como um material precioso sobre coisas maravilhosas. Mas então, quanto mais eu ouvia, mais percebia que essas histórias não eram apenas para mim. Elas continham lições profundas sobre a história, sobre causa e efeito, sobre a escolha entre o bem e o mal e, acima de tudo, sobre a jornada infinita de um ser através das reencarnações para encontrar sua origem.

Este livro, "MIL VIDAS" (Thousand Lives), é uma compilação dessas histórias, registradas da maneira mais fiel possível a partir dos relatos de River durante aquele período. Ao longo de sua narração, eu quase não fiz perguntas, apenas ouvi e anotei. Portanto, o leitor verá que o fluxo da história é quase um monólogo do personagem principal, a quem acompanharemos através de inúmeros papéis, desde um general em uma guerra pré-histórica, um taoista durante o período dos Três Reinos, um seguidor de Jesus Cristo, um Deus da Montanha governando uma montanha sagrada, um artesão na antiga Marte, até um diplomata americano em meados do século XX e, finalmente, a revelação de sua verdadeira origem – um Lorde Soberano de um Reino

Celestial magnífico, que fez um voto de descer ao mundo para esperar pelo Dafa.

O primeiro capítulo pode parecer pesado para alguns leitores, pois narra a retribuição cármica desastrosa que o personagem principal teve que suportar devido aos crimes cometidos em uma vida passada distante, ao se opor à Verdadeira Lei. Mas, por favor, seja paciente, pois essa é uma parte indispensável da verdade, da lei de causa e efeito, que é rigorosa, mas também cheia de compaixão. A partir do segundo capítulo, River, através de suas memórias, aparecerá mais no papel de "observador" da história, interpretando eventos e personagens sob a perspectiva sobrenatural de um cultivador, focando na vontade celestial e nas lições ocultas por trás dos acontecimentos. Quando surgiam palavras estranhas, como "espírito assistente", tentei adicionar breves explicações entre parênteses, com base no meu entendimento a partir das explicações do menino ou de materiais de referência.

Espero que, através de "MIL VIDAS", cada um de nós possa ganhar uma nova perspectiva sobre a vida, sobre a história e, talvez, encontrem um pouco de empatia, um pouco de reflexão para suas próprias jornadas.

Casey Vale

THE LIVES MEDIA

* * *

CAPÍTULO 1: A LUA PRÉ- HISTÓRICA

...

Às vezes, quando estou meditando, ou apenas em momentos de grande silêncio, olhando pela janela, as memórias retornam. Não é como lembrar o que fiz ontem, ou onde brinquei na semana passada. Essas memórias são estranhas, elas vêm de um lugar muito, muito antigo. Tão antigo que não acho que a Terra ainda guarde vestígios. (Mais tarde, quando meus pais me explicaram, entendi que eu estava vendo essas coisas através do meu tianmu, pois quando meu tianmu começou a se abrir, eu tinha apenas cerca de cinco anos.)

A memória me leva de volta a uma era de cem milhões de anos atrás, aos últimos séculos de um ciclo de civilização incrivelmente glorioso, mas que também estava à beira da ruína.

Nos mais antigos pergaminhos históricos que restaram daquela época, conta-se que aquela civilização havia passado por uma resplandecente Era de Ouro. Tentem imaginar, a Terra naquela época tinha uma aparência completamente diferente. As cidades não eram construídas com tijolos e pedras cinzentas, mas brilhavam como se fossem tecidas de luz, com torres delgadas que se erguiam alto. As pessoas daquele período de apogeu viviam em harmonia com a natureza, com a sabedoria e a moralidade em um nível muito elevado.

Os registros históricos contam que, em um momento crucial, quando aquele ciclo de civilização parecia prestes a terminar após cerca de cinco mil anos de existência, um evento grandioso ocorreu. Um Ser Supremo, a quem as gerações posteriores reverenciaram como O Criador, desceu ao mundo. Ele trouxe consigo o Dafa – a verdade do universo – para difundir amplamente, salvando os seres sencientes. Seus ensinamentos despertaram centenas de milhões de pessoas. Elas entraram no caminho do cultivo, seu caráter moral se elevou, sua sabedoria se abriu e, graças a isso, aquela civilização não apenas não foi destruída, mas foi prolongada por mais dez mil anos em um esplendor sem precedentes.

Durante esses dez mil anos, os verdadeiros cultivadores do Dafa alcançaram feitos extraordinários. A Lua que vemos hoje, segundo o que foi transmitido, foi uma de suas grandes obras de criação ou ajuste. Não era apenas uma rocha, mas um centro de energia, um lugar sagrado, um símbolo da sabedoria e das capacidades sobrenaturais daqueles que cultivavam seus corações em direção à bondade. E os templos, as majestosas e imponentes estruturas arquitetônicas cujos vestígios ainda permanecem, eram todos testemunhos de uma época em que humanos e Deuses estavam próximos, quando o Dafa era o farol que iluminava o caminho.

Mas, como todos sabemos, o tempo é um fluxo incessante. Quando eu, em uma vida passada, nasci, aqueles dez mil anos de glória já haviam chegado aos seus anos finais. Meu nome naquela vida, se eu tentasse transcrevê-lo para a língua de vocês agora, soaria algo como Arion. A língua e a escrita daquela era eram muito diferentes do que conhecemos, então usarei temporariamente este nome, Arion, para contar a história e facilitar a compreensão de vocês.

Quando eu, Arion, nasci, a Lua ainda se erguia imponente no céu noturno, os templos antigos ainda estavam lá. Mas na consciência da maioria da população, as histórias sobre O Criador, sobre o Dafa, sobre os cultivadores com vastos poderes divinos que criaram a Lua, gradualmente se tornaram "contos de fadas". Assim como hoje as pessoas contam histórias sobre a deusa Chang'e ou o lenhador Wu Gang na lua. Bonitas, magníficas, mas distantes e poucas pessoas ainda acreditavam que fossem verdade.

Na era de Arion, a sociedade já estava profundamente dividida. De um lado, havia aqueles que ainda tentavam preservar a fé, valorizando os valores espirituais deixados por seus antepassados. Do outro, um grupo cada vez mais poderoso, que acreditava apenas no que seus olhos podiam ver e seus ouvidos podiam ouvir, acreditava na força material, naquilo que podiam agarrar e controlar. Eles eram a facção materialista.

Para nós daquela época, a geração que cresceu em uma atmosfera cada vez mais impregnada de pragmatismo, as histórias sobre a "Ciência Sobrenatural" ou a "Ciência Espiritual" dos antigos soavam vagas e difíceis de acreditar. Fomos ensinados que apenas o que podia ser medido, o que podia ser provado experimentalmente, as tecnologias que podíamos fabricar e controlar, era a ciência verdadeira.

Claro, nós também ouvíamos, vagamente, que ainda havia um pequeno número de pessoas que se autodenominavam "cultivadores" seguindo o chamado "Dafa" dos antigos. Rumores diziam que eles tinham "poderes divinos", "habilidades sobrenaturais" estranhas, e que podiam até criar algum tipo de "tecnologia sobrenatural" que nossa ciência não conseguia explicar. Mas, para ser sincero, eu pessoalmente, e a maioria das pessoas da minha geração, nunca tínhamos testemunhado diretamente essas coisas de forma clara. Para nós, na maior parte, eram apenas boatos, lendas tecidas de um passado distante, ou talvez apenas alguns truques sofisticados. Acreditávamos no poder tangível, no exército, nas armas avançadas que nossa facção pesquisava e fabricava dia e noite.

Por isso, o declínio moral nos últimos 500 anos daquele ciclo de civilização foi quase uma inevitabilidade. Quando as pessoas não acreditam mais em Deuses e Budas, quando não temem mais as leis invisíveis do

universo, os laços morais gradualmente se afrouxam. A ganância, o egoísmo, o desejo de poder e o prazer material tornaram-se cada vez mais intensos.

As pessoas que não cultivavam verdadeiramente seus corações, ou aquelas que já haviam cultivado mas cuja vontade não era firme, eram facilmente arrastadas pelas tentações da fama, do ganho e do sentimentalismo, afastando-se dos valores tradicionais. Elas começaram a questionar: por que viver uma vida de austeridade, por que acreditar em coisas que não podem ser vistas, quando a ciência material poderia lhes proporcionar uma vida confortável e feliz bem diante de seus olhos?

E então, nesse terreno de declínio moral, o pensamento materialista se espalhou cada vez mais, não apenas em minha nação, mas em muitas outras terras. Os líderes, os pensadores dessas nações e forças com ideais semelhantes gradualmente se uniram, formando uma poderosa aliança – uma aliança daqueles que acreditavam no poder material absoluto. Minha família também fazia parte desse movimento em ascensão.

Essa aliança materialista tinha um objetivo claro: eliminar completamente a influência do que eles consideravam "espiritualidade ilusória" da vida social, não apenas dentro de uma nação, mas em uma escala mais ampla. Eles propagavam que o homem era o mestre de seu próprio destino, que todas as conquistas eram

fruto da sabedoria e do poder humano. Eles criticavam os cultivadores, aqueles que ainda mantinham a fé no Dafa, considerando-os uma força que impedia o "progresso" da sociedade, uma ameaça à nova ordem que desejavam estabelecer.

A atmosfera naqueles anos tornou-se cada vez mais opressiva. Os ensinamentos do Dafa, que antes eram considerados um guia, agora eram ridicularizados e distorcidos em muitos lugares. A aliança materialista, com suas promessas de um "paraíso na terra" construído pelos próprios homens, atraiu muitas pessoas, especialmente os jovens das nações membros. A linha geral da aliança era muito resoluta, até mesmo ditatorial, e os líderes do bloco estavam dispostos a usar todos os meios, incluindo a força, para alcançar seus objetivos.

Não era apenas uma guerra ideológica dentro de uma sociedade, mas gradualmente se tornou um confronto em uma escala maior, uma batalha pela alma de toda uma civilização. E eu, Arion, nasci e cresci em uma família proeminente de uma das principais nações daquela aliança materialista em ascensão.

Como eu disse, eu, Arion, nasci no último século daquele ciclo de dez mil anos de civilização, um tempo em que a chama do materialismo ardia intensamente. Minha família pertencia à classe alta da sociedade, e meus pais

eram membros proeminentes, com grande influência em um partido chave da aliança materialista.

Desde muito jovem, fui envolvido em uma atmosfera de adoração ao materialismo e ao poder. As primeiras lições que ouvi não foram contos de fadas sobre Deuses e Budas, sobre compaixão ou fé, mas palestras sobre o poder da ciência e da tecnologia, sobre a superioridade do homem, sobre como o homem poderia conquistar a natureza e ser o mestre de seu próprio destino. O pensamento ateu foi inculcado em minha mente todos os dias. Qualquer coisa relacionada à espiritualidade, ao Dafa dos antigos, era considerada superstição, um obstáculo ao progresso. Meus pais, e as pessoas ao meu redor, frequentemente expressavam desprezo, até mesmo ódio, por aqueles que ainda mantinham a fé, os cultivadores. Eles os chamavam de "atrasados", "sonhadores iludidos".

Nesse ambiente, não é de surpreender que eu tenha crescido com uma crença férrea no que me foi ensinado. Eu desprezava os valores espirituais e acreditava que apenas o poder material e o poderio militar eram dignos de serem perseguidos. Eu olhava para os monumentos antigos, os templos que se dizia terem sido construídos por cultivadores, não com reverência, mas com uma curiosidade científica, tentando entender que "técnica" havia sido usada, sem nunca pensar em seu aspecto espiritual.

Talvez, por natureza, eu tivesse algum talento para os assuntos militares. Eu gostava de jogos de estratégia, de ler registros sobre grandes batalhas da história (embora fossem frequentemente interpretados sob uma perspectiva materialista). Minha constituição física também era bastante boa, e logo demonstrei habilidade de comando. Meus pais, vendo essas tendências, ficaram muito satisfeitos e me incentivaram a seguir a carreira militar. Para eles, o exército era o símbolo do poder, a ferramenta para proteger e expandir a influência da aliança materialista.

Minha ascensão no exército da aliança foi bastante tranquila. Entrei na academia militar desde jovem, estudei arduamente, treinei incessantemente. Rapidamente dominei as táticas modernas, aprendi a usar as armas mais avançadas que nossa facção fabricava. Com meu talento inato, determinação e também o apoio da minha família, subi rapidamente na hierarquia. As vitórias em exercícios de grande escala, ou em pequenos conflitos de fronteira (com forças que ainda se opunham à aliança materialista), aumentaram ainda mais meu prestígio.

E então, ainda bem jovem, fui nomeado comandante de uma legião de elite – uma força poderosa com cerca de cinquenta mil homens. Era uma das legiões mais aguerridas da aliança, e vale ressaltar que nossa aliança inteira tinha muitas outras legiões de tamanho

semelhante, ou até maiores, prontas para grandes campanhas.

Imaginem exércitos com fileiras ordenadas, densos blocos de infantaria com mosquetes e baionetas reluzentes, imponentes esquadrões de cavalaria com sabres e lanças em mãos, e baterias de artilharia pesada puxadas por vigorosos corcéis. Nossos uniformes eram cuidadosamente confeccionados, com cores vibrantes e imponentes, cada legião, cada ramo tendo suas próprias insígnias para se distinguir no vasto campo de batalha. Para mim, naquela época, era o auge da fama, a afirmação de meus esforços e crenças. Eu me orgulhava daquela posição, orgulhava-me de minha legião bem organizada e disciplinada, e acreditava firmemente que estava servindo a um ideal "nobre" – o ideal de construir um mundo governado pelo homem, um mundo sem lugar para "ilusões" espirituais.

Aquela atmosfera tensa finalmente explodiu. A ordem final foi emitida pelo comando supremo da aliança materialista: uma guerra total seria lançada. O slogan era claro e difundido por toda parte: esta era uma guerra para "libertar" o mundo das correntes da superstição, para "iluminar" as terras ainda mergulhadas na escuridão da espiritualidade e para estabelecer uma nova ordem mundial, onde o homem e a ciência material reinariam supremos. O plano inicial da liderança da aliança era uma "guerra relâmpago", projetada para

varrer toda a oposição e alcançar a vitória completa em no máximo seis meses.

Para mim e minha legião de cinquenta mil homens, era o momento que esperávamos, para o qual havíamos sido treinados. Sem a menor hesitação, sem a menor dúvida sobre a justiça da guerra. Acreditávamos que estávamos trazendo o futuro, esmagando o que era velho e obsoleto.

Minha legião, junto com muitas outras legiões poderosas da aliança, iniciou a marcha. As formações de infantaria em massa, os blocos imponentes de cavalaria, os comboios de artilharia movendo-se com grande ímpeto, o moral estava nas alturas. Recebemos ordens para atacar uma área considerada vital para a facção idealista, uma terra que eles chamavam de "Cidade da Luz" – o suposto centro dos cultivadores e o local de armazenamento de muitos textos sagrados e do legado do Dafa.

No entanto, a guerra não se desenrolou tão facilmente quanto o plano inicial. As nações, as comunidades que seguiam a fé do Dafa, embora seus exércitos não fossem inicialmente tão bem organizados profissionalmente quanto os nossos, demonstraram um espírito de luta incrivelmente corajoso. Eles não tinham grandes exércitos permanentes, mas cada cidadão parecia ser um soldado, pronto para defender sua fé e sua pátria. Eles lutavam com grande astúcia, aproveitando o terreno

familiar, usando táticas de guerrilha flexíveis, causando-nos perdas consideráveis.

Além disso, a ajuda discreta de um pequeno número de cultivadores com "poderes" da facção idealista também contribuiu para retardar significativamente nosso avanço. As estradas que planejavamos usar para marchar às vezes desmoronavam inexplicavelmente. Pontes vitais eram sutilmente destruídas. Nevoeiros densos e chuvas torrenciais fora de estação apareciam de repente, dificultando o movimento e a logística. Minha legião também encontrou muitas situações estranhas e inexplicáveis. Certa vez, marchando sob o sol do meio-dia, de repente, quase metade dos soldados na vanguarda desmaiou, com sintomas idênticos aos de uma insolação severa, embora o tempo não estivesse excessivamente quente. Em outra ocasião, uma estranha epidemia eclodiu repentinamente em uma grande parte da legião, espalhando-se muito rapidamente, matando cerca de dez por cento das tropas em apenas algumas semanas, antes que nossos médicos militares conseguissem, com dificuldade, encontrar uma maneira de controlá-la. Embora essas ações não infligissem danos diretos e visíveis de um inimigo tangível, visando principalmente nos deter e esgotar, elas realmente causaram muitas dificuldades e um pânico latente.

Devido a essa resistência tenaz e aos obstáculos inesperados, a guerra que pensávamos que terminaria

em alguns meses se arrastou. Foram necessários quase três anos, com inúmeras batalhas grandes e pequenas, com perdas significativas para ambos os lados, para que nossa aliança materialista gradualmente ganhasse a vantagem em todas as frentes. O preço de cada passo adiante era pago com sangue e exaustão.

E então, após quase três anos de campanha, minha legião, Arion, embora tendo passado por muitas provações e desgastes, finalmente chegou aos arredores da "Cidade da Luz". Nossa missão permaneceu inalterada: tomar a cidade, eliminar toda a resistência remanescente e destruir os símbolos da facção idealista. O slogan "vitória onde quer que lutemos" ainda era proclamado, mas por dentro, todos entendiam que esta vitória não seria fácil.

O ataque à "Cidade da Luz" foi a batalha mais feroz que minha legião já havia enfrentado. Embora a facção idealista estivesse enfraquecida após quase três anos de guerra, sua resistência aqui, nesta última fortaleza, foi incrivelmente intensa. Eles lutaram com uma determinação desesperada, como se soubessem que esta era a batalha do destino. Após muitos dias de combates sangrentos, minha legião, agora com apenas cerca de três quintos de sua força original, finalmente conseguiu extinguir os últimos focos de resistência dos soldados inimigos fora da cidade.

O caminho para o centro da cidade estava agora aberto. Nosso próximo alvo era um vasto complexo arquitetônico religioso, um templo magnífico que se dizia ser o lugar mais sagrado, onde as essências do Dafa eram preservadas. De acordo com a inteligência, era também o último refúgio dos cultivadores e do povo que ainda se apegava teimosamente à sua fé.

Quando os enormes portões do templo foram derrubados pelo poder da artilharia, uma cena se desdobrou diante de nossos olhos. Dentro do vasto pátio, diante de uma estátua gigante, imponente e compassiva do Senhor Buda, estavam centenas de pessoas vestindo as vestes dos cultivadores, sentadas em meditação, murmurando orações. Ao redor e atrás deles, havia milhares de civis – velhos, jovens, mulheres, crianças – todos com as mãos postas, voltados para a estátua com uma expressão de reverência e entrega. Não havia armas, nem resistência. Apenas o silêncio da fé e o som sussurrante das orações.

Para meus soldados, que haviam lutado por três anos, testemunhado a queda de companheiros e sido imbuídos de ódio contra o "inimigo supersticioso", aquela cena não evocava compaixão. Eles a viam como o último antro da "ignorância", como aqueles que deviam ser exterminados para "purificar" o mundo.

A ordem havia sido dada do alto comando: não deixar ninguém vivo. E minha legião, Arion, avançou.

Foi um massacre.

Eu estava em um degrau elevado, olhando para baixo. Vi meus soldados, com armas em mãos, avançarem sobre a multidão desarmada. Gritos, lamentos, o som de armas atingindo carne e osso, o som de corpos caindo. O sangue começou a se espalhar pelo chão de pedra branca do templo. Os cultivadores, mesmo diante da morte, muitos mantinham uma expressão serena, continuando a recitar seus sutras até o último suspiro. Os civis, em pânico, tentavam fugir em vão.

Eu não matei diretamente nenhum cultivador. Meu papel era comandar, garantir que a "missão" fosse cumprida. Mas quando aquelas imagens brutais atingiram meus olhos, quando ouvi aqueles gritos desesperados, uma sensação de frieza subiu em meu peito. Por um instante, apenas um instante, um lampejo de compaixão, um pensamento de ordenar que parassem, de acabar com aquele massacre sem sentido, infiltrou-se em minha mente. A consciência de um ser humano, embora encoberta por tantos anos de dogma materialista, parecia querer erguer sua voz fraca.

Mas então, a vontade de ferro, a crença na "verdade" materialista que eu havia forjado, rapidamente extinguiu

aquela faísca frágil. "Eles são o inimigo", uma voz fria ecoou em minha cabeça. "Eles são um obstáculo ao progresso. Sua destruição é necessária para uma nova e melhor ordem." Fechei os olhos por um segundo, depois os abri novamente, meu rosto tornou-se frio, impassível. Deixei o massacre continuar, até que não houvesse mais som, exceto o ofegar dos soldados e o som do vento soprando pelos corredores silenciosos do templo agora manchado de sangue.

Naquele dia, a legião sob meu comando, Arion, cometeu um crime hediondo. Nós não apenas matamos vidas inocentes, mas também destruimos um lugar sagrado, ofendendo Deuses e Budas. E eu pessoalmente, embora não tenha empunhado a espada, minha tolerância, minha negligência diante do crime, minha rejeição à voz da consciência, mesmo que passageira, plantou uma força cármica colossal que eu não poderia imaginar na época.

Esse foi o maior e mais profundo pecado que eu, Arion, cometi naquela vida. Uma dívida que eu teria que pagar com sofrimentos indescritíveis em inúmeras reencarnações futuras.

Depois que a "Cidade da Luz" foi ocupada e "purificada" daquela maneira brutal, a guerra de quase três anos finalmente chegou ao fim. A aliança materialista conquistou uma vitória absoluta em todo o reino. Os

remanescentes da facção idealista, se não foram exterminados, tiveram que se esconder, viver com medo ou foram forçados a renunciar à sua fé.

Eu, Arion, com o "mérito" de comandar a legião que conquistou a "Cidade da Luz", fui aclamado como um herói. Fui homenageado, ricamente recompensado e promovido a um posto militar muito alto, talvez equivalente ao de Generalíssimo nos exércitos de vocês hoje. Minha fama ecoou por toda a aliança. Com essas conquistas, e o apoio da minha família e de muitas facções poderosas, fui considerado um dos candidatos mais promissores para a posição de líder supremo de todas as forças militares da aliança – um cargo semelhante a "Ministro da Defesa" – no próximo mandato. Tudo parecia estar se abrindo diante de mim, um futuro de poder e glória supremos.

Eu estava quase certo de que ocuparia essa posição. Todos os arranjos, todo o lobby, pareciam ter sido resolvidos. Mas a vida é realmente irônica. Pouco antes do anúncio oficial da nomeação, um "acidente" inesperado aconteceu.

Naquele dia, eu estava voltando de uma reunião importante em outra cidade. Minha carruagem se movia rapidamente. De repente, uma forte chuva começou a cair, com trovões e relâmpagos violentos. Quando a carruagem passava por um trecho perigoso e

escorregadio de uma estrada na montanha, por algum motivo, os cavalos de repente entraram em pânico, empinando-se violentamente. A carruagem perdeu o controle, balançou e mergulhou em um abismo profundo.

Minha última sensação na vida de Arion foi o terror absoluto enquanto meu corpo caía livremente, depois um impacto cataclísmico, e a escuridão me envolveu.

Muito tempo depois, nesta vida atual, graças ao cultivo do Dafa que abriu meu tianmu, pude revisitar a verdade daquele "acidente". Não foi um acidente aleatório. Foi um assassinato sutilmente planejado por outro rival político dentro da aliança materialista, alguém que também cobiçava a cadeira de "Ministro da Defesa" que eu estava prestes a obter. Ele subornou o cocheiro e, provavelmente, também os responsáveis pela segurança do meu trajeto.

Irônico, não é? Eu, que cometi tantos crimes em nome do "ideal" materialista, acabei morrendo nas mãos de meus próprios camaradas de ideologia, também por uma disputa de poder e ganhos materiais. Aquela morte, embora dolorosa e amarga, foi talvez apenas o começo de minha interminável jornada de retribuição cármica.

Minha morte súbita no abismo pôs fim a uma vida de Arion cheia de ambição e pecado. Mas cerca de uma semana antes daquele "acidente", as últimas notícias das

frentes de batalha distantes já haviam chegado. A aliança materialista havia vencido completamente. Todas as nações, todos os territórios remanescentes da facção idealista haviam sido subjugados. Os cultivadores, aqueles que ainda mantinham firmemente sua fé no Dafa, haviam sido quase todos exterminados ou presos, encarcerados, forçados a abandonar seu caminho. A guerra de quase três anos finalmente terminou com o domínio absoluto da facção materialista. Nós "consequimos" erradicar uma visão de mundo, uma fé que existia há milhares de anos.

Naqueles últimos dias, assim que as hostilidades diminuíram, um evento estranho, uma cena que até hoje me arrepia ao lembrar, aconteceu. Uma noite, o céu estava claro, a Lua estava cheia e brilhava intensamente. De repente, eu e muitas outras pessoas na capital testemunhamos algo inacreditável. A Lua, aquela esfera gigante que nossos antepassados nos disseram ter sido criada por cultivadores, começou a se mover lentamente, desviando-se de sua órbita familiar. No início, foi apenas um pequeno deslocamento, mas depois tornou-se cada vez mais rápido, mais claro. Ela não caiu, nem colidiu com nada. Estava simplesmente partindo, afastando-se da Terra. Ficamos ali, atônitos, aterrorizados, observando aquela esfera prateada diminuir, diminuir, até se tornar apenas um ponto de luz fraco e desaparecer completamente nas profundezas do cosmos.

Nenhum de nós, os seguidores do materialismo, conseguiu explicar aquele fenômeno. Nossos cientistas tentaram propor teorias sobre gravidade, sobre órbitas, mas tudo era inútil diante da verdade óbvia: a Lua havia partido. Muito tempo depois, quando meu tianmu se abriu, eu soube que não fora um fenômeno natural. Foi uma grande evacuação. Um grupo de cultivadores do Dafa com virtude extremamente elevada, que haviam previsto a inevitável queda da civilização e a corrupção do coração humano, usaram seus poderes divinos para levar uma parte dos cultivadores genuínos restantes – estimados em várias dezenas de milhares de pessoas – juntamente com as essências culturais e as sementes da vida, para a Lua.

Mais tarde, com meu tianmu, vi mais claramente o que havia acontecido. Aquela Lua, que por fora parecia uma esfera de rocha sólida, era na verdade oca por dentro. Foi construída de forma incrivelmente complexa, como um mundo em miniatura, com muitos níveis e áreas diferentes. Havia terras férteis para cultivar vários tipos de alimentos e ervas preciosas, e áreas para a criação de animais que foram levados. Eles até tinham uma tecnologia especial, um sistema secreto que podia criar um campo de força artificial, mantendo a gravidade e uma atmosfera estável no interior, semelhante ao que vocês veem nos filmes de ficção científica de hoje. Toda a estrutura interna foi projetada para manter um

ecossistema completo, suficiente para que dezenas de milhares de pessoas pudessem viver e sobreviver em uma longa jornada entre as estrelas.

E aqueles cultivadores usaram seus vastos poderes divinos para controlar a Lua, transformando-a em uma gigantesca nave espacial, uma "arca" para toda uma civilização, deixando o sistema solar para encontrar outro lugar seguro para preservar sua linhagem e esperança.

Pouco depois de eu, Arion, morrer no "acidente" de carruagem, talvez apenas alguns dias, um desastre ainda mais terrível se abateu. Como eu já estava morto, o que aconteceu a seguir foi o que observei mais tarde com meu tianmu. Quando a Lua, com seus refugiados a bordo, se afastou do sistema solar, parecia não haver mais nada para manter o equilíbrio do planeta. O carma colossal criado por todos os seres vivos daquela civilização, especialmente o crime hediondo da facção materialista ao se opor ao Dafa e perseguir os cultivadores, tinha chegado a hora de ser pago.

Eu vi os Deuses, os Protetores deste universo, aqueles de cuja existência nós, da facção materialista, zombávamos e negávamos, agirem... Não para salvar, pois nada mais podia ser salvo. Eles usaram seus grandes poderes divinos para causar terríveis perturbações geológicas, grandes dilúvios, erupções vulcânicas horríveis. E,

finalmente, para purificar completamente, eles explodiram a própria Terra daquele ciclo de civilização anterior. Toda a civilização, com todas as suas realizações materiais, crimes e ambições, foi completamente aniquilada, sem deixar vestígios.

O milagre é que a Lua, aquela improvável arca de salvação, após muitos anos, talvez algumas décadas em nossa contagem, vagando e viajando por muitas regiões distantes do espaço a uma velocidade inimaginável, finalmente, quando uma nova Terra foi recriada pelos Deuses a partir dos restos do antigo universo, quando um novo ciclo de civilização estava prestes a começar, foi guiada de volta, tornando-se o satélite deste planeta, continuando sua missão silenciosa.

...

Quanto à alma de Arion, após aquela morte trágica, ela carregou um fardo de carma negro e pesado. Comecei minha jornada de penitência, uma jornada que se estendeu por inúmeras vidas de reencarnação, nos reinos mais sombrios e dolorosos.

Foi então que comecei minhas vidas como porco, como cão.

...

Após a morte de Arion, minha alma mergulhou em uma escuridão sem fim, carregando o carma colossal dos crimes que havia cometido. Não sei quanto tempo vaguei nesse estado, sentindo apenas frio, solidão e um medo vago. Então, uma força poderosa me puxou, e quando a consciência gradualmente retornou, me vi em uma forma completamente diferente.

Foi a vida como um porco. Não uma vez, mas sete vezes consecutivas.

A memória daquelas vidas, mesmo agora, ainda me faz estremecer. Imagine, de um Generalíssimo comandando dezenas de milhares de tropas, uma pessoa prestes a deter o poder supremo, agora eu era apenas um animal de quatro patas, vivendo em um chiqueiro sujo e fedorento. Todos os pensamentos, todas as ambições de Arion pareciam ter sido apagados, restando apenas os instintos mais básicos: fome, sede e um medo vago e constante.

Lembro-me da sensação de estar confinado em chiqueiros apertados e úmidos, o chão sempre pegajoso com fezes e urina. Nossa comida eram os restos, as sobras que os humanos jogavam fora, despejadas em um cocho de madeira imundo. Lutávamos por cada pedaço de comida, empurrando uns aos outros, guinchando pateticamente. Sem dignidade, sem escolha. Apenas uma

existência precária, dia após dia, esperando por um fim inevitável.

A dor mais aguda não era apenas a sujeira ou a fome. Era a impotência, a ignorância. Ocasionalmente, em breves momentos, um fraco vislumbre de memória da vida de Arion surgia em minha mente – a imagem de uniformes resplandecentes, de campos de batalha imponentes, de aclamações. Mas rapidamente se apagava, deixando uma confusão, uma angústia inominável. Quem sou eu? Por que estou aqui? Não havia resposta. Apenas o corpo pesado e lento, e a inconsciência de um animal.

E então, o dia fatídico chegava. Lembro-me da sensação de ser arrastado para fora do chiqueiro de forma bruta. Os guinchos dos meus semelhantes, o pânico extremo. Então a lâmina fria, e uma dor lancinante. O fim de uma vida. E então, o começo de outra, também na forma de um porco, também em um chiqueiro sujo, e também terminando com uma morte dolorosa como aquela. Sete vezes, repetidamente.

Mas houve uma vida como porco que foi especial, uma vida que nunca poderei esquecer, mesmo que tenha sido apenas um breve lampejo de consciência antes da morte.

Naquela vida, como em outras vidas de porco, fui criado em um chiqueiro miserável. Um dia, o dono da fazenda me arrastou para fora, amarrou minhas quatro patas,

preparando-se para me abater. Naquele momento, com a morte iminente, quando a faca afiada do açougueiro estava prestes a descer, algo estranho aconteceu. Por um breve instante, de alguma forma, a memória da minha vida como o general Arion de repente voltou à minha mente com clareza. Lembrei-me de tudo: as conquistas, as ordens cruéis e os rostos dos cultivadores que ordenei que fossem mortos no templo.

E então, olhei para o açougueiro que estava diante de mim. Um terror absoluto me invadiu. Eu o reconheci! Aquele rosto, aquele olhar, embora marcado pelo tempo e pelas dificuldades de uma vida, eu não poderia confundir. Era um dos cultivadores que meus soldados haviam matado no massacre da "Cidade da Luz"!

No corpo de um porco, eu não podia falar, não podia fazer nada além de tremer. Um arrependimento tardio, um medo indescritível me dominou. Tentei me debater, tentei fazer algo para implorar. Com um esforço extraordinário, consegui me erguer, tentando me ajoelhar com as patas dianteiras, juntando-as como se estivesse suplicando, emitindo guinchos desesperados, na esperança de que o açougueiro pudesse entender, pudesse me poupar.

Mas ele, aquele açougueiro, provavelmente só via um porco em pânico antes da morte. Ele não poderia saber que, dentro daquele corpo imundo, estava a alma

daquele que havia causado sua morte em uma vida passada. Seu olhar permaneceu frio. A lâmina desceu.

Morri em desespero absoluto, em terror e arrependimento extremos. O momento em que reconheci aquele açougueiro, e a impotência de não poder fazer nada para mudar meu destino, gravaram uma cicatriz indelével em minha alma. Foi uma lição dura sobre a lei de causa e efeito, sobre a justiça absoluta do universo. Quem semeia vento, colhe tempestade. Todos os crimes devem ser pagos, cedo ou tarde, de uma forma ou de outra.

Sete vidas como porco, cada uma uma punição, uma purificação do pecado através do sofrimento e da humilhação...

...

Após sete vidas de sofrimento e humilhação como porco, pensei ter chegado ao fundo da punição. Mas a jornada de retribuição de Arion ainda não havia terminado. Em seguida, vieram quinze vidas em que tive que carregar o corpo de um cão.

Quinze vezes, nasci novamente em uma forma diferente, ainda um animal de quatro patas, mas talvez um pouco mais ágil, e com relações mais complexas com os humanos. A vida como cão trouxe diferentes tipos de

sofrimento, diferentes lições, mas no geral, ainda era uma questão de impotência, dependência e de experimentar as diversas emoções das espécies animais.

Lembro-me de uma vida em que fui um cão de rua, vagando pelas ruas sujas de uma cidade movimentada. Cada dia era uma batalha para encontrar restos de comida, para evitar os espancamentos de pessoas cruéis, para encontrar algum canto para passar a noite sem congelar. Experimentei a fome até a exaustão, o medo de ser afugentado e a solidão extrema.

Em outra vida, fui adotado por uma família pobre em uma área rural remota. Eles também não tinham muito, mas compartilhavam comigo o que tinham. No entanto, a vida não era fácil. O dono, talvez por causa de sua vida difícil, frequentemente descarregava sua raiva em mim. Lembro-me de espancamentos sem motivo, de dias em que fui deixado com fome por um pequeno erro que não cometi intencionalmente. Lembro-me das noites de inverno com neve, quando fui forçado a dormir na varanda, tremendo no frio cortante, olhando para dentro da casa pela fresta da porta, vendo a luz quente e o som de suas risadas, e sentindo uma autopiedade indescritível. Apesar de ser maltratado, o instinto de um cão me manteve leal, ainda apegado a eles, ainda tentando agradá-los.

Mas nem todas as vidas como cão foram apenas de sofrimento. Em algumas vidas, também experimentei o amor, embora às vezes terminasse em uma dor ainda maior.

Lembro-me melhor de uma vida em que fui um cão muito inteligente, profundamente amado por uma família no campo. Eles me tratavam como um membro da família. Eu brincava com as crianças, guardava a casa e sentia o calor e a confiança deles. Foram dias de rara felicidade em minha longa série de vidas como animal.

Então, um dia, aquela família decidiu se mudar para a cidade. Talvez a vida na cidade não permitisse que eles levassem um cachorro tão grande quanto eu, ou talvez eles pensassem que eu não conseguiria me adaptar. Não sei o motivo real. Só me lembro que, uma manhã, eles arrumaram suas coisas e entraram em uma carruagem. Eles me acariciaram uma última vez, seus olhos um tanto tristes, e então a carruagem partiu.

No início, eu não entendi o que estava acontecendo. Pensei que eles tinham ido a algum lugar por um tempo e voltariam, como sempre. Esperei pacientemente no portão, dia após dia. Esperei por uma semana inteira. A comida que eles deixaram para mim havia acabado. A saudade deles me consumia. Naquele momento, eu ainda não achava que tinha sido abandonado.

Ingenuamente, pensei que talvez eles tivessem sofrido um acidente na estrada e não pudessem voltar.

Com esse pensamento, e com lealdade infinita, decidi partir para encontrá-los. Deixei a casa familiar e comecei uma jornada incerta. Segui meu instinto, os cheiros familiares que ainda pairavam no ar. Passei por dias de fome extrema, fui afugentado por estranhos, atacado por outros cães. Mas a ideia de encontrar meus donos me deu forças.

A busca durou um tempo desconhecido. Passei por tantos campos, tantas aldeias. Meu corpo ficou cada vez mais magro, exausto. Finalmente, enquanto vagava por uma floresta densa, não me restava mais nenhuma força. Caí sob uma árvore antiga.

E então, uma fera, parecia ser um tigre, apareceu. Olhou para mim com o olhar frio de um predador. Eu não tinha mais forças para resistir, nem vontade de fugir. Pouco antes de me atacar, uma dor aguda surgiu em meu coração. Não era apenas a dor física que eu estava prestes a sofrer, mas a dor de não ter encontrado meu dono, e um lampejo, uma amarga suspeita de que, talvez, eu realmente tivesse sido abandonado.

Morri naquela floresta, com o coração partido pela lealdade traída e uma pergunta sem resposta sobre o amor que um dia tive.

Quinze vidas como cão, cada uma uma experiência diferente de sofrimento, impotência, afeto, lealdade e traição. Essas memórias, mesmo sendo de um animal, estão profundamente gravadas em minha consciência, como lembretes que nunca se apagarão do pecado que Arion semeou, e as sementes do arrependimento, embora tardias, começaram a brotar mesmo no corpo de um animal.

* * *

CAPÍTULO 2: O PRÍNCIPE DO MAR AZUL

...

Após os longos dias carregando o corpo de porco, de cão, que se estenderam por quase cem anos do mundo humano, minha alma finalmente escapou do reino animal. Fui reencarnado como humano novamente. Mas o carma da vida de Arion ainda era muito pesado, então nas minhas primeiras vidas humanas, ainda tive que viver na pobreza e na miséria, passando por todo tipo de privação e humilhação. Uma vida após a outra, talvez mais de cem vezes, nasci na pobreza, na doença ou com uma vida curta. Gradualmente, com o tempo e através dessas incessantes retribuições cármicas, meu carma diminuiu um pouco. Comecei a reencarnar em famílias com melhores condições, recebendo educação, com alguma propriedade e status social.

Nas inúmeras vidas que se passaram, algumas foram tão vagas quanto um sonho fugaz, mas outras ficaram profundamente gravadas na memória, com experiências muito especiais. E abaixo, quero contar a vocês sobre uma dessas vidas. Isso aconteceu há muito, muito tempo, cerca de dois milhões de anos atrás. Naquela época, eu não era um ser terrestre, mas uma criatura do mar. Eu era um príncipe de um reino de tritões, vivendo nas profundezas do oceano. Acho que esta também é uma vida muito memorável, um mundo mágico com leis e criaturas que hoje talvez só existam em lendas.

O REINO DE CORALIA – O MUNDO DOS TRITÕES NO FUNDO DO MAR

Nosso reino naquela época chamava-se Coralia, ou um nome que soava parecido na língua dos tritões. Ele se escondia em um vasto vale abissal, ou talvez em uma imensa planície de corais, cercado e protegido por majestosas cordilheiras submarinas. Lá não havia a luz do sol forte como na superfície. Todo o reino era iluminado por uma luz cintilante e mágica, emitida por inúmeras espécies de corais, algas e estranhas criaturas marinhas bioluminescentes. Essa luz ora era suave como a lua cheia, ora brilhava com todas as cores, criando uma paisagem de beleza comovente. Nas águas mais rasas, perto da superfície do reino, às vezes podíamos sentir os raios de sol fracos e quentes penetrando na água azul-profunda.

Nós não construíamos cidades ou casas de pedra ou metal como os humanos da superfície. Nossas moradas eram aglomerados de corais gigantes, esculpidos pela natureza ao longo de milhares de anos, ou às vezes "cultivados" e moldados por nós mesmos ao longo de gerações, criando formas únicas. Às vezes, vivíamos em cavernas naturais nas profundezas das falésias submarinas, adornadas com conchas cintilantes, pérolas preciosas e pedras marinhas de todas as cores. O palácio real de meu pai, onde nasci e cresci, era o maior e mais resplandecente aglomerado de corais, localizado no

centro de Coralia, emitindo uma suave luz verde-água que podia ser vista de muito longe.

O mundo dos tritões no fundo do mar naquela época não tinha apenas uma única raça. Nosso reino de Coralia era apenas uma das muitas comunidades, e mesmo dentro do reino, havia muitas linhagens diferentes de tritões, vivendo intercaladas ou em seus próprios territórios, mas todos se submetiam ao meu Pai-Rei. Uma coisa especial era que cada grande clã de tritões geralmente tinha seu próprio dialeto, sons característicos em sua forma de comunicação. E nossa comunicação debaixo d'água também era muito diferente da forma como os humanos conversam em terra firme. Não emitíamos palavras claras, uma a uma, como vocês. A língua dos tritões era uma série de sons melódiosos, assobios, trinados altos e baixos, talvez um pouco semelhante à forma como golfinhos ou baleias-azuis se comunicam, como os cientistas de vocês estudam hoje. Esses sons podiam viajar muito longe na água, carregando mensagens e emoções. Além disso, a linguagem corporal e as expressões faciais também eram uma parte extremamente importante de nossa comunicação. Um leve balançar da cauda, uma pequena mudança no olhar, ou a forma como inclinávamos a cabeça, tudo podia transmitir significados muito claros. Nós, os tritões daquela época, vivíamos de forma muito simples, em harmonia com a natureza, então não tínhamos a

necessidade de nos comunicar com tantas palavras como os humanos da superfície mais tarde. A maior parte do nosso entendimento vinha da percepção direta, da sintonia das almas e dessas expressões sutis.

Minha raça, a linhagem real Coralian, era considerada a mais nobre. Tínhamos escamas de cor verde-água, brilhantes como as mais belas joias do fundo do mar. Quando nadávamos, essas escamas refletiam a luz cintilante, criando rastros de luz mágicos. Nossos cabelos eram longos e macios como fios de seda marinha, geralmente de cor azul-escura ou verde-musgo. Uma característica marcante da linhagem Coralian era nossa capacidade de emitir uma suave corrente de energia biológica do corpo. Essa corrente de energia não era forte o suficiente para atacar grandes inimigos, mas podia nos ajudar a nos defender de criaturas menores ou, mais importante, a curar pequenos ferimentos em nós mesmos e nos outros.

Além da linhagem Coralian, havia outros clãs de tritões com características e papéis distintos. Por exemplo, havia os tritões Hekkalin. Como o nome sugere, suas escamas eram de um preto profundo e brilhante. Eles geralmente viviam em águas mais profundas, onde a luz dificilmente chegava. Os olhos dos Hekkalin tinham uma excelente capacidade de enxergar no escuro, e eles eram muito bons em se camuflar em fendas de rochas submarinas ou em densos bosques de algas. Por isso,

frequentemente assumiam missões importantes como reconhecimento, espionagem em mares distantes ou guarda das fronteiras do reino. Eram de poucas palavras, silenciosos, mas muito corajosos e leais.

Havia também os tritões Coralinos. Eles eram provavelmente o clã de tritões mais colorido. Suas escamas tinham todas as cores vibrantes, exatamente como os recifes de coral onde costumavam viver e se esconder. Os Coralinos tinham uma estatura menor que a nossa, mas eram extremamente ágeis e habilidosos. Eram mestres da camuflagem, capazes de se misturar perfeitamente aos recifes de coral, tornando quase impossível detectá-los. Também eram muito bons na colheita de plantas marinhas, algas raras usadas como alimento ou remédio.

Além disso, havia um ramo de tritões conhecidos como os Guerreiros. Eles poderiam ser um ramo especial da nossa linhagem Coralian, ou uma combinação de Coralianos e Hekkalins, não me lembro bem. Mas sua característica era um corpo muito mais robusto do que os outros clãs, e suas escamas também eram mais duras, como uma armadura natural. Eles passavam a maior parte do tempo treinando habilidades de combate, usando armas feitas de dentes de tubarão, conchas afiadas ou longas lanças feitas de ossos de peixes grandes. Eles eram a principal força de proteção do reino contra ameaças externas.

Em termos de escala, nosso reino de Coralía tinha uma população de aproximadamente um milhão de tritões. Ao redor do território de Coralía, havia também alguns outros pequenos reinos de tritões. Às vezes, mantínhamos relações pacíficas, trocando produtos, mas também havia pequenos conflitos por território ou recursos.

A sociedade dos tritões naquela época, se comparada com o que sei sobre a história humana em terra firme, talvez se assemelhasse a uma sociedade feudal primitiva, mas com algumas diferenças marcantes. No topo estavam o Rei e a Rainha, que governavam juntos o reino, considerados a personificação da sabedoria e da bênção do Grande Oceano. É notável que nossa sociedade de tritões não tinha a severa discriminação de gênero de muitas sociedades feudais terrestres, como na China antiga, por exemplo. Homens e mulheres eram bastante iguais em muitos aspectos da vida, e a sucessão ao trono não se baseava inteiramente no gênero. Quem tivesse talento, virtude e um poderoso Poder do Dharma, fosse homem ou mulher, poderia ser considerado para a sucessão. Na verdade, minha irmã mais velha, com seu Poder do Dharma e sabedoria superiores, já havia sido escolhida pelo Pai-Rei e pelos anciãos da família real para herdar o trono no futuro. Em seguida, vinham os outros príncipes e princesas como eu, cada um com seus próprios papéis e responsabilidades. Abaixo deles

estavam as grandes famílias, aquelas com méritos para com o reino, a quem o Pai-Rei concedia terras e certos privilégios. Finalmente, havia a vasta população de plebeus, os Hekkalins, os Coralinos e também os Coralianos que não pertenciam à nobreza.

Não tínhamos um sistema burocrático complexo ou grandes escolas e bibliotecas como na superfície. O conhecimento, as leis e as histórias do nosso povo eram transmitidos principalmente de boca em boca, de geração em geração, através de canções e melodias com o sabor do mar. Algumas das coisas mais importantes podiam ser registradas de forma simples em grandes placas de coral, usando uma escrita antiga e sinuosa dos tritões, que se assemelhava às ondas.

Não tínhamos filósofos ou religiões distintas como vocês entendem. Nós, os tritões, adorávamos a Mãe Oceano, acreditando que ela era a fonte de toda a vida, a protetora e nutriz de todos. Acreditávamos no equilíbrio da natureza, na simples lei de causa e efeito: fazer o bem seria abençoado pelo Oceano, fazer o mal seria punido. Em nossa fé, os membros da realeza, especialmente a linhagem Coralian, eram considerados escolhidos pelos próprios Deuses, pela Mãe Oceano, para liderar e proteger o reino. Acreditava-se que éramos abençoados com graças especiais, manifestadas no que chamávamos de "Poder do Darma" – uma forma de energia biológica pura. Graças a essa bênção, não só tínhamos habilidades

especiais, mas nossa sabedoria, saúde e longevidade também eram muito superiores às das pessoas comuns. A expectativa de vida média dos tritões em geral naquela época também era bastante alta, cerca de duzentos anos. Os membros da realeza como meu pai, ou aqueles com um forte Poder do Dharma, podiam viver ainda mais, alguns ultrapassando os trezentos anos.

Uma parte importante do papel da realeza, e também uma manifestação do favor da Mãe Oceano, era a capacidade de se conectar e comunicar com as divindades do mar. Nem sempre era claro, mas ocasionalmente, especialmente o Pai-Rei, os anciãos da família real, ou um pequeno número de tritões com afinidades especiais entre os plebeus, podiam receber mensagens e orientações das divindades. Isso podia acontecer em sonhos proféticos ou em momentos de profunda quietude durante rituais sagrados oferecidos à Mãe Oceano. Essas mensagens geralmente se relacionavam a assuntos importantes do reino, presságios de desastres naturais ou conselhos sobre como manter a harmonia.

No entanto, uma coisa especial era que, apesar da longa vida, nossa capacidade reprodutiva, naturalmente, não era tão alta quanto a de muitas espécies terrestres. Ao longo de sua longa vida, uma mulher tritão geralmente engravidava e dava à luz no máximo duas vezes. Essa parecia ser uma lei da natureza para nossa raça,

ajudando a manter um equilíbrio populacional harmonioso no reino, evitando a exploração excessiva dos recursos da Mãe Oceano.

O Poder do Dharma dos membros da realeza, um presente das divindades, não era apenas um privilégio, mas também uma grande responsabilidade: usá-lo para proteger os súditos, manter a prosperidade e a paz do reino. Esse poder não se manifestava de forma idêntica em cada pessoa, era como uma marca distinta. Por exemplo, meu Pai-Rei tinha a capacidade de criar um campo de força protetor fraco, mas eficaz, ao seu redor sempre que precisava de alta concentração ou enfrentava perigo. Minha irmã mais velha, considerada a herdeira do trono, tinha olhos muito especiais; quando ela queria, seus olhos podiam emitir uma luz brilhante no escuro, ajudando a ver através de ilusões ou a encontrar pequenos objetos escondidos. Havia também um tio meu, cujo Poder do Dharma lhe permitia acumular e descarregar uma corrente elétrica de seu corpo, semelhante à enguia elétrica que conhecemos mais tarde. Essa corrente era forte o suficiente para paralisar pequenas criaturas marinhas ou atordoar inimigos maiores por um momento.

E eu, naquela vida, chamava-me Lyra – transcrevi meu nome assim. Eu era um Príncipe, o segundo filho do Rei que governava o reino de Coralía.

PRÍNCIPE LYRA – TALENTO E VIRTUDE

Desde jovem, demonstrei as qualidades de um membro da realeza. O Poder do Darma que a Mãe Oceano me concedeu manifestou-se claramente em uma força física extraordinária. Eu podia nadar mais rápido do que qualquer jovem tritão da minha idade, e minha resistência era notável. Pequenos ferimentos, colisões durante brincadeiras ou treinos, geralmente cicatrizavam muito rapidamente em meu corpo. Meu cabelo era de um azul escuro, como a cor do mar em noites sem lua, e meus olhos, costumavam dizer, brilhavam como as pérolas mais preciosas encontradas no fundo do oceano.

O Pai-Rei e a Rainha-Mãe, embora não pudessem nos "ensinar" a usar o Poder do Darma – pois era uma graça individual concedida pelas divindades a cada um, e sua manifestação era muito pessoal – eles nos ensinavam e aconselhavam incessantemente sobre a importância de manter um coração bondoso e uma virtude pura. Eles enfatizavam que o Poder do Darma só tinha verdadeiro significado e efeito benéfico quando seu possuidor tinha um coração compassivo, que pensava nos outros. Esses ensinamentos guiaram minha percepção e uso do meu poder. Mais importante, eles plantaram em meu coração as sementes da compaixão, da justiça e de um profundo senso de responsabilidade para com os súditos e o reino.

Aprendi que a verdadeira força não reside na habilidade de lutar melhor, mas em um coração que sabe amar e proteger os fracos. O Poder do Dharma que possuíamos não era para nos orgulharmos ou exibirmos, mas para servir, para trazer paz e felicidade a todos os seres vivos sob a proteção de Coralia.

Nossa vida conjugal também tinha características muito especiais. Fosse realeza ou plebeu, todos valorizávamos a fidelidade, um marido para uma esposa. O interessante é que os membros da realeza eram completamente livres para conhecer e se casar com quem amassem, mesmo que essa pessoa fosse de origem plebeia. O amor sincero era valorizado acima de tudo. E havia algo milagroso, considerado uma bênção da Mãe Oceano: se um plebeu se casasse com um membro da realeza e, após alguns anos de convivência, mantivesse um coração bondoso e virtuoso, gradualmente, essa pessoa também poderia ser abençoada pelas divindades com uma porção do Poder do Dharma, embora talvez não tão forte quanto a de seu cônjuge real. Isso incentivava ainda mais a harmonia e o amor entre as classes sociais.

Eu mesmo, Príncipe Lyra, naquela época, também carregava em meu coração um amor profundo. Ela era uma garota do clã Coralino, que vivia em uma pequena aldeia perto do recife de coral ao sul do reino. Ela não tinha Poder do Dharma, nem pertencia à nobreza, mas sua beleza pura, sua gentileza e sua alma compassiva haviam

conquistado meu coração. Nós nos encontrávamos secretamente, explorando juntos cavernas misteriosas, ou simplesmente nadando em silêncio entre os cardumes de peixes coloridos. Nosso amor era muito puro e intenso. Eu planejava falar em breve com o Pai-Rei e a Rainha-Mãe, pedindo permissão para me casar oficialmente com ela, mas os grandes eventos que estavam por vir adiaram todos os planos.

Quando fiquei um pouco mais velho, não fiquei apenas no palácio real. Passei muito tempo nadando por todos os territórios do reino, desde os recifes de coral vibrantes onde viviam os Coralinos, até as fendas escuras das montanhas submarinas, onde os Hekkalins residiam. Eu gostava de conversar (à nossa maneira) com os plebeus, ouvir seus pensamentos, desejos e dificuldades. Se eu pudesse ajudar em algo, por menor que fosse, nunca recusava. Talvez por isso, mesmo sendo apenas um príncipe secundário, não o herdeiro do trono como minha irmã, eu ainda recebia o amor e o respeito da maioria dos súditos. Eles viam em mim não apenas a força de um guerreiro em potencial, mas também a proximidade e a virtude de alguém que sempre estaria do lado deles.

A AMEAÇA DA FRONTEIRA

A vida pacífica em Coralia, com meus dias dedicados a treinar meu Poder do Dharma e a nutrir secretamente meu amor pela garota Coralina, continuou. Até que um dia, notícias terríveis da fronteira norte do reino começaram a chegar, trazendo terror e caos. Relataram que um bando de Serpentes-Rei do Mar, maior do que nunca, com dezenas de indivíduos, havia aparecido naquela região. Liderando o bando estava uma Serpente-Rei rainha, cujo tamanho superava em muito o das outras; suas escamas não eram do cinza-pedra usual, mas de um assustador vermelho-sangue, com um brilho frio em seus olhos.

Este bando de Serpentes-Rei era extremamente feroz e organizado. Elas não caçavam sozinhas como antes, mas coordenavam ataques às pequenas aldeias de pescadores dos Coralinos e Hekkalins na fronteira. Destruíam as casas – os aglomerados de coral onde as pessoas viviam, matavam muitos tritões que não conseguiam escapar e espalhavam o terror por uma vasta área. Gritos, pedidos de socorro desesperados começaram a ecoar até o palácio real, quebrando o silêncio habitual.

Meu Pai-Rei ficou extremamente preocupado. Ele convocou imediatamente os anciãos da família real e os comandantes do exército de Guerreiros para discutir uma estratégia. O exército de tritões de Coralia, composto principalmente por guerreiros da linhagem Guerreira, embora valente e experiente em batalha, estava acostumado principalmente a defender o

território ou a pequenas escaramuças com outros pequenos reinos de tritões ou com Serpentes-Rei solitárias. Enfrentar um grande bando de Serpentes-Rei, liderado por uma rainha astuta, era um desafio sem precedentes na história do reino. Os anciãos, que haviam passado por muitas tribulações, também se mostraram muito preocupados. Todo o reino de Coralia mergulhou em uma atmosfera de tensão e medo. Todas as atividades de lazer e canto habituais pareciam ter cessado.

O PRÍNCIPE SE APRESENTA

Vendo o sofrimento dos súditos através dos relatos dos sortudos que escaparam, vendo a preocupação gravada no rosto do meu Pai-Rei, meu coração ardia como fogo. Eu não podia ficar parado no luxuoso palácio enquanto meu povo enfrentava perigo e morte. O Poder do Dharma que a Mãe Oceano me concedera, a força que eu treinara por tanto tempo, não era para meu prazer, mas para proteger os fracos.

Em uma reunião de emergência da corte, depois de ouvir os generais apresentarem a situação crítica e as dificuldades em lidar com ela, não hesitei em me apresentar, ajoelhando-me diante do meu Pai-Rei.

"Pai-Rei", eu disse, com voz firme, "peço para liderar a vanguarda, para levar a tropa de elite do reino à fronteira norte, para exterminar as Serpentes-Rei e trazer a paz de volta aos nossos súditos!"

Toda a corte ficou em silêncio. Meu Pai-Rei olhou para mim, seus olhos mostrando surpresa, preocupação, mas também um pouco de orgulho. Ele conhecia meu caráter, minha coragem e meu coração. Mas ele também sabia do perigo desta missão.

"Lyra, meu filho", disse o Pai-Rei em um tom calmo, "sua coragem é louvável. Mas este bando de Serpentes-Rei é diferente, elas são extremamente ferozes e lideradas por uma rainha. Esta não é uma caçada comum."

"Eu entendo, Pai-Rei", respondi, "mas é exatamente por isso que não posso ficar de braços cruzados. Se não as destruírmos, elas continuarão a devastar, e o medo se espalhará por todo o reino. A Mãe Oceano me concedeu poder, e eu juro usar esse poder para proteger Coralia. Por favor, confie em mim, Pai-Rei!"

Minha irmã, a herdeira do trono, também expressou seu apoio. Muitos generais, que haviam testemunhado minhas habilidades nos treinos, também expressaram sua confiança. Finalmente, após alguma deliberação, vendo a determinação inabalável em meus olhos e o

apoio da corte, meu Pai-Rei concordou com um aceno de cabeça.

Ele se levantou, caminhou majestosamente até mim e, com suas próprias mãos, entregou-me a espada ancestral da família real. A lâmina era feita do dente gigante de uma espécie de tubarão pré-histórico extinto há muito tempo, afiada e incrivelmente resistente. Ele também me deu uma armadura leve, mas durável, feita da carapaça de uma tartaruga marinha gigante fossilizada por milhares de anos no fundo do mar. O que era especial é que, antes de me entregar, o Pai-Rei usou seu próprio e poderoso Poder do Darma para abençoá-la, infundindo energia em cada fibra da carapaça, tornando-a não apenas leve, mas muitas vezes mais resistente, capaz de suportar ataques poderosos.

"Vá, meu filho", disse o Pai-Rei, colocando a mão em meu ombro, sua voz profunda e ressonante. "Leve consigo a força de Coralia e a bênção da Mãe Oceano. Seja cauteloso e volte em segurança."

Inclinei a cabeça para aceitar a responsabilidade, meu coração transbordando de orgulho e uma determinação de ferro. Naquele dia, eu, Príncipe Lyra, entrei oficialmente na batalha de vida ou morte para proteger meu reino.

AS BATALHAS FEROCES

Depois de receber a ordem do Pai-Rei, não hesitei. Baseado nas informações iniciais de inteligência coletadas pelos batedores Hekkalin, o bando de Serpentes-Rei que apareceu na fronteira norte tinha apenas cerca de vinte indivíduos, embora um deles, o líder, parecesse maior e mais astuto. Com essa informação, eu estava confiante de que uma força de elite seria suficiente para eliminá-los, mesmo que tivessem veneno. Portanto, decidi levar apenas os quinhentos guerreiros mais corajosos e experientes do reino, acreditando que com essa força, poderíamos vencer facilmente.

Partimos rapidamente, com o moral nas alturas. No entanto, não sabíamos que se tratava de uma informação de inteligência gravemente equivocada. Na realidade, o bando de Serpentes-Rei tinha mais de duzentos indivíduos. A rainha de escamas vermelho-sangue era extremamente astuta; ela havia ordenado que seu bando se dividisse em vários grupos menores, cada um com menos de vinte indivíduos, para operar e caçar separadamente. Isso enganou nossos batedores, levando-os a apresentar um relatório impreciso sobre a verdadeira escala da ameaça.

Quando nossa tropa se aproximou da área da fronteira, de fato, encontramos apenas um grupo de Serpentes-Rei

com cerca de vinte indivíduos, exatamente como informado. Elas pareceram bastante "intimidadas" ao ver nossa força. Ordenei que cerca de cem soldados avançassem para o combate. A batalha foi bastante rápida e tivemos uma clara vantagem. O bando de serpentes, após alguns ataques fracos, começou a lutar enquanto recuava rapidamente em direção às perigosas montanhas submarinas.

O problema era que a velocidade das Serpentes-Rei, quando realmente queriam fugir, era formidável. A maioria dos meus soldados, embora valentes, dificilmente conseguiria alcançá-las em um terreno submarino complexo. Apenas um pequeno número, incluindo eu e cerca de trinta dos guerreiros de elite, aqueles com um forte Poder do Dharma ou habilidades de natação superiores, tinha uma velocidade comparável ou ligeiramente superior à delas.

Vendo as serpentes tentando escapar, e não querendo perder a oportunidade de destruí-las, a impaciência tomou conta de mim. Embora soubesse que separar um pequeno grupo para a perseguição poderia ser perigoso, não conseguia pensar em outra estratégia viável para impedi-las de escapar e se reagrupar. Decidi: eu mesmo lideraria este grupo de trinta homens mais rápidos para perseguir aquele bando de serpentes, enquanto o resto da legião nos seguiria como reforço.

Foi uma decisão fatal.

Aquele grupo de quase vinte Serpentes-Rei era, na verdade, apenas uma isca. Elas conseguiram atrair nosso pequeno grupo, incluindo a mim, para as profundezas de um desfiladeiro escuro e estreito entre as montanhas submarinas. O terreno aqui era extremamente traiçoeiro, com inúmeras cavernas e recantos, um lugar ideal para uma emboscada.

Assim que entramos no meio do desfiladeiro, sons repentinos ecoaram de todas as direções. Das cavernas, das sombras das falésias, centenas de outras Serpentes-Rei surgiram simultaneamente, bloqueando todas as saídas. Seu número era muitas vezes maior do que imaginávamos – devia haver mais de duzentas. Havíamos caído completamente na armadilha.

Naquele momento, a rainha de escamas vermelho-sangue, que só tínhamos visto de relance à distância, revelou-se verdadeiramente. Ela era maior do que qualquer Serpente-Rei que eu já tinha visto, seus olhos vermelhos-sangue me encaravam, carregando uma sede de sangue e uma ferocidade aterrorizantes.

Meus trinta bravos guerreiros, embora soubessem que haviam caído em uma armadilha mortal, não vacilaram. Eles imediatamente formaram uma formação compacta

ao meu redor, preparando-se para a batalha final. Mas a desproporção de forças era esmagadora.

A rainha parecia mirar apenas em mim. Ela rugiu um som que abalou as águas e depois avançou diretamente em minha direção como uma flecha. Eu lutei com toda a minha força e Poder do Darma. A espada em minha mão se ergueu, golpeando suas escamas duras como pedra, criando faíscas na água turva. A armadura que o Pai-Rei me deu, abençoada com seu Poder do Darma, ajudou-me a suportar muitos golpes de cauda e mordidas venenosas. Eu a feri em vários lugares, seu sangue escuro começou a se espalhar.

Mas ela era muito forte, muito resistente, e o apoio de seu bando era esmagador. Em um momento de descuido, enquanto tentava bloquear um ataque a um guerreiro leal que estava sendo atacado por outra serpente por trás, a rainha aproveitou a oportunidade. Ela desferiu um golpe de cauda extremamente poderoso, que me arremessou violentamente contra as rochas afiadas. A armadura não se quebrou, mas o impacto me deixou atordoado. E antes que eu pudesse me recuperar, suas mandíbulas gigantescas, com presas longas e afiadas, me agarraram.

Minha última sensação na vida de Príncipe Lyra foi uma dor que rasgou meu corpo inteiro, e a escuridão envolveu minha consciência. Minha alma pareceu

escapar, vendo meu corpo ser engolido pelo monstro... Não, não foi exatamente assim, imediatamente.

Antes que minha consciência se apagasse completamente, eu ainda podia sentir o caos ao meu redor. Embora gravemente ferido pelo golpe da rainha e preso em suas mandíbulas, eu ainda não estava morto. Alguns dos meus mais de trinta bravos guerreiros, talvez menos de dez, também lutavam desesperadamente, tentando formar um pequeno círculo final ao meu redor, embora eles mesmos estivessem cobertos de feridas. O rugido do bando de Serpentes-Rei, o som fraco de armas se chocando, os gritos de dor dos que restavam... tudo se misturava em um som caótico e ensurdecedor.

Foi nesse momento crítico, quando estávamos quase completamente exaustos, que o resto da legião, mais de quatrocentos soldados, finalmente chegou à entrada do desfiladeiro. Talvez eles tivessem ouvido o som intenso do combate, ou sentido algo anormal. Vendo nossa situação, vendo a mim, seu príncipe, gravemente ferido, mas ainda com um sopro de vida, cercado por centenas de monstros, eles não hesitaram em atacar para nos resgatar, com a tênue esperança de nos libertar.

Mas foi verdadeiramente um esforço desesperado. Eles não apenas não conseguiram romper o cerco denso do bando de Serpentes-Rei em frenesi assassino, mas também foram arrastados para uma batalha desigual. Eu

só tive tempo de ver meus leais soldados lutarem e caírem, antes que a rainha, com um aperto final, acabasse completamente com a minha vida.

No final, apenas pouco mais de cinquenta homens de toda a força de resgate, guerreiros exaustos e cobertos de feridas, conseguiram escapar daquele cerco mortal, trazendo a trágica notícia do meu sacrifício e de quase toda a tropa de elite de volta para o reino.

Muito tempo depois, quando meu tianmu se abriu nesta vida atual, soube de mais um detalhe trágico. A garota Coralina que eu amava, depois de saber que eu havia morrido em batalha, chorou incessantemente por três dias e três noites. E então, em desespero absoluto, ela tirou a própria vida, com o desejo fervoroso de se unir a mim em uma próxima vida...

* * *

CAPÍTULO 3: O DEUS DA MONTANHA CHANGBAI

...

Após a vida como Príncipe Lyra nas profundezas do oceano, com suas batalhas heroicas e um amor inacabado, minha alma continuou sua jornada de reencarnação. Passei por muitas outras vidas como ser humano, com altos e baixos, alegrias e tristezas, às vezes como um

oficial, às vezes como um plebeu, e outras vezes como um comerciante viajante... As memórias dessas vidas são um pouco mais vagas. Mas há uma vida que me lembro muito bem, porque naquela época, eu não era um ser humano.

Naquela vida, eu era um Deus da Montanha, encarregado de governar a majestosa e sagrada região das Montanhas Changbai. (A Montanha Changbai é a montanha que fica na fronteira entre a China e a Coreia do Norte hoje.)

Isso aconteceu há muito, muito tempo, talvez cerca de setenta mil anos atrás, pela contagem de tempo de hoje. Aquele período pertencia a uma civilização que existiu antes mesmo das civilizações antigas que conhecemos. Sua língua e escrita, embora diferentes, tinham semelhanças, eram próximas do chinês antigo que conhecemos mais tarde. Talvez por isso alguns conceitos e nomes daquela época, como "Changbai", ainda tenham deixado sua marca, embora o significado possa ter mudado um pouco. Meu mandato lá, como um Deus que governava a montanha, durou mais de cem anos do mundo humano.

A Montanha Changbai naquela época não era como as montanhas comuns. Era verdadeiramente um lugar que os antigos chamavam de "onde a energia espiritual se reúne, conectando o Céu e a Terra". Era como um pilar

de energia gigante, conectando o Céu e a Terra, uma terra santa para os cultivadores e também para outras criaturas que viviam nela.

A MONTANHA CHANGBAI – UM REINO SAGRADO

A beleza e a sacralidade da Montanha Changbai há setenta mil anos são difíceis de descrever com as palavras de hoje. Imagine vastas florestas primárias com árvores milenares, cujos troncos eram tão grandes que várias pessoas não conseguiam abraçá-los, com copas exuberantes que cobriam o céu. O ar lá era sempre puro, fresco e impregnado de uma energia sagrada especial, que ao ser inalada, fazia todo o corpo se sentir leve e a mente revigorada.

O pico da Montanha Changbai naquela época era muito mais alto do que hoje, lembro-me que ultrapassava os quatro mil e quinhentos metros acima do nível do mar. O pico estava coberto o ano todo por uma espessa camada de neve branca, brilhando sob o sol ou enevoadada no nevoeiro. Não havia nenhum lago grande no pico como o Lago Tianchi que as gerações posteriores conheceriam. Em vez disso, o pico era um bloco de granito majestoso, onde o vento e a neve sopravam forte, criando uma paisagem ao mesmo tempo imponente, severa e

extremamente pura e sagrada. Acreditava-se que era o lugar mais próximo para tocar o Céu, onde os Deuses costumavam descer para observar o mundo.

A Montanha Changbai naquela época também era o lar de inúmeras feras espirituais raras, pássaros com plumagem vibrante e também flores e ervas estranhas que não podiam ser encontradas em nenhum outro lugar. O mais especial eram as plantas de ginseng de mil anos. Elas não eram apenas um precioso ingrediente medicinal, mas realmente tinham uma espiritualidade muito elevada, com a capacidade de sentir e até mesmo de se mover, escondendo-se de pessoas com corações impuros.

É por causa dessa sacralidade e da abundante fonte de energia que a Montanha Changbai atraiu muitos cultivadores do Tao de todos os lugares. Eles escolhiam cavernas discretas, cabanas de palha simples aninhadas nas profundezas da floresta para se retirarem para o cultivo, buscando a quietude para suas almas, absorvendo a energia espiritual do céu e da terra para ajudar em seu cultivo. Eles também costumavam colher ervas raras nas montanhas para fazer elixires ou preparar remédios para curar os doentes e salvar vidas.

MEU PAPEL E PODER (O DEUS DA MONTANHA)

Como o Deus encarregado pelos Céus de governar toda a região da Montanha Changbai, minha responsabilidade era imensa. Eu tinha que supervisionar o funcionamento harmonioso da natureza dentro do meu domínio, desde a grama, os galhos, os animais, até o fluxo da energia espiritual da terra. Minha missão era manter o equilíbrio geral, proteger as criaturas gentis, ajudar os verdadeiros cultivadores que tinham uma afinidade com a montanha sagrada e, às vezes, também punir aqueles que praticavam o mal ou se comportavam de forma a destruir a sacralidade da montanha. Claro, todas as minhas ações tinham que se basear na Vontade Celestial, eu não podia agir arbitrariamente por minha própria vontade.

O poder de um Deus da Montanha como eu também tinha certas limitações, não era ilimitado como muitos imaginam erroneamente. Dentro dos limites da Montanha Changbai, eu podia criar brisas suaves para afastar o calor sufocante, ou névoas passageiras para proteger as criaturas frágeis, ou às vezes para testar a determinação daqueles que acabavam de chegar à montanha. Eu também podia invocar pequenas chuvas para regar as plantas quando necessário, ou fazer pequenas rochas se moverem, mudando a paisagem em um grau que não causasse grandes perturbações à natureza. Eu podia me manifestar em várias formas quando necessário, ou me esconder, para que ninguém

me visse. Uma das minhas habilidades importantes era ver através dos corações bons e maus daqueles que entravam em meu domínio, para saber quem era digno de ajuda e de quem eu deveria desconfiar.

No entanto, grandes fenômenos climáticos como tempestades vindas do oceano, ou longos períodos de seca em uma vasta região, eram geralmente arranjados por Deuses de níveis mais altos, aqueles que governavam regiões geográficas ou elementos naturais em uma escala muito maior. Nesses casos, eu não tinha o poder de intervir para mudar, mas apenas tentar minimizar os danos dentro do alcance da minha montanha, se isso fosse permitido pelos Céus.

Sob meu governo geral, cada espécie de criatura, cada área específica na Montanha Changbai tinha outros Deuses menores, mais especializados, como um sistema hierárquico. Por exemplo, havia o Deus Tigre que governava todos os tigres na montanha, garantindo que eles caçassem de acordo com as leis da natureza, sem prejudicar outras criaturas desnecessariamente. Havia o Deus Macaco que cuidava de seu bando. Havia também os Deuses da Madeira que cuidavam do crescimento de árvores preciosas, os Deuses da Pedra que supervisionavam a estabilidade de grandes rochas e penhascos íngremes, e muitos outros Deuses, cada um com suas próprias responsabilidades.

Este sistema operava sob regras muito rigorosas, baseadas na lei de causa e efeito e na Vontade Celestial. Por exemplo, se um Deus Tigre, por negligência em sua supervisão, permitisse que seu tigre atacasse e comesse uma pessoa sem motivo – não porque o humano invadiu ou provocou primeiro, ou sem causa cármica de uma vida anterior – então aquele Deus Tigre também seria repreendido pela Corte Celestial, ou até mesmo punido, por não ter cumprido sua responsabilidade. Tudo neste universo tem sua justiça e ordem, mesmo no mundo dos Deuses. Meu mandato de mais de cem anos na Montanha Changbai foi uma longa série de dias cumprindo essas responsabilidades, mantendo a montanha sagrada sempre pacífica e harmoniosa.

TESTEMUNHANDO O FLUXO DE CULTIVADORES E A MARAVILHA DO GINSENG

Durante os mais de cem anos em que governei a Montanha Changbai, uma das coisas que mais fazia era observar silenciosamente o fluxo de cultivadores do Tao que vinham para cá. Eles vinham de muitas direções, trazendo consigo diferentes destinos e propósitos. Alguns buscavam a quietude para meditar, outros esperavam alcançar a iluminação, e outros simplesmente queriam viver uma vida reclusa, longe do mundo secular. Eles falavam uma língua antiga, e eu, como um Deus

desta terra, podia entender suas orações e pensamentos mais íntimos.

Através do meu olho celestial, eu via a sinceridade de muitos, a perseverança e a tenacidade deles no árduo caminho do cultivo. Eu também via os desafios, as tribulações demoníacas que eles enfrentavam, tanto de fora quanto de dentro de seus próprios corações. A maioria desses cultivadores, embora pudessem ter certas percepções do mundo sobrenatural, não conseguia detectar minha presença claramente. Eles podiam sentir a sacralidade da montanha, mas não sabiam que havia um Deus da Montanha os observando secretamente e, às vezes, os protegendo.

No entanto, durante meu longo mandato, também tive alguns encontros e comunhões com taoistas de virtude muito elevada. Eram pessoas que haviam cultivado por muitos anos, que haviam aberto seu tianmu e possuíam certos poderes divinos. Com eles, não precisávamos usar a linguagem humana comum para conversar. Nós nos comunicávamos através do tianmu, através da transmissão de pensamentos, uma forma de habilidade que as gerações posteriores poderiam chamar de "telepatia". Eram conversas verdadeiramente especiais, que transcendiam os limites da fala. Podíamos discutir sobre o Tao – um conceito que existia desde muito cedo em sua cultura, sobre o funcionamento milagroso do céu e da terra, sobre os mistérios do universo. Às vezes, se a

Vontade Celestial permitisse, eu também dava pequenos conselhos, avisos sutis para eles em seu caminho de cultivo, ajudando-os a evitar armadilhas ou a reconhecer pontos onde precisavam avançar. Tais encontros não eram muitos, mas cada um deixava em mim uma profunda impressão da sabedoria e firmeza dos verdadeiros cultivadores.

Outra coisa que testemunhei com frequência foi a caça às plantas de ginseng de mil anos na Montanha Changbai. Como eu disse, essas plantas de ginseng não eram apenas ingredientes medicinais comuns. Elas haviam absorvido a energia espiritual do céu e da terra por centenas, milhares de anos, e, portanto, tinham uma espiritualidade muito elevada, podendo até ser consideradas seres com um certo grau de inteligência. Sua forma era muitas vezes muito especial, com uma raiz semelhante a uma figura humana, emitindo uma energia espiritual quente que podia ser sentida. Elas também tinham a capacidade de se mover e se esconder com grande habilidade. E, claro, plantas de ginseng tão preciosas também tinham Deuses da Madeira de nível inferior, ou espíritos da floresta, que as cuidavam e protegiam.

Eu costumava usar meu poder divino, ou dar um sinal aos Deuses da Madeira, para proteger essas preciosas plantas de ginseng. Quando pessoas com corações impuros, os gananciosos, ou aqueles cujo destino ainda

não havia chegado, tentavam encontrá-las, eu fazia com que as plantas de ginseng "desaparecessem" bem diante de seus olhos, ou os guiava para outras direções. Apenas cultivadores de alta virtude, como os taoistas com quem tive a sorte de me comunicar, ou pessoas comuns com um coração verdadeiramente puro e uma grande afinidade com a floresta, tinham a chance de "ver" e "receber" o ginseng. "Encontrar" uma planta de ginseng de mil anos não era apenas uma questão de sorte, mas uma permissão minha, o consentimento dos Deuses guardiões e, às vezes, até mesmo a "aceitação" do próprio espírito do ginseng. Lembro-me de alguns taoistas de grande virtude que, ao encontrarem uma planta de ginseng preciosa, não a pegavam imediatamente. Talvez sentissem que a planta ainda não havia atingido seu ponto de "maturidade" ideal, ou queriam deixá-la para alguém com uma afinidade maior. Naquela época, eles costumavam usar um pouco de sua magia para esconder a planta ainda melhor, esperando por um momento mais apropriado no futuro.

Esses eram os traços da vida de um Deus da Montanha, as coisas que testemunhei e experimentei na sagrada Montanha Changbai.

O ENCONTRO FATÍDICO

Nos longos anos em que governei a Montanha Changbai, sempre tentei me manter dentro dos limites da Vontade Celestial, não interferindo muito no destino dos humanos ou de outras criaturas. Eu entendia que tudo no mundo tem sua causa e efeito, seu carma. Mas houve uma vez, apenas uma vez, em que a compaixão em meu coração se tornou tão forte que me desviei desse princípio. E foi essa vez que criou uma grande virada em minha vida como Deus da Montanha.

Um dia, enquanto eu vagava em meu reino, observando toda a floresta, notei uma jovem subindo com dificuldade as encostas íngremes da montanha. Ela parecia ter alguma base de cultivo, seu coração taoista inicial parecia bastante sincero, mas eu sentia que sua base era superficial e seu gongfu de cultivo ainda não era muito. O nome daquela garota, se traduzido para a língua moderna de vocês, teria um significado próximo a Ming Xin.

Ming Xin veio à Montanha Changbai não para se retirar para o cultivo ou buscar a iluminação para si mesma. Ela veio aqui com um propósito muito específico: encontrar um ginseng de mil anos para salvar sua mãe idosa, que estava gravemente doente em sua cidade natal. Eu vi a imagem de sua mãe deitada em uma cama de doente, sua respiração fraca, sua vida como uma vela ao vento. Eu também vi a piedade filial, a preocupação e o amor ilimitado que Ming Xin tinha por sua mãe.

Ela estava na montanha há muitos dias. Todos os dias, desde o amanhecer até o pôr do sol, Ming Xin vasculhava as florestas, subia inúmeras encostas, procurando em cada fenda de rocha, em cada arbusto. Seu corpo estava exausto, suas roupas frágeis estavam rasgadas em alguns lugares, seus pequenos pés provavelmente sangravam por causa dos choques com as pedras afiadas. Mas em seus olhos ainda brilhava uma determinação, uma esperança frágil. Ela acreditava que, se conseguisse encontrar o ginseng espiritual, sua mãe seria salva.

Eu observei Ming Xin por vários dias. Vi a sinceridade de seu coração filial. Mas, ao mesmo tempo, também vi o segredo celestial. De acordo com o destino predeterminado, a vida de sua mãe estava quase no fim; era o carma que ela tinha que pagar de vidas anteriores. E a própria Ming Xin, com sua base e virtude atuais, não tinha afinidade suficiente para possuir uma planta de ginseng de mil anos, um tesouro do céu e da terra. Se ela encontrasse o ginseng naquele momento, embora pudesse prolongar um pouco a vida de sua mãe, isso perturbaria o carma que já havia sido arranjado. Além disso, essa bênção era grande demais para o que Ming Xin poderia suportar naquela época, e poderia até se transformar em um desastre para ela mais tarde.

Eu sabia disso. Mas quando vi Ming Xin, após muitos dias de busca infrutífera, completamente exausta, sentar-

se sob uma árvore antiga e chorar amargamente, o choro de uma jovem fraca no meio da floresta selvagem era tão comovente. Ela olhou para o céu, suas lágrimas se misturando com o suor, implorando aos Deuses, implorando ao Deus da Montanha Changbai que tivesse compaixão e lhe mostrasse um caminho. "Por favor, salve minha mãe! Estou disposta a ser um boi ou um cavalo para retribuir!" Esses apelos desesperados, misturados com lágrimas de desespero, tocaram o fundo do meu coração.

COMPAIXÃO ALÉM DOS LIMITES

Testemunhando aquela cena, a dor e o desespero de Ming Xin, meu coração realmente se comoveu. Uma compaixão infinita surgiu, superando todas as considerações sobre o segredo celestial, sobre as leis que um Deus como eu devia seguir. Eu disse a mim mesmo: "Eu sou o Deus desta montanha, tenho algum poder, não posso ajudar uma jovem tão filial em apuros? Apenas uma pequena ajuda, talvez não cause grande perturbação. Uma vida prestes a partir, se puder ser prolongada um pouco para ficar com seus entes queridos, não seria uma coisa boa?"

Naquele momento, a compaixão em meu coração obscureceu minha razão. Esqueci que a compaixão de

um Deus deve seguir a lei celestial, deve ser baseada na sabedoria, não pode surgir de um sentimento momentâneo, e muito menos ir contra os arranjos predeterminados do carma. Eu apenas pensei simplesmente que queria ajudar Ming Xin, queria aliviar seu sofrimento.

E então, decidi intervir.

Usei meu poder divino, influenciando sutilmente os fluxos de energia no espaço, criando uma orientação invisível. Não me manifestei diretamente diante de Ming Xin, mas guiei habilmente seus passos cansados para uma área remota, onde eu sabia que havia uma preciosa planta de ginseng de algumas centenas de anos – não do tipo raro de mil anos, mas com energia espiritual suficiente para criar um milagre. Ao mesmo tempo, usei minha intenção para transmitir uma mensagem suave ao Deus da Madeira que cuidava daquela planta de ginseng, e também à consciência da própria planta, fazendo com que diminuíssem suas defesas, para que Ming Xin pudesse encontrá-la mais facilmente. Pensei que uma planta de ginseng de algumas centenas de anos talvez não criasse um carma tão grande quanto uma de mil anos.

AS CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS E O AVISO DOS CÉUS

Com certeza, pouco tempo depois, Ming Xin, em seu desespero, de repente viu uma leve auréola emanando de um arbusto denso próximo. Ela enxugou as lágrimas, levantou-se com esforço e se aproximou. E então, ela soltou um grito de alegria indescritível. Diante de seus olhos, escondida sob as folhas, estava uma raiz de ginseng com uma forma muito bonita, emitindo uma fragrância pura. Embora não fosse do tipo de mil anos que ela tanto desejava, ela podia sentir a abundante energia espiritual dela. Ela cavou cuidadosamente a raiz, segurando-a em suas mãos como um tesouro, e depois se curvou repetidamente em agradecimento ao céu e à terra, à floresta. Depois disso, ela desceu apressadamente a montanha, com o coração cheio de esperança.

Assim que Ming Xin desapareceu atrás das árvores, levando consigo a raiz de ginseng que eu a havia "ajudado" a encontrar, de repente senti uma forte vibração no espaço ao meu redor. O céu sobre o pico de Changbai, que estava claro, de repente escureceu. Um raio de luz dourada, imponente e um tanto severo, desceu das nove camadas de nuvens diretamente para onde eu estava. O ar ficou parado, todos os sons da floresta silenciaram.

Em minha consciência, uma voz ecoou, não um som emitido pela garganta, mas uma transmissão direta, poderosa:

"Ó, Deus da Montanha Changbai! Por sentimento pessoal, você perturbou a lei celestial, interferiu no carma! Você sabe que sua ação, embora nascida da compaixão, foi contra o funcionamento natural do destino? A compaixão de um Deus deve seguir a lei celestial, deve se basear na sabedoria, não pode ultrapassar os limites do universo. Você mudou arbitrariamente o que já estava determinado, e terá que arcar com as consequências de sua ação!"

Fiquei chocado, meu corpo inteiro parecia congelado. Só então eu realmente despertei, percebi meu grave erro. A compaixão, se não acompanhada de sabedoria e obediência absoluta à Vontade Celestial, não só não traz o bem, mas também pode causar perturbações imprevisíveis, e eu mesmo teria que ser responsável. Um sentimento de arrependimento e medo surgiu em meu coração, mas era tarde demais. O aviso dos Céus foi muito claro.

O JULGAMENTO E A DECISÃO COMPASSIVA

Após o severo aviso dos Céus, eu sabia que não poderia escapar do julgamento. Pouco tempo depois, senti uma força invisível me puxando, levando meu corpo espiritual para longe da Montanha Changbai, para um reino solene onde Deuses de nível superior se reuniam.

Diante da Corte Celestial, não neguei meu crime nem justifiquei minha ação. Admiti honestamente meu erro, reconhecendo que, por compaixão momentânea, perturbei o mecanismo celestial e interfeiri no carma de outra pessoa. Aceitei qualquer punição.

Os Deuses na Corte Celestial, após examinarem cuidadosamente o assunto, viram claramente que minha ação, embora falha e violadora da lei, originou-se de um coração compassivo, querendo ajudar um ser senciente em apuros, e não por ganho pessoal ou malícia. Além disso, minha intervenção também foi moderada, apenas uma planta de ginseng de algumas centenas de anos, não ao ponto de causar grandes perturbações no destino.

Portanto, a punição que os Céus me deram, embora severa, também continha compaixão e um arranjo cheio de afinidade predestinada. Eu seria privado de uma parte considerável do meu poder divino e, mais importante, meu mandato como Deus da Montanha Changbai teria que terminar mais cedo do que o previsto. Eu teria que descer ao mundo mortal e reencarnar como humano.

O propósito de descer ao mundo mortal, como eu entendi, não era apenas para ser punido. Os Céus queriam que eu, ao me tornar diretamente parte do fluxo cármico em que havia interferido, especialmente a conexão predestinada com a piedosa Ming Xin, experimentasse e compreendesse mais profundamente as consequências daquela ação. Ao mesmo tempo, esta também era uma oportunidade para eu aperfeiçoar ainda mais meu cultivo, para que minha compaixão futura fosse sempre acompanhada de sabedoria e respeito absoluto pela Vontade Celestial, e não mais dominada por emoções momentâneas.

UMA DESPEDIDA DA FLORESTA E UM NOVO COMEÇO

Antes que minha alma deixasse oficialmente o reino dos Deuses para se preparar para a reencarnação, tive permissão para retornar e ver a Montanha Changbai uma última vez. Do alto, contemplando toda a majestosa cadeia de montanhas, onde estive ligado e protegido por mais de cem anos, meu coração se encheu de um sentimento de saudade indescritível. Senti a relutância da grama e das árvores, dos animais, dos riachos murmurantes e até mesmo do ginseng espiritual que eu protegera. Parecia que eles também sabiam que seu Deus da Montanha estava prestes a partir. Despedi-me

silenciosamente de todos, prometendo que, se o destino permitisse, um dia eu voltaria.

Então, minha alma foi guiada por um Deus através de diferentes dimensões, entrando no ciclo de reencarnação do reino humano. E um arranjo inesperado, uma afinidade predestinada milagrosa foi estabelecida. Fui reencarnado, não em uma família estranha, mas como filho de Ming Xin – a jovem piedosa por quem senti compaixão e ajudei na Montanha Changbai.

A VIDA COMO FILHO DE MING XIN – EXPERIÊNCIA E CRESCIMENTO

Ming Xin, minha mãe naquela vida, era uma mulher extremamente gentil, virtuosa e que amava imensamente seus filhos. Talvez graças a alguma virtude de sua piedade filial para com sua mãe idosa (a mãe de Ming Xin na vida anterior), juntamente com a energia espiritual da raiz de ginseng que eu a 'ajudei' a encontrar, sua mãe sobreviveu à doença grave e viveu por muitos mais anos, o suficiente para ver seu neto nascer e crescer.

Meu pai naquela vida (o marido de Ming Xin) também era um homem simples, gentil e que amava muito sua esposa e filhos. Nossa família vivia em uma pequena

aldeia no campo, a vida era um pouco difícil, mas sempre cheia de risos e cuidado mútuo.

Desde muito jovem, eu tinha sentimentos vagos, sonhos estranhos sobre vastas florestas, sobre algo muito sagrado e majestoso. Eu tinha uma conexão especial com a natureza, gostava de vagar pelas colinas, ouvir o canto dos pássaros, observar as nuvens flutuarem. Mas eu não conseguia me lembrar claramente de minha vida passada como um imponente Deus da Montanha. A única coisa era que, em minha consciência, sempre houve um respeito especial pelos cultivadores, pelas altas montanhas e uma vaga crença na existência de Deuses e Budas.

Fui amado e cuidado por meus pais, que me deram uma boa educação. Ao crescer, mostrei-me um filho obediente, filial e estudioso. Mais tarde, passei nos exames e me tornei um pequeno oficial local, talvez equivalente a um magistrado de condado hoje. Durante meus anos como oficial, sempre tentei viver uma vida íntegra, honesta, ajudando as pessoas dentro de minhas possibilidades, tentando trazer justiça e prosperidade para o povo da minha região. Talvez, em algum lugar no meu subconsciente, eu ainda quisesse fazer coisas boas, como uma forma de compensar o que minha intervenção impensada como Deus da Montanha poderia ter causado, embora eu não estivesse consciente disso claramente.

Naquela vida, como filho de Ming Xin, eu realmente experimentei todos os altos e baixos da vida humana: a alegria das reuniões de família, a tristeza das despedidas, as preocupações com o sustento, a responsabilidade com o trabalho e a sociedade. Entendi que cada ser, não importa quem seja, tem seu próprio destino e seus próprios fardos. Também compreendi mais profundamente o amor dos pais, seu sacrifício silencioso. E percebi que a intervenção externa na vida de alguém, por mais bem-intencionada que seja, deve ser extremamente cuidadosa, porque não podemos prever todas as consequências e perturbações que pode causar na já complexa roda do carma.

A vida como filho de Ming Xin, embora simples, ensinou-me lições inestimáveis sobre a vida, o amor humano e o funcionamento da lei celestial. Foi verdadeiramente uma preparação necessária para as próximas jornadas da minha alma.

* * *

CAPÍTULO 4: OS SEGREDOS CELESTIAIS DOS TRÊS REINOS

...

Talvez hoje em dia, muitas pessoas já tenham ouvido falar do período dos Três Reinos da China, uma era de batalhas heroicas, estratégias espantosas e laços de fraternidade celebrados por muitas gerações. Mas isso é apenas uma parte da peça. Escondido atrás das bandeiras que tremulavam ao vento e do som de armas se chocando, havia outro mundo, um mundo de mestres taoistas reclusos, das artes da numerologia, de pessoas que podiam ver o destino com antecedência. Foi uma era em que a Vontade Celestial e a lei de causa e efeito se manifestaram de uma forma estranhamente clara.

E em uma vida, eu estive lá, não como um general famoso, mas como um observador silencioso.

Minha alma naquela época carregava um nome muito taoista: Qing Xuzi.

Eu cultivei o Tao desde criança na Montanha Wudang, uma montanha sagrada envolta em névoa o ano todo. Meu mestre era um verdadeiro cultivador; Ele não apenas me ensinou medicina e numerologia, mas, mais importante, Ele abriu para mim o caminho para sentir o funcionamento do céu e da terra, aquilo que o mundo chama de Vontade Celestial. Graças à minha boa base e aos seus ensinamentos, meu tianmu foi aberto cedo, ajudando-me a ver coisas que os olhos comuns não podiam ver.

Quando meu mestre alcançou a Perfeição e ascendeu aos céus, deixei a montanha e comecei minha jornada pelo mundo secular. Foi um tempo de grande caos no império. A corte da dinastia Han era apenas uma sombra, senhores da guerra surgiam por toda parte, cada um carregando o sonho de se tornar um soberano. Eu, então com mais de quarenta anos, viajei por muitas terras e vi muitas cenas de sofrimento. Naqueles anos de peregrinação, encontrei muitos cultivadores do Tao escondidos entre as pessoas comuns; alguns cultivavam em montanhas famosas, outros se escondiam em meio aos mercados barulhentos. Muitas vezes, bastava um olhar para nos reconhecermos, conversávamos um pouco sobre os assuntos do mundo, sobre o Tao, e depois cada um seguia seu caminho.

Mas entre eles, houve alguns encontros especiais, encontros com pessoas que não só tinham uma alta virtude, mas também uma conexão íntima com o destino de toda a era. E foi através desses encontros extraordinários que gradualmente comecei a ver a rede invisível que cobria todo o império. O primeiro encontro foi com o Mestre Shuijing, Sima Hui...

E então, o destino me levou à propriedade de Shuijing.

ENCONTRANDO O MESTRE SHUIJING

A propriedade de Sima Hui não ficava em um lugar excessivamente remoto, mas exalava uma atmosfera de isolamento peculiar. Uma cerca de bambu esparsa a rodeava, alguns pinheiros antigos estendiam seus galhos para dar sombra, e o som da água correndo de um pequeno riacho era audível. Não havia portões altos ou muros grandes, nem servos apressados. Entrei e vi apenas um jovem acólito varrendo folhas secas sob uma ameixeira. Vendo um visitante, o acólito não perguntou meu nome, apenas se curvou em saudação e me guiou para dentro.

Sob um simples alpendre de madeira com vista para um lago, um velho de barba e cabelos brancos, vestido com roupas simples de tecido grosseiro, estava sentado sozinho diante de um tabuleiro de Go. As peças pretas e brancas estavam em uma posição de tenso impasse. O velho não levantou a cabeça, mas sua voz soou, profunda, quente e clara.

"Amigo taoista, você traz consigo a névoa da Montanha Wudang. No tabuleiro deste pobre taoista, há uma posição difícil, convido-o a dar uma olhada."

Eu sabia que ele era o Mestre Shuijing, e ele também sabia quem eu era. Entre os cultivadores do Tao, a comunicação espiritual às vezes é mais rápida que as palavras. Sorri e sentei-me à sua frente.

"Mestre", eu disse, "neste jogo, embora o lado branco esteja em desvantagem, cercado, ainda há um caminho para a vida no canto. Acontece que esse caminho é muito estreito e requer um movimento milagroso para quebrar o cerco. Receio que seja difícil para uma pessoa comum ver e, mesmo que veja, não teria coragem suficiente para fazê-lo."

O Mestre Shuijing então levantou a cabeça, seus olhos claros como a superfície de um lago no outono, olhou para mim e acenou levemente com a cabeça. Ele agitou a manga e varreu as peças do tabuleiro.

"Parece que o amigo taoista e este pobre taoista não precisam mais discutir o jogo. Por favor, tome um chá."

O acólito trouxe um bule de chá fumegante. O aroma do chá era suave e puro. Sentamo-nos em silêncio por um longo tempo, com apenas o som do vento sussurrando e da água corrente.

"Amigo taoista, você viajou por toda parte", começou o Mestre Shuijing, "o que você viu neste grande tabuleiro de Go que é o império?"

"Eu vejo dragões e serpentes misturados, cervos e veados competindo", respondi. "Mas não vejo o dragão verdadeiro. O dragão da dinastia Han, sua energia vital

está esgotada, sua linhagem de dragão foi quebrada, resta apenas uma sombra vacilante."

O Mestre Shuijing suspirou, um suspiro que parecia conter a tristeza de quatrocentos anos. "É verdade. A linhagem do dragão foi quebrada. O que os senhores da guerra estão disputando é, na verdade, apenas o cadáver de um dragão sem alma. Yuan Shao em Hebei, com sua família de quatro gerações de altos ministros, parece um tigre feroz, mas seu qi do destino é misto; forte por fora, fraco por dentro. É um tigre de papel, que se desfaz com uma chuva forte."

"E Cao Cao em Xuchang?", perguntei. "Vejo que o qi desta pessoa é profundo e insondável, com o qi de um soberano, mas também misturado com o qi de um vilão heroico. Muito complexo."

"O amigo taoista não vê errado", disse o Mestre Shuijing, tomando um gole de chá. "Cao Cao é um dragão de inundação. Um dragão de inundação pode reinar sobre rios e mares, agitar nuvens e chuva, mas não é um dragão verdadeiro. Ele pode agir em nome do Céu por um período, mas não pode se tornar o Céu. Seu destino é encerrar uma era antiga, não abrir uma nova dinastia que possa durar. Ele é o chicote dos Céus, usado para açoitá-lo o cadáver do dragão morto, para limpar o palco para outras atuações."

Suas palavras me fizeram despertar. "O chicote dos Céus". Essa expressão era tão precisa.

"E quanto aos descendentes da família Sun em Jiangdong?", continuei. "Aquele lugar usa o grande rio como linha de defesa, a terra é fértil, o povo é leal, parece um reino à parte."

"Jiangdong tem o qi de um imperador, mas é o qi de um rei satisfeito com seu domínio", respondeu o Mestre Shuijing. "Eles podem manter sua herança, mas não têm o destino de unificar o império. São como um tigre que ocupa uma montanha, pode ser o senhor de uma região, mas nunca descenderá à planície para competir com uma manada de leões."

Ficamos em silêncio novamente. O que dizíamos, se uma pessoa comum ouvisse, provavelmente consideraria uma conversa fiada. Mas eu sabia que era o que nós realmente "víamos", era o funcionamento do qi do destino, do Mandato do Céu.

Olhei para a superfície calma do lago. Pensei em Liu Bei, que tinha sangue real, vagando por toda parte, sua grande ambição ainda não realizada.

Como se lesse meus pensamentos, o Mestre Shuijing disse baixinho: "Há mais uma pessoa, que carrega em si um pouco do verdadeiro qi da casa de Han, mas é muito

fraco. Esta pessoa tem retidão de sobra, mas lhe falta o tempo oportuno. Ele é como uma boa semente, mas que caiu no inverno rigoroso, é muito difícil germinar e se tornar uma árvore antiga."

"Mestre", perguntei, "então este império, será que permanecerá no caos para sempre?"

O Mestre Shuijing não respondeu imediatamente. Ele se levantou, cruzou as mãos atrás das costas, caminhou até a beira do alpendre e observou as ondulações na superfície do lago.

"Não. Todo palco eventualmente tem que baixar as cortinas. Após o grande caos, virá o tempo em que a poeira assentará. Haverá talentos que surgirão no mundo, ajudando o jogo de Go a ter um resultado temporário. Mas será apenas um resultado temporário. O amigo taoista sabe que há um jovem em Longzhong?"

"O Mestre Wolong?", respondi.

"Sim", o Mestre Shuijing se virou, e em seus olhos havia um brilho complexo, uma mistura de admiração e pesar. "O talento deste homem pode ser comparado ao de Jiang Ziya, Zhang Zifang. Mas, infelizmente, ele nasceu no tempo errado. Jiang Ziya encontrou o Rei Wen quando a dinastia Shang estava em seu declínio final, então pôde ajudar a dinastia Zhou a estabelecer uma fundação de

oitocentos anos. Zhang Zifang encontrou Han Gaozu quando a dinastia Qin havia se tornado extremamente tirânica, então pôde ajudar a dinastia Han a ter paz por quatrocentos anos."

Ele fez uma pausa e então disse uma frase que eu lembraria para sempre.

"Quanto a Wolong, ele encontrou seu senhor, mas em um momento em que o Mandato do Céu da dinastia já havia se esgotado. Ele é como o melhor médico do mundo, mas que foi convidado a tratar um paciente cujos órgãos internos já estão todos falidos. Ele pode prolongar um sopro de vida, pode tornar os últimos dias menos dolorosos, mas não pode de forma alguma trazer os mortos de volta à vida. Essa é a sua tragédia, e também a tragédia desta era."

Suas palavras foram como um martelo batendo em minha mente, tornando meus pensamentos vagos claros. Levantei-me e fiz uma reverência profunda.

"Obrigado, Mestre, por seus ensinamentos. Qing Xuzi entendeu."

Quando parti, ainda ouvia o eco de seu suspiro. Eu sabia que, em breve, Liu Bei viria aqui, e o Mestre Shuijing lhe falaria sobre Wolong e Fengchu. Mas a essência do

segredo celestial, o fato de "não nascer no tempo certo", ele provavelmente guardaria para si em um suspiro.

ENCONTRANDO ZHUGE LIANG

Deixando a propriedade de Shuijing, as nuvens de neblina em minha mente sobre a situação política pareceram se dissipar um pouco. As palavras do mestre sobre "o médico brilhante" e "o paciente cujos órgãos internos já estão todos falidos" ecoavam em minha cabeça, impelindo-me a ir para Longzhong. Eu queria ver este "Wolong" com meus próprios olhos, não para ver quão grande era seu talento, mas para sentir a alma de um homem diante de uma escolha fatídica.

A cabana de palha de Zhuge Liang ficava em uma colina em Longzhong, de onde se podia ter uma vista panorâmica de uma vasta extensão de terra. Ao contrário da propriedade elegante e isolada de Shuijing, este lugar exalava uma atmosfera diferente. Ainda era a simplicidade de um eremita, mas no silêncio se escondia o movimento. Vi campos arados com esmero, canteiros de vegetais verdejantes e alguns modelos de tabuleiros de areia militares feitos de terra e seixos, meticulosamente arranjados no pátio. Este não era o lugar de alguém que queria se afastar completamente do

mundo, mas de alguém que estava esperando o momento certo.

Fui até lá com Cui Zhouping, um amigo em comum meu e de Zhuge Liang. Quando entramos, vi um jovem, com pouco mais de vinte anos, sentado perto da janela, segurando um livro antigo, mas seus olhos não estavam no livro, e sim seguindo as nuvens que flutuavam no céu. O jovem era alto, com uma aparência erudita, mas seus olhos brilhavam de uma forma estranha, como se pudessem ver através do coração das pessoas. Era Zhuge Kongming.

Ele pousou o livro, levantou-se e nos cumprimentou com as mãos postas, seu comportamento era calmo e elegante. Cui Zhouping me apresentou como um taoista da Montanha Wudang. Zhuge Liang olhou para mim, seus olhos se estreitaram ligeiramente, um olhar inquisitivo, mas de forma alguma indelicado. Eu sabia que ele também estava me "vendo", e não apenas com os olhos físicos.

Sentamo-nos e, a princípio, falamos apenas sobre o tempo, a agricultura, conversas triviais de amigos que não se viam há muito tempo. Mas, gradualmente, a conversa se voltou para a situação do império.

Cui Zhouping era direto, ele perguntou a Zhuge Liang: "Kongming, você é tão talentoso e inteligente, por que

continua a lavrar a terra neste lugar montanhoso? Por que não sai para ajudar o mundo e construir uma carreira de renome?"

Zhuge Liang apenas sorriu, abanando seu leque de penas. "Irmão Zhouping, o tempo ainda não chegou, por que a pressa? Pássaros sábios escolhem seus galhos para pousar, ministros competentes escolhem seus senhores para servir. Se o senhor não apareceu e o tempo não chegou, sair seria como uma mariposa se atirando ao fogo, desperdiçando uma vida em vão."

Ao ouvir essa resposta, soube que ele não era alguém que buscava a fama comum. Ele estava esperando por um "senhor" digno de seu talento. Então, eu disse: "O mestre diz 'o tempo ainda não chegou', mas será que o mestre pode esperar até que 'o tempo chegue'? Ou, o mestre pretende criar o 'tempo' por si mesmo?"

Minha pergunta parecia ter tocado em seus pensamentos mais íntimos. O olhar de Zhuge Liang para mim se aprofundou.

"O taoista está certo", ele respondeu, sua voz não mais em tom de conversa fiada. "O Tempo é determinado pelo Céu, a Situação é criada pelo homem. O homem pode criar a 'Situação', mas não pode ir contra o 'Tempo'. A dinastia Han durou quatrocentos anos, seu qi do destino se esgotou, isso é o 'Tempo'. Os senhores da guerra

lutam, o povo sofre, isso é a 'Situação'. Uma pessoa talentosa nestes tempos pode, no máximo, seguir a 'Situação' para criar um novo cenário, mas como pode se apegar a um 'Tempo' que já passou?"

Nossa conversa aprofundou-se cada vez mais nos princípios do I Ching, da arte de ler as estrelas. Ele falou sobre o movimento dos astros, sobre a correspondência entre os fenômenos celestes e os assuntos mundanos de uma forma clara e precisa, não como um erudito que aprendeu nos livros, mas como alguém que observou e experimentou por si mesmo. Eu sabia que este jovem também era um cultivador do Tao, alguém que havia aberto sua sabedoria a um nível muito elevado.

Quando a conversa atingiu seu ponto mais íntimo, concentrei meu olhar nele. E foi então que uma cena estranha apareceu diante do meu tianmu.

A imagem do jovem erudito e gentil desapareceu gradualmente, sobreposta por outra imagem, de um passado muito mais distante. Vi um campo de batalha envolto em fumaça e fogo. Em uma plataforma alta, um general estava sentado em uma cadeira de rodas, seu rosto coberto de cicatrizes e até mesmo com tatuagens de um criminoso. Suas pernas pareciam estar lá, mas suas rótulas haviam sido removidas, deixando-as moles e impotentes, tornando-o incapaz de se levantar para sempre. Seu olhar era frio como aço, suas mãos davam

ordens contínuas, comandando as três forças como uma máquina perfeita. Dezenas de milhares de soldados obedeciam sem questionar, formando padrões de batalha que mudavam imprevisivelmente, cercando o inimigo até a morte. Eu o reconheci. Era Sun Bin, o genial, mas trágico estrategista do estado de Qi durante o Período dos Reinos Combatentes. A imagem foi apenas um vislumbre, depois desapareceu, devolvendo-me a imagem de Zhuge Liang sentado à minha frente, saudável e completo.

Por um momento, eu entendi tudo.

A alma infeliz de Sun Bin, após sofrer a traição cruel de Pang Juan, agora havia retornado, em um corpo são, com uma inteligência ainda mais aguçada. E seu hábito posterior de se sentar em uma carruagem de quatro rodas quando ia para a batalha, não era ostentação, mas uma marca indelével de uma vida passada, uma lembrança dos anos em que teve que comandar tropas de uma cadeira de rodas.

Olhei para Zhuge Liang, e meu olhar talvez tenha revelado algo. Ele também olhou para mim, e então pareceu sentir o que eu tinha visto. Ele não disse nada, apenas estendeu a mão silenciosamente para me servir mais chá.

"O taoista veio da Montanha Wudang, deve ter visto muitas coisas", disse ele baixinho, como se falasse para si mesmo. "Este Zhuge Liang é apenas um camponês, esperando passar seus dias em paz. Só temo que a árvore deseje a quietude, mas o vento não para."

Eu sabia que ele estava sendo modesto. "O mestre não é uma árvore", respondi. "O mestre é um grande vento. Acontece que este vento está esperando, sem saber se deve soprar para o leste ou para o oeste. Mas eu vejo que, em breve, haverá outro vento, um vento que carrega o verdadeiro qi da casa de Han, embora fraco, que também virá aqui para se juntar ao vento do mestre."

Eu havia previsto a chegada de Liu Bei.

Ao ouvir isso, Zhuge Liang não mostrou alegria nem surpresa. Ele pousou a xícara de chá e olhou pela janela, onde as nuvens ainda flutuavam preguiçosamente. Ele não disse nada, mas eu ouvi seu suspiro. Um suspiro muito suave, quase inaudível, mas que continha uma aceitação imensa.

Não foi um suspiro de hesitação. Foi o suspiro de alguém que já sabia que o caminho à sua frente seria cheio de espinhos, que o resultado seria trágico, mas ainda assim o aceitava, como parte de sua missão, parte do destino que sua alma tinha que cumprir. Naquele momento, eu não via mais o estrategista Kongming, mas

apenas uma grande alma, enfrentando silenciosamente sua própria tragédia.

ENCONTRANDO O MÉDICO DIVINO HUA TUO

Após o encontro com Wolong, não fiquei muito tempo em Xiangyang. Continuei minha jornada de peregrinação, indo para o leste, onde havia montanhas famosas por suas ervas preciosas. Eu queria encontrar um lugar verdadeiramente tranquilo para contemplar o que tinha visto. E foi nesse caminho que tive outro encontro extraordinário.

Em uma encosta de montanha desolada, quando a névoa da manhã ainda não havia se dissipado, vi um velho de barba e cabelos brancos, com uma cesta de remédios nas costas, subindo cuidadosamente um penhasco íngreme para colher um galho de uma planta estranha. Seus movimentos eram ágeis e firmes, não como os de um homem de setenta anos. Eu o reconheci, não por sua fama, mas pela aura pura e pacífica que emanava dele. Era o médico divino Hua Tuo.

Não me aproximei para não o perturbar, apenas me sentei em uma rocha próxima, observando em silêncio. Um pouco depois, quando ele terminou de colher o que

precisava, ele se virou e me viu. Ele não se surpreendeu, apenas sorriu gentilmente e se aproximou.

"Este velho é ganancioso, querendo pegar um pouco da energia espiritual do céu e da terra, não esperava encontrar um amigo taoista aqui", disse ele, com voz clara e ressonante.

"O mestre pega a energia espiritual do céu e da terra para salvar os seres vivos, isso é seguir o Tao, não há ganância nisso", respondi.

Sentamo-nos juntos na rocha. Sem muitas palavras, pude sentir que éramos companheiros no mesmo caminho, apenas que a forma como nos manifestávamos no mundo era diferente. Eu cultivava o Tao para buscar sabedoria para mim mesmo, enquanto ele usava o Tao para curar os outros.

Olhei para sua cesta de remédios e vi ervas extremamente raras, que só cresciam em lugares onde o qi da terra se concentrava. Entendi que sua habilidade médica não vinha apenas de livros ou experiência acumulada. Sua habilidade médica, em essência, era um tipo de poder divino.

Quando me concentrei em olhá-lo, meu tianmu viu isso. Vi que toda vez que ele diagnosticava um paciente, um feixe de luz suave de seu yintang (ponto entre as

sobrancelhas) se projetava, penetrando a carne do paciente, ajudando-o a ver claramente cada órgão interno, a ver os meridianos em funcionamento, a ver onde o qi e o sangue estavam bloqueados, e até mesmo os germes de doenças, os tumores escondidos. Era por isso que ele podia realizar cirurgias que o mundo considerava milagres. E eu sabia, era também por isso que ele podia ver o tumor no cérebro de Cao Cao, algo que nenhuma técnica médica comum poderia fazer.

"A habilidade médica do mestre atingiu um nível transcendental", eu disse. "É uma pena que existam doenças que não podem ser curadas com remédios ou bisturis."

Hua Tuo acenou levemente com a cabeça, seu olhar se voltou para o norte distante, onde Cao Cao estava entrincheirado. "É verdade, amigo taoista. A doença do corpo pode ser tratada. Mas a doença da mente, a doença do destino, a habilidade médica deste velho é impotente. Há pessoas cuja mente desconfiada se tornou um tumor ainda maior que o tumor em seu cérebro. Para curá-las, primeiro é preciso operar essa mente. Mas isso é impossível."

Em um momento de silêncio, ele e eu parecíamos ver a mesma cena. Vi a cena dele sendo preso por ordem de Cao Cao, em um acesso de fúria e desconfiança. Vi-o sentado em uma masmorra escura, calmamente

organizando as últimas páginas de seus livros de medicina antes de aceitar a morte. Hua Tuo, com suas habilidades, obviamente também via esse seu destino. Mas em seu rosto não havia o menor traço de medo ou ressentimento, apenas uma aceitação serena.

"Cada pessoa que vem a este mundo traz consigo suas próprias dívidas, amigo taoista", disse ele baixinho. "Este velho curou pessoas por toda a vida, mas também tem dívidas que devem ser pagas com esta própria vida. Essa é a justiça do céu e da terra."

Juntei as mãos e fiz uma reverência a ele. Eu respeitava sua habilidade médica, mas respeitava ainda mais seu coração que seguia o Mandato do Céu. Nos separamos em silêncio, cada um seguindo seu caminho, mas eu sabia que nossas almas se encontrariam novamente em lugares mais elevados.

O encontro com Hua Tuo, juntamente com o que eu tinha visto no Mestre Shuijing e em Zhuge Liang, me impeliu a buscar uma resposta final, uma resposta para toda a tragédia desta era. Encontrei uma caverna tranquila na montanha, comecei a meditar, determinado a ver a origem de tudo.

Quando minha mente se acalmou, quando todos os pensamentos dispersos do mundo desapareceram, meu tianmu se abriu para um espaço mais profundo. Minha

consciência parecia transcender o tempo, voando de volta ao passado. Quatrocentos anos, um longo tempo para uma vida humana, mas apenas um piscar de olhos no fluxo do universo.

E eu vi.

Vi um Han Gaozu Liu Bang imponente e majestoso, mas em seus olhos brilhava a desconfiança e a inveja dos ministros meritórios que haviam passado pela vida e pela morte com ele. Vi a imagem de Han Xin, o grande general vitorioso em cem batalhas, sendo enganado para entrar no palácio e decapitado, antes de morrer, ele olhou para o céu e lamentou com ressentimento: "Arrependo-me de não ter ouvido o conselho de Kuai Che, a ponto de ser enganado por uma mulher. Não é esta a vontade do céu?"

Sua aura de ressentimento não se dissipou, mas se condensou, atravessando quatrocentos anos de história, entrando no corpo de uma criança que mais tarde seria chamada de Cao Cao.

Vi então Peng Yue, um rei leal, sendo falsamente acusado de traição e submetido à tortura extrema, com toda a sua família sendo exterminada. O ressentimento dele e de sua família também se transformou em uma aura negra, que voou e encontrou uma alma que mais tarde reencarnaria como Liu Bei.

Depois vi Ying Bu, outro general feroz, sendo levado ao limite e forçado a cometer suicídio. Seu ressentimento também não se dissipou, mas encontrou seu caminho para a terra de Jiangdong, esperando o dia de reencarnar como Sun Quan.

A cena mais chocante apareceu por último. Vi a alma de Han Gaozu Liu Bang, após sua morte, passar por muitas reencarnações para pagar seu carma. E nesta vida, ele havia reencarnado em sua própria família real, tornando-se o Imperador Xian de Han, o último imperador da dinastia Han.

Nesse ponto, tudo de repente ficou terrivelmente claro.

Nada disso foi coincidência. Foi um pagamento cármico perfeitamente arranjado. A dívida do passado era muito grande e agora tinha que ser paga com um império inteiro. Os três ministros meritórios que foram mortos injustamente agora retornavam, transformados nas três forças mais poderosas, dividindo e dilacerando a própria fundação que o ancestral de seu algoz havia construído. O Imperador Xian de Han, a encarnação de Liu Bang, teve que pagar o preço testemunhando o colapso de seu império em impotência, tornando-se um fantoche nas mãos dos descendentes daqueles que ele havia matado.

Este era o "destino do céu", uma teia cármica gigante, invisível, da qual ninguém podia escapar.

Compreendendo isso, eu não via mais os Três Reinos como uma disputa de heróis, mas como um pagamento de dívidas sangrento e trágico. E todos os personagens nele, de Cao Cao, Liu Bei, Sun Quan, a até mesmo Zhuge Liang, Zhou Yu, Sima Yi, eram todos apenas peças de xadrez, desempenhando seus papéis em um tabuleiro cármico que havia sido montado quatrocentos anos antes.

O MUNDO COMO UM PALCO

Compreendendo que toda esta era era uma grande peça para quitar dívidas cármicas, comecei a ver os eventos subsequentes com outros olhos. Eu não via mais apenas as estratégias dos homens, as vitórias e derrotas no campo de batalha, mas também a mão invisível dos Céus arranjando tudo. As coisas que as gerações futuras considerariam misteriosas, sortudas ou milagrosas, aos olhos de um cultivador do Tao, tornaram-se extremamente claras.

Lembro-me bem da história do cavalo Dilu de Liu Bei. Dizia-se que era um cavalo que matava seu dono, quem o montasse certamente encontraria o desastre. Quando Liu Bei estava em Jingzhou, Cai Mao quis prejudicá-lo, e ele teve que fugir sozinho a cavalo. À sua frente estava o riacho Danxi, com vários zhangs de largura e correnteza forte; atrás, as tropas perseguidoras

estavam se aproximando. Em uma situação de vida ou morte, o cavalo Dilu de repente deu um salto extraordinário, voando para a outra margem, salvando Liu Bei da morte. As pessoas consideraram isso uma sorte rara, ou que Liu Bei tinha grandes bênçãos e por isso escapou do perigo.

Mas quando observei esse evento em meditação, vi uma cena completamente diferente.

Vi Liu Bei, em desespero, cavalcando em direção ao riacho. Ele sabia que não tinha para onde recuar. Naquele momento de vida ou morte, quando sua vontade de viver atingiu o auge, um feixe de luz dourada desceu do alto dos céus, envolvendo tanto o homem quanto o cavalo. A luz era quente e poderosa. Eu sabia que era o poder divino dos Deuses Celestiais que o protegiam. Liu Bei era um personagem importante nesta peça cármica, seu papel ainda era muito longo, como poderia terminar aqui?

Sob a bênção do poder divino, o cavalo Dilu, que estava em pânico, de repente se acalmou. Seus olhos brilharam intensamente. O medo desapareceu, substituído por uma bravura estranha. Todos os seus músculos foram preenchidos com uma fonte de energia sobrenatural. Seu salto não foi meramente a força de um animal, mas a manifestação da Vontade Celestial. Ele voou sobre o riacho, leve como uma folha, aterrissando com segurança

na outra margem. Não foi sorte, foi a proteção inevitável para alguém com um verdadeiro mandato, alguém cujo papel ainda não havia chegado ao fim.

E então, a história de Zhuge Liang. Como eu disse, ele sabia muito bem que o destino da dinastia Han estava selado, sabia que não podia ir contra o Mandato do Céu. Então, por que ele ainda decidiu deixar sua cabana de palha, descer a montanha para ajudar Liu Bei, embarcando em um caminho que ele sabia de antemão que não teria um resultado final?

As gerações posteriores o elogiaram por sua lealdade e retidão, por seu espírito de "fazer o que sabe ser impossível". Eles viram isso como a mais nobre expressão de um grande ministro totalmente leal ao seu rei, dedicado ao seu país. Isso está correto, mas é apenas a superfície da história, a casca que as pessoas comuns podem sentir e admirar.

Em um nível mais profundo, entendi que Zhuge Liang, como alguém que havia cultivado, aceitou seu papel nesta peça. Ele não desceu a montanha para mudar o resultado. Ele desceu a montanha para cumprir sua missão. Qual era essa missão? Tornar o conceito de "Yi" (Retidão) do período dos Três Reinos mais brilhante e rico. Deixar para a posteridade um exemplo imortal de lealdade, da relação entre governante e ministro, da dedicação até o último suspiro. Ele sabia que fracassaria

em restaurar a dinastia Han, mas teria sucesso em criar uma história para a posteridade, uma lição que as pessoas ainda ponderariam milhares de anos depois.

Sua vida, desde as três visitas de Liu Bei à sua cabana de palha até sua morte nos Planaltos de Wuzhang, foi a lição mais vívida. Sem ele, a história de Liu Bei seria apenas a história de um tio imperial com um coração benevolente, mas sem talento. Sem ele, o "Yi" entre Liu, Guan e Zhang não teria terreno para brilhar. Os Céus precisavam de um personagem como ele para tornar a peça perfeita, para que os valores espirituais centrais fossem levados ao seu auge.

Zhuge Liang aceitou esse papel trágico. Ele não estava tentando lutar contra o destino, mas sim seguindo o destino para desempenhar seu papel plenamente, um papel grandioso e solitário.

AS LENDAS DE ZHUGE LIANG

As lendas místicas sobre Zhuge Liang também são assim; elas não são nada místicas para aqueles que estavam envolvidos. As gerações posteriores que leem as histórias e assistem às peças muitas vezes ficam maravilhadas e admiram, pensando que ele era um imortal com poderes que alcançavam os céus. Mas, na verdade, era apenas a

aplicação das habilidades que um cultivador pode alcançar quando sua mente e sabedoria se abrem a um certo nível.

Tomemos, por exemplo, a história de "emprestar flechas com barcos de palha".

As pessoas só veem o resultado: em uma noite de neblina, Zhuge Liang sentou-se calmamente em um barco, tocando sua cítara e bebendo vinho, e conseguiu obter mais de cem mil flechas de Cao Cao, resolvendo o dilema que Zhou Yu havia criado para prejudicá-lo. Eles pensaram que era uma estratégia brilhante, uma audácia extraordinária. Mas eles não sabiam que, para Zhuge Liang, não era audácia, mas um cálculo certo.

Alguns dias antes, eu o observei. Vi que ele não estava apenas examinando o terreno do rio, não estava apenas analisando a psicologia desconfiada de Cao Cao. Vi que todas as noites ele saía silenciosamente, olhava para as estrelas, fazia cálculos com os dedos e murmurava frases que as pessoas comuns não conseguiam entender. Ele não estava apenas observando a astronomia da maneira usual. Ele estava usando a numerologia, combinada com suas habilidades de percepção, para calcular com precisão o movimento do qi celestial.

Ele sabia com certeza que, na terceira noite, na quinta vigília, haveria uma névoa densa sem precedentes no rio

Yangtze. Tão densa que, a poucos passos de distância, não se podia ver o rosto um do outro. Isso era o "Timing Celestial". Ele também sabia que Cao Cao era desconfiado e, em tal névoa, não ousaria enviar sua marinha para a batalha, mas apenas ordenaria que seus arqueiros atirassem flechas para se defender. Isso era a "Harmonia Humana" – ou melhor, uma compreensão da psicologia do oponente. E ele sabia que a geografia daquele trecho do rio era favorável para alinhar os barcos e recuar. Isso era a "Vantagem Terrestre".

Com todos os três elementos – Timing Celestial, Vantagem Terrestre e Harmonia Humana – em mãos, emprestar as flechas era apenas uma questão de execução. Não foi um milagre, mas o resultado de compreender e aplicar as leis da natureza, uma habilidade que os cultivadores podem alcançar. Para as pessoas comuns, foi uma estratégia divina. Para ele, foi apenas agir de acordo com a natureza.

A história da Batalha dos Penhascos Vermelhos foi ainda mais dramática. As pessoas ficaram mais aterrorizadas com o fato de ele ter montado um altar de sete estrelas e rezado por um vento leste por três dias e três noites. Elas realmente acreditavam que ele podia invocar ventos e chuvas, mudar o céu e a terra.

Mas a verdade era mais sutil.

Zhuge Liang, através da observação dos fenômenos celestes e de cálculos por métodos secretos, já sabia de antemão que no solstício de inverno daquele ano, a energia yang começaria a nascer. A interação das correntes de ar sobre uma vasta área de água como o rio Yangtze, combinada com a topografia peculiar, criaria um fenômeno climático incomum: um vento sudeste sopraria por alguns dias, bem no meio do inverno, que normalmente só tinha ventos do norte.

Ele não "criou" o vento. Ele apenas "sabia" que o vento viria.

A montagem do altar para rezar pelo vento foi, em essência, uma peça elaboradamente encenada. Tinha múltiplos propósitos. Primeiro, para elevar seu próprio status, fazendo com que o lado de Wu Oriental, especialmente Zhou Yu, o respeitasse e não se atrevesse a subestimá-lo. Segundo, para enganar a todos, criando uma razão legítima para ele poder permanecer no altar das sete estrelas, separado da supervisão de Zhou Yu, que sempre teve a intenção de matá-lo assim que o ataque de fogo fosse bem-sucedido. Terceiro, e mais importante, foi para ganhar tempo. Ele havia combinado secretamente com Zhao Yun de antemão, instruindo-o cuidadosamente a trazer um barco para buscá-lo na margem sul no dia exato em que o vento soprasse.

No dia em que a batalha estava prestes a acontecer, eu não era o único cultivador do Tao presente. Muitos outros taoistas reclusos também haviam vindo para a área ao redor dos Penhascos Vermelhos. Nenhum de nós havia combinado, mas todos sentimos que uma grande peça da Vontade Celestial estava prestes a ser encenada. Nos escondemos nas colinas, nas margens isoladas do rio, não para participar, mas para observar silenciosamente. Vimos a bandeira no altar das sete estrelas de Zhuge Liang começar a tremular em direção ao noroeste. Vimos o olhar presunçoso de Zhou Yu. E também vimos a preocupação de Cao Cao ao olhar para os navios de guerra acorrentados, um erro fatal que Pang Tong havia plantado em sua mente.

Então, quando o vento leste começou a soprar, suave no início e depois mais forte, vimos tudo. Vimos os navios de fogo de Huang Gai avançarem em direção ao acampamento naval de Cao. Vimos o mar de chamas irromper no céu, os gritos de agonia. E vimos um pequeno barco, sob a escolta de Zhao Yun, deixar silenciosamente a margem do rio, levando Zhuge Liang embora antes que Zhou Yu pudesse perceber.

Toda a Batalha dos Penhascos Vermelhos foi uma coordenação perfeita entre a estratégia humana e o arranjo dos Céus. O homem só pode ter sucesso quando suas ações estão de acordo com o "tempo" e a "situação" que o céu e a terra predeterminaram. Zhuge Liang, Zhou

Yu, Pang Tong, Huang Gai... todos eles foram atores excelentes, mas o roteirista e diretor real desta peça foi a Vontade Celestial.

A BATALHA FINAL

Mas Zhuge Liang também era humano. E os humanos, quando se aprofundam demais em seus papéis, às vezes não conseguem evitar cometer erros, não conseguem evitar que a mentalidade de luta do mundo secular ofusque a tranquilidade de um cultivador do Tao.

Ao longo de sua carreira, testemunhei muitas vezes ele usar sua sabedoria extraordinária para comandar tropas, para mudar o universo. Mas nunca sua mentalidade de "luta" foi tão evidente e poderosa como na batalha final no Vale de Shangfang.

Do meu reino, observei todo aquele vale como um tabuleiro de Go. Vi claramente cada movimento de Zhuge Liang. Ele havia preparado essa armadilha com uma perfeição assustadora. O Vale de Shangfang era uma bolsa da morte, com penhascos íngremes de ambos os lados, uma entrada estreita e quase nenhuma saída. Ele fez seus soldados se disfarçarem de trabalhadores, transportando rações falsas para frente e para trás todos os dias, deixando deliberadamente que os

espiões de Sima Yi vissem. Ele sabia que Sima Yi era uma raposa velha, desconfiada, e não cairia facilmente em uma armadilha. Portanto, ele pacientemente encenou essa peça por muitos dias.

Então, ele enviou Wei Yan para a batalha, lutou por algumas rodadas e depois fingiu a derrota, abandonando bandeiras, estandartes e equipamentos, fugindo direto para o Vale de Shangfang. Sima Yi, após muitos dias de observação e vendo a derrota esmagadora de Wei Yan, finalmente teve sua cautela obscurecida pela ganância. Ele pensou que esta era uma oportunidade de ouro para capturar Wei Yan vivo e obter grande mérito. Ele não sabia que o que estava perseguindo era a foice da morte.

Vi Sima Yi e seu filho, juntamente com o grande exército de Wei, avançarem com entusiasmo para o vale. Quando todo o exército inimigo estava dentro da bolsa, Zhuge Liang deu o sinal. Imediatamente, grandes rochas e troncos gigantes rolaram dos dois penhascos, bloqueando a saída. Ao mesmo tempo, carroças cheias de lenha seca, enxofre e salitre foram empurradas para baixo, bloqueando a entrada. O vale, em um instante, transformou-se em uma caixa de madeira gigante, pronta para ser incendiada.

Sima Yi, ao perceber que havia caído na armadilha, ficou pálido. Ele olhou para o penhasco e viu Zhuge Liang sentado calmamente em sua carruagem de quatro

rodas, abanando seu leque de penas, com um olhar frio para baixo. Naquele momento, senti o desespero absoluto de Sima Yi. A velha raposa que caçou a vida toda, agora havia caído em uma armadilha sem saída.

E então, o fogo começou.

As tochas foram lançadas, pegando na lenha seca e no salitre, criando um mar de chamas aterrorizante. Os gritos de agonia do exército de Wei ecoaram pelas montanhas. As chamas vermelhas lambiam as armaduras, transformando os bravos guerreiros em tochas humanas. Vi Sima Yi e seu filho se abraçarem, olhando para o céu em desespero e chorando: "Hoje, pai e filho, morreremos aqui!"

No topo da montanha, Zhuge Liang ainda estava sentado, observando em silêncio. Seu rosto não mostrava a menor alegria de um vencedor. Estava tenso, e havia algo muito obstinado nele. Senti que, naquele momento, ele havia "atuado" muito profundamente em seu papel de Primeiro-Ministro "totalmente dedicado". Ele não queria apenas vencer, ele realmente queria matar Sima Yi, queria usar este ataque de fogo cataclísmico para tentar ir contra a Vontade Celestial, para salvar um pouco de esperança para o estado de Shu Han. Uma intenção assassina forte e fria emanava dele, uma intenção que eu nunca tinha visto durante todos os anos em que o observei.

Foi nesse momento que os Céus intervieram.

O destino havia decretado que Sima Yi não poderia morrer ali. A fundação da dinastia Jin deveria vir de sua linhagem. O destino também decretou que a casa de Shu Han deveria encerrar seu papel.

Quando as chamas atingiam seu pico mais feroz, o céu, que estava claro, de repente escureceu. Nuvens negras se formaram do nada, reunindo-se diretamente sobre o vale de Shangfang. O vento começou a uivar. E então, uma chuva torrencial repentina caiu como uma cachoeira.

As gotas de chuva eram grandes e pesadas, caindo diretamente sobre o mar de fogo, criando sons sibilantes aterrorizantes e colunas de fumaça branca. A chuva durou apenas o tempo de queimar um incenso, mas foi como um balde de água gigante dos Deuses, derramado diretamente sobre a ambição de Zhuge Liang. O fogo se apagou, a lenha ficou molhada, e as armas do exército de Shu também se tornaram inúteis. Sima Yi e seu filho, retornando do limiar da morte, rapidamente abriram caminho com suas tropas restantes e fugiram.

Olhei para Zhuge Liang. Ele estava sentado em sua carruagem, atônito. O leque de penas havia caído no chão em algum momento. Ele olhou para o céu, seus olhos, antes brilhantes, agora estavam cheios de desânimo e impotência. Então, um suspiro profundo e

amargo escapou de seu peito, um suspiro mais doloroso do que mil flechas perfurando sua carne.

"O planejamento depende do homem, a realização depende do Céu", ele murmurou. "É impossível resistir!"

Dizendo isso, um bocado de sangue fresco jorrou de sua boca, manchando a frente de suas vestes.

Eu sabia que ele havia entendido. Aquela chuva não foi coincidência. Era a vontade do Céu, o aviso mais severo. Esta tentativa de ir contra o Céu, mesmo que apenas em seu papel, juntamente com o massacre de tantas vidas ao longo de sua carreira militar, especialmente o incêndio durante as sete capturas de Meng Huo que queimou muitos soldados da Tropa de Armadura de Rattan, havia danificado gravemente sua virtude yin. Em essência, ele era um cultivador do Tao, mas usou sua sabedoria e conhecimento para interferir profundamente nas lutas do mundo secular, criando um carma de matança excessivo. Esta chuva não apenas apagou o fogo no vale, mas também apagou a chama bruxuleante de sua vida.

A consequência foi que sua longevidade foi reduzida em doze anos, e ele não pôde alcançar o Tao e se tornar um imortal naquela vida. Esta também foi uma lição que os Céus queriam deixar para a posteridade: não importa quão talentoso alguém seja, não se pode vencer a

vontade do Céu. O carma de matança é algo extremamente assustador, mesmo para um cultivador.

Mas foi precisamente por causa desse fracasso que Zhuge Liang pôde se sublimar.

Após a batalha do Vale de Shangfang, com a saúde debilitada, ele abandonou completamente toda a luta e aceitou o Mandato do Céu. O estado de sua mente em seus últimos dias alcançou um grande avanço. Quando o "eu" combatente desapareceu, quando ele não mais tentou carregar o fardo de restaurar a dinastia Han, seu tianmu tornou-se mais claro do que nunca. Ele pôde ver o futuro do mundo por quase dois mil anos.

Em seus últimos dias nos Planaltos de Wuzhang, enquanto seu corpo definhava, eu o visitei uma última vez. Não em carne e osso, mas um encontro na consciência.

Vi que ele não era mais o Primeiro-Ministro preocupado, mas uma alma se preparando para uma nova jornada, sua mente clara e tranquila. No espaço da consciência, não precisávamos de palavras.

"Amigo taoista, você já viu, não é?" Sua intenção foi transmitida para mim, serena e sem ondulações.

E eu sabia do que ele estava falando. Naquele momento de comunhão, não apenas vi sua vida anterior como Sun Bin, mas também vi um fluxo ainda maior. Vi sua alma desde a época de Jiang Ziya nas margens do rio Wei, até Sun Bin no campo de batalha dos Reinos Combatentes, e então até ele mesmo, Zhuge Liang da dinastia Shu Han. Vi o arranjo dos Céus, que esta era uma alma com uma missão, que em cada momento crucial da história descia ao mundo para servir como um assistente, para ajudar a mudar o universo.

"Eu vi", respondi com meu pensamento. "E eu também vejo que sua missão ainda não terminou. Em mais de mil anos, quando outra dinastia de um povo estrangeiro estiver prestes a cair, você descerá mais uma vez, com o nome de Liu Bowen, para ajudar um Soberano Iluminado de origem humilde a estabelecer uma nova fundação."

Zhuce Liang "sorriu" suavemente em sua consciência. Foi um sorriso de compreensão e aceitação. Ele não se surpreendeu. Ele mesmo já tinha visto tudo.

Foi nesse estado de sabedoria, tendo abandonado completamente todos os apegos desta vida e compreendido tanto o passado quanto o futuro, que ele escreveu o "Ma Qian Ke" (Profecias Diante do Cavalo), um dos livros proféticos mais precisos da história chinesa. Não foi produto de estratégia, mas o legado de

alguém que havia visto claramente o segredo celestial, completando a missão do papel de Zhuge Liang, antes de se preparar para outro papel.

O período dos Três Reinos, no final das contas, foi um grande palco para mostrar à posteridade o conceito de "Yi" (Retidão), a complexidade do carma e uma verdade que nunca muda: os seres humanos são muito pequenos, é difícil ir contra a Vontade Celestial. Apenas cultivando, compreendendo o destino e seguindo o Tao, é que se pode encontrar o caminho mais sábio.

* * *

CAPÍTULO 5: SEGUINDO OS PASSOS DE CRISTO EM JERUSALÉM

Desta vez, a memória me leva a uma terra de poeira e sol, um lugar onde a fé e o ceticismo sempre coexistiram, com a mesma intensidade. É a antiga terra da Judeia, no exato momento em que Jesus Cristo apareceu e pregou o Evangelho.

Meu nome naquela vida era Simão. Eu não era um erudito, nem um homem de poder. Eu era apenas um simples carpinteiro em Jerusalém, com uma família, e minha vida girava em torno de entalhar pedaços de madeira, ao som do martelo e da serra. A madeira não era abundante em Jerusalém; muitas vezes tínhamos que usar madeira importada da Galileia ou preciosas vigas de cedro trazidas do Líbano. O aroma daquelas fibras de madeira esteve comigo por toda a vida. Naquela época, eu tinha mais de quarenta e cinco anos, uns quinze anos mais velho que Jesus. Com essa idade, uma pessoa já passou por altos e baixos suficientes, e minha fé, naquele tempo, estava depositada nas coisas que meus olhos viam e meus ouvidos ouviam, nas fibras de madeira em minhas mãos, nas moedas ganhas com o suor do meu rosto para sustentar minha esposa e filhos.

Então, um dia, meus amigos e vizinhos começaram a comentar sobre um homem chamado Jesus, de Nazaré. Eles falavam sobre seus ensinamentos estranhos, sobre os milagres que Ele realizava. No início, não dei muita atenção. Já tinha ouvido muitas histórias sobre pessoas que se autoproclamavam profetas, pessoas que vinham e iam como uma brisa passageira no deserto. Para um homem que já vivera quase metade da vida, eu tinha um certo ceticismo em relação ao que não via com meus próprios olhos.

Mas a curiosidade, e também a consideração pelo convite de um amigo próximo, finalmente me levaram a um lugar onde Jesus estava pregando. Era uma tarde de sol escaldante, a multidão se reunia na encosta de uma colina, a poeira subia no ar. Fiquei à distância, de braços cruzados, na postura de um observador.

Aquele homem não parecia um rei ou um general. Suas vestes eram tão simples quanto as de qualquer outra pessoa. Mas quando Ele falou, toda a multidão de repente silenciou. Sua voz não era retumbante, mas tinha uma força estranha, que penetrava no coração de cada um.

Ele falava de coisas muito estranhas, coisas que iam contra tudo o que eu conhecia sobre a vida e o sustento. Ele dizia que os humildes de espírito, os pobres, eram bem-aventurados, pois deles era o Reino dos Céus. Dizia para amarmos nossos inimigos, para orarmos por aqueles que nos perseguiam.

Essas palavras, a princípio, soavam paradoxais, mas tocaram em algum lugar profundo dentro de mim, respondendo a perguntas que eu nunca soube como formular. Eu via os ricos ao meu redor; eles tinham tudo, mas suas mentes estavam sempre inquietas. Eu via os poderosos; eles podiam dar ordens aos outros, mas não podiam ordenar a paz em seus próprios corações. As palavras de Jesus eram como um riacho de água fresca,

lavando lentamente as camadas de poeira mundana que haviam se acumulado em minha mente por tantos anos.

Mas o que realmente me conquistou não foram apenas os ensinamentos. Foi o que testemunhei com meus próprios olhos ao segui-Lo no caminho de saída da cidade de Jericó.

Havia um mendigo que toda a região conhecia, seu nome era Bartimeu. Ele era cego e passava os dias sentado à beira da estrada, vivendo da compaixão dos transeuntes. Quando nosso grupo passou, ele ouviu o alvoroço e perguntou o que estava acontecendo. Ao saber que era Jesus de Nazaré, ele começou a gritar, um grito lancinante: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!"

Muitos na multidão, incluindo nós, viraram-se e o repreenderam, dizendo-lhe para ficar quieto, para não incomodar o Mestre. Mas quanto mais o repreendiam, mais alto ele gritava. Seu grito continha todo o desespero de uma vida inteira na escuridão.

E então, Jesus parou. Ele se virou e disse uma frase simples: "Chamem-no."

As pessoas chamaram Bartimeu. Ele, exultante, jogou de lado sua capa, levantou-se e caminhou aos tropeços até

Jesus. Eu estava lá, na multidão, observando com a respiração suspensa.

"O que você quer que eu lhe faça?", perguntou Jesus, Sua voz perfeitamente calma.

"Mestre, que eu possa ver!", soluçou Bartimeu.

Jesus olhou para ele, com o olhar cheio de compaixão. Ele disse: "Vá, a sua fé o curou!"

No exato momento em que Ele terminou de falar, algo inimaginável aconteceu. Os olhos de Bartimeu, antes opacos e sem vida, de repente voltaram a brilhar. Ele piscou, e piscou novamente, como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo. Então, ele olhou para cima, para Jesus, para nós na multidão, para o céu azul. Pela primeira vez em sua vida, ele via a luz.

Eu nunca esquecerei seu rosto naquele momento. Transformou-se de desespero em espanto absoluto, depois explodiu em uma felicidade que não pode ser descrita em palavras. Ele não gritava mais, mas ria, um sorriso radiante, enquanto as lágrimas corriam livremente. Ele se ajoelhou, não para implorar, mas para agradecer. E então, levantou-se, não voltou para seu lugar de mendicância, mas silenciosamente se juntou à multidão, seguindo Jesus.

Meu coração, naquele momento, batia como um tambor de guerra. Foi o momento em que todo o meu ceticismo desmoronou completamente. Um carpinteiro como eu só consegue tornar um pedaço de madeira útil. Mas Ele, Ele podia trazer a luz a uma vida inteira.

Agora, como um cultivador nesta era, eu entendo que aquilo não era magia como as pessoas costumam pensar. Cada ser tem seu próprio destino e suas próprias dívidas cármicas, arranjadas de forma justa por Deuses em diferentes níveis. A cegueira de Bartimeu também não foi um acaso; era parte de seu plano de retribuição cármica.

Quando Jesus Cristo o curou, Ele não estava quebrando o arranjo de outros Deuses. Ele sabia que não podia simplesmente apagar aquela dívida unilateralmente. Em vez disso, Ele fez algo muito mais grandioso e trágico: Ele escolheu carregar aquela dívida cármica sobre Si mesmo.

Cada pessoa curada, cada alma salva, seu carma era transferido para Ele. Como um pai compassivo que, vendo seu filho sobrecarregado de dívidas, se apresenta aos credores e diz: "Deixem que eu assumo todas as dívidas dele."

E o preço a pagar por carregar um fardo cármico tão colossal foi a Paixão que se seguiu. A dor excruciante

que Ele sofreu na cruz, tanto física quanto espiritual, foi o momento em que Ele usou Sua própria vida e sofrimento para pagar todas as dívidas que havia assumido em nome de Seus seguidores. Os milagres de cura que eu (Simão) testemunhei foram apenas um "adiantamento" de Sua compaixão. A morte na cruz foi o momento em que Ele pagou o preço por essa compaixão.

Esse foi o caminho da salvação que Ele escolheu, um caminho de sacrifício supremo.

A partir daquele dia, eu não era mais Simão, o carpinteiro que só acreditava no que podia tocar. Tornei-me Simão, um discípulo comum na multidão, seguindo silenciosamente a Sua luz, ouvindo cada ensinamento e gravando em meu coração a compaixão e a majestade que testemunhei. Eu não era um dos doze apóstolos principais; era apenas uma pequena gota no oceano de Seus seguidores. Mas aquela gota havia testemunhado a grandeza do oceano e nunca mais poderia voltar a ser a água estagnada de antes.

Minha vida mudou completamente a partir de então. A carpintaria ainda estava lá, o som do martelo e da serra ainda ecoava todos os dias, mas minha mente não estava mais presa apenas à madeira e aos pedidos. Sempre que tinha uma oportunidade, eu ia aos lugares onde Jesus pregava, ficava silenciosamente na multidão, ouvindo e refletindo.

Gradualmente, uma comunidade pequena, mas muito unida, formou-se ao Seu redor. Nós, os seguidores, vínhamos de todas as classes sociais: havia pescadores simples da Galileia, um cobrador de impostos desprezado pela sociedade, mulheres virtuosas e também artesãos comuns como eu. Não tínhamos igrejas ou templos magníficos. Nossa "igreja" era qualquer lugar onde o Mestre parasse para ensinar: na encosta de uma colina, à beira do lago ou no pátio da casa de alguém devoto.

Aprendemos a amar e a compartilhar uns com os outros. Quem tinha mais ajudava quem tinha menos. Quando alguém entre nós enfrentava dificuldades, os outros se uniam para orar e ajudar. Havia um calor, uma fraternidade genuína que eu nunca havia sentido em nenhum outro lugar. Vivíamos juntos, esperávamos juntos e acreditávamos juntos em um Reino dos Céus que o Mestre havia prometido.

Mas o caminho em direção à luz nunca é plano.

Logo enfrentamos oposição. Os sacerdotes e os escribas das grandes sinagogas começaram a ver Jesus como uma ameaça. Seus ensinamentos sobre a humildade da alma, sobre Deus não estar apenas em templos de pedra, mas no coração de cada pessoa, desafiavam diretamente sua autoridade e status. Eles O acusaram de blasfêmia, de sacrilégio, por ousar chamar-se Filho de Deus.

Nós, que O seguíamos, também sofreremos as consequências. Vizinhos que antes eram próximos começaram a nos olhar de forma diferente. Eles cochichavam, fofocavam, dizendo que havíamos sido enfeitiçados, que seguíamos um culto herege. Algumas pessoas não queriam mais comprar meus móveis. Outras cortaram relações com amigos de infância. Éramos ridicularizados, boicotados e, às vezes, até ameaçados.

O governo romano, embora não se importasse com as disputas religiosas dos judeus, também começou a nos vigiar. Eles temiam que a multidão que seguia Jesus pudesse se transformar em uma revolta política. Todas as nossas atividades eram monitoradas.

Agora eu entendo que todas essas dificuldades não foram por acaso. Eram os testes que os Céus reservavam para aqueles que desejavam trilhar o caminho do cultivo. Quando uma Lei Justa é transmitida, os demônios também vêm para interferir, para testar se a fé das pessoas é verdadeiramente firme. Esses desafios são como uma peneira, para selecionar as melhores sementes da fé, aqueles que realmente podem perseverar até o fim.

E então, o maior e mais doloroso teste chegou.

Ainda me lembro vividamente daquela semana fatídica em Jerusalém. Uma atmosfera tensa pairava sobre a cidade. Ouvi a notícia de que o Mestre havia sido traído

por um de Seus discípulos mais próximos, Judas. Depois, a notícia de que Ele fora preso durante a noite no Jardim do Getsêmani. Meu coração se apertou.

No dia seguinte, eu estava na multidão, impotente, vendo-os levarem-No pelas ruas. O Homem que eu vira curar o cego, multiplicar os pães para alimentar milhares, agora estava sendo coroado com espinhos, espancado, humilhado. Vi as mesmas pessoas que poucos dias antes O aclamavam, agora gritarem para que Ele fosse crucificado.

E eu estava lá, na colina do Gólgota, a uma certa distância, testemunhando tudo.

Vi-os cravarem os pregos de ferro grosseiros em Suas mãos e pés. Vi-os erguerem a Cruz. Vi-O suspenso entre o céu e a terra, sangue e suor escorrendo por Seu corpo. A dor e a angústia que senti naquele momento são indescritíveis. Minha fé foi testada ao limite. Por que, por que um Ser divino tão poderoso teria um fim tão trágico e humilhante? Por um momento, o ceticismo retornou, corroendo minha alma.

Mas então, ouvi Suas últimas palavras antes de expirar: "Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito."

Naquela frase, não havia um pinga de ressentimento, apenas aceitação e serenidade absolutas. E naquele

momento, de repente, eu entendi. Aquilo não era um fracasso. Era a consumação. Era o sacrifício supremo sobre o qual eu ouvira falar, mas nunca tinha compreendido totalmente. Ele estava cumprindo Sua missão.

Depois que o Mestre morreu, o medo tomou conta de nossa pequena comunidade. Não ousávamos mais nos reunir publicamente, apenas nos encontrávamos secretamente em casas com portões bem fechados, sussurrando orações e nos consolando mutuamente.

Então, uma notícia se espalhou entre nós, como um raio em uma noite escura: o Mestre havia ressuscitado! Maria Madalena e algumas outras mulheres foram ao túmulo e o encontraram vazio. Depois, os apóstolos também O viram.

No início, não ousei acreditar. Tive medo de que fosse apenas uma história inventada para consolar almas destroçadas. Mas então, essa crença cresceu, espalhando-se de pessoa para pessoa, não por evidências, mas por uma estranha força interior. Uma alegria e uma força sem precedentes surgiram no coração de cada um de nós. Entendemos que o Mestre havia vencido a própria morte.

Foi essa crença na Ressurreição que nos transformou. O medo foi substituído pela coragem. Começamos a nos

reunir novamente, com mais ousadia, para compartilhar o que havia acontecido.

E foi então que a foice da perseguição realmente caiu.

Uma noite, enquanto eu e cerca de dez outras pessoas estávamos reunidos na casa de um amigo, os soldados romanos invadiram. Prenderam a todos nós. Sem muitas perguntas, sem um longo julgamento. Fomos acusados de seguir o "culto herege" de Jesus e de perturbar a ordem pública.

Quando me algemaram, eu não senti mais medo. Meu coração estava estranhamente sereno. A imagem do Mestre na cruz e a notícia de Sua Ressurreição surgiam constantemente em minha mente. Eu sabia que havia escolhido o caminho certo.

Fui jogado em uma masmorra escura e úmida com meus irmãos. O ar era denso com o cheiro de mofo e desespero. Mas, estranhamente, nenhum de nós se queixou ou lamentou. Sentamo-nos juntos, em silêncio, recitando baixinho os ensinamentos do Mestre que ainda lembrávamos. Na escuridão da prisão, uma paz peculiar nos envolveu.

Eles não nos torturaram nem tentaram nos persuadir. A prisão parecia ser apenas um ato de intimidação, para

esmagar nosso movimento em seu início. Eles queriam uma punição rápida e decisiva.

No dia seguinte, um carcereiro abriu a porta da minha cela. Ele não disse nada, apenas me fez um sinal para segui-lo. Eu sabia que minha hora havia chegado. Olhei para meus irmãos uma última vez. Eles olharam para mim, seus olhos não demonstravam pena, apenas compaixão e um encorajamento silencioso. Acenei para eles e segui o soldado com passos firmes.

Ele me levou a um pequeno pátio atrás da prisão. Lá estavam apenas ele e um carrasco com o rosto frio como pedra, segurando uma espada larga. Entendi que seria decapitado.

O carcereiro me fez uma última pergunta: "Você renuncia à sua fé em Jesus de Nazaré? Se o fizer, será livre."

Olhei diretamente em seus olhos. A imagem do Mestre na Cruz, o rosto de Bartimeu vendo a luz pela primeira vez, os pedaços de pão multiplicados para milhares... tudo passou pela minha mente como um filme. Eu tinha visto, acreditado e sentido a verdade. Como eu poderia renunciar a isso?

Balancei a cabeça negativamente, e um sorriso gentil se formou em meus lábios.

Aquele sorriso não era de desafio ou desprezo. Era de serenidade. Era de aceitação. Era a alegria de alguém que sabe que está prestes a voltar para casa, a encontrar seu Mestre em um lugar onde não há mais dor nem lágrimas. Era a realização de um discípulo comum, que manteve sua fé intacta até o último momento.

O carcereiro viu meu sorriso, franziu a testa ligeiramente, parecendo confuso. Ele fez um sinal para o carrasco.

Minha última sensação naquela vida foi um brilho frio piscando diante dos meus olhos e uma dor aguda no pescoço.

Então tudo mergulhou na escuridão.

Mas não era a escuridão do fim. Logo depois, minha alma se libertou, leve. Vi meu corpo cair e vi um caminho de luz brilhante se abrir diante de mim. Eu sabia que tinha escolhido certo.

A vida como Simão, o carpinteiro de Jerusalém, ensinou-me uma lição inestimável sobre a fé. A fé não é algo reservado apenas para santos ou pessoas extraordinárias. Ela pode brotar no coração da pessoa mais comum e, uma vez enraizada, pode dar a essa pessoa a força para enfrentar a própria morte com um sorriso.

E também entendi que todo caminho de cultivo vem acompanhado de provações e testes. A escolha entre viver na falsidade e morrer pela Verdade é um teste que muitos cultivadores ao longo da história tiveram que enfrentar. Essa escolha, no final, determinará para onde suas almas irão.

* * *

CAPÍTULO 6: ECOS DAS PIRÂMIDES

(O menino River sentou-se à minha frente, seus olhos límpidos fitando um ponto distante, como se estivesse assistindo a um filme antigo que só ele podia ver. Sua voz engrossou, carregando uma solenidade inadequada para sua idade.)

...

Desta vez, a memória me leva a uma era ainda mais antiga, talvez cerca de oitenta milhões de anos atrás, pela contagem de tempo de vocês. Era um mundo onde a Terra era muito diferente, um mundo de gigantes...

Naquela vida, eu era um general chamado Solon. Nomes como Solon, ou Reino do Céu Central, Mona, Canla... que contarei a seguir, são apenas as transcrições mais próximas que consigo encontrar na língua atual. Nossa língua naquela época era completamente diferente, era mais simples e direta, carregando mais a energia do som do que dos caracteres.

O MUNDO E AS PESSOAS

Nosso mundo naquela época era uma paisagem majestosa. Nós, os gigantes, tínhamos uma altura média de mais de cinco metros. Nossos corpos eram robustos, mas nossas almas eram muito puras e simples. Vivíamos em harmonia com a natureza, uma natureza que vocês hoje dificilmente conseguiriam imaginar. Os dinossauros não eram monstros, mas companheiros. As grandes e dóceis espécies de dinossauros voadores eram

domesticadas por nós para servirem de meio de transporte entre as cidades. Outras espécies herbívoras gigantes, com sua força incomparável, nos ajudavam a puxar materiais pesados em grandes construções.

Nossa sociedade era muito harmoniosa, pacífica, e todos tinham uma fé profunda em Deuses e Budas. Meu reino era chamado de Reino do Céu Central, governado por um jovem rei sábio e benevolente chamado Mala.

O PAPEL DE SOLON

Naquele período de paz, eu era o Capitão da Guarda Real. Meu trabalho no país era bastante tranquilo, pois o povo era muito simples e raramente havia grandes disputas. No entanto, o exército do Reino do Céu Central era sempre treinado para ser uma força de elite. Não usávamos essa elite para invadir, mas para demonstrar nossa virtude e poder.

Lembro-me de uma vez em que um reino vizinho teve a intenção de nos provocar. Todos sabiam que o Rei Mala e a Princesa Mona eram ambos cultivadores do Dharma Budista desde a infância, possuindo um temperamento e uma virtude extraordinários. Em uma decisão um tanto inesperada, os dois irmãos lideraram pessoalmente um exército até a fronteira.

Quando nosso exército apareceu, a força e a disciplina dos soldados aterrorizaram o inimigo. Mas o que realmente desintegrou sua vontade de lutar foi a presença imponente do Rei Mala. Ele sentou-se em sua carruagem de guerra, e sem dizer uma palavra, a aura majestosa e justa de um verdadeiro cultivador e de um soberano emanava dele, fazendo com que o inimigo se sentisse pequeno e não ousasse pensar em confronto. A presença da Princesa Mona, com sua beleza etérea e temperamento sereno, apenas aumentava a santidade e a retidão de nosso exército.

Aquele outro rei, ao se deparar com tal presença imponente, foi completamente subjugado. Ele mesmo ordenou a retirada de suas tropas e apressadamente enviou mensageiros para pedir a paz. Era assim que mantínhamos a paz, não com espadas e lanças, mas com a própria virtude de nossos líderes.

CONSTRUÇÃO SAGRADA

Naquela vida, testemunhei a construção de uma grande Pirâmide. Não era um túmulo. Absolutamente não. Em nossa percepção da época, esta obra tinha uma missão sagrada: era para venerar um Grande Buda. Era também um portal para se conectar com Deuses e Budas, e uma Testemunha Histórica para o futuro.

O projeto desta grande obra não foi concebido pela sabedoria humana. Eu sei que os mais talentosos "arquitetos" do reino receberam sugestões e orientações diretas de Deuses e Budas em sonhos ou em estados profundos de meditação. Os números, as proporções, a disposição interna... tudo continha segredos celestiais. Quanto a quais eram essas orientações específicas, nem mesmo alguém na minha posição tinha permissão para saber. A missão minha e da guarda era simplesmente garantir a segurança absoluta para que aquele processo sagrado ocorresse.

Da minha posição como Capitão da Guarda Real, pude testemunhar e proteger todo o processo.

A seleção dos trabalhadores para a obra não se baseava apenas na força física. Um decreto foi emitido por todo o Reino do Céu Central, recrutando apenas jovens solteiros e, mais importante, que tivessem boa índole e um coração reverente para com Deuses e Budas. Dezenas de milhares de pessoas assim afluíram à capital, considerando uma grande honra poder contribuir para a construção da pirâmide. Mas os escolhidos para construir diretamente foram limitados a cerca de 1000 pessoas; os restantes eram responsáveis principalmente pela extração dos blocos de pedra conforme solicitado e pelo transporte até o canteiro de obras.

Durante todo o tempo de construção daquela primeira Pirâmide, todo o reino parecia bater no mesmo ritmo. O Rei Mala dedicou toda a sua energia para dirigir a obra. Quanto à Rainha, ela não ficava ao lado do rei. Todos os dias, ela se curvava sinceramente a Buda, orando para que a obra corresse bem, para a paz e prosperidade da nação. Os príncipes, ministros e todo o povo seguiram seu exemplo. A atmosfera no Reino do Céu Central naquela época era extremamente pura. Nosso povo era muito simples; os homens eram gentis e educados, as mulheres eram virtuosas e graciosas. Não havia disputas, apenas união em direção a um objetivo nobre.

E o mais incrível era a forma como construíamos. A construção da pirâmide usava inteiramente a força humana. Grandes blocos de pedra, alguns pesando duas ou três toneladas pelos padrões de hoje, não eram um fardo. Lembro-me claramente da imagem de quatro ou seis homens fortes, ombro a ombro, levantando juntos um bloco desses de forma rítmica, sem parecerem sobrecarregados. Eles não usavam alavancas complexas, mas a força conjunta e algum tipo de poder espiritual.

Em seus pés, usavam sapatos especiais, habilmente trançados e apertados com um tipo de grama que só crescia nas montanhas próximas. Esse tipo de sapato de grama tinha uma aderência peculiar. Quando transportavam os pesados blocos de pedra pelos degraus íngremes da Pirâmide, eu via seus passos incrivelmente

firmes. Muitos deles contaram que, a cada passo, sentiam como se uma força invisível estivesse suavemente sustentando seus pés, tornando seus passos estranhamente leves. Eles chamavam esse fenômeno de "pés pisando nas nuvens", e todos acreditavam que era porque os Deuses estavam ajudando aqueles com corações sinceros.

A atmosfera no canteiro de obras não era de forma alguma pesada ou cansativa. Os músicos e cantores mais talentosos de todas as regiões se reuniam aqui. Eles viam isso como uma fonte inesgotável de inspiração para compor as melhores músicas e canções. E o tema mais importante e sagrado em suas obras era louvar a grandeza e a compaixão dos Deuses e Budas, e só depois louvar a sinceridade do rei e do povo que seguiram a Vontade Celestial para criar esta obra.

Eles não apenas cantavam, mas também executavam danças belíssimas. Essas danças eram ao mesmo tempo graciosas e nobres, contendo força e magnificência. A música combinava harmoniosamente a grandiosidade de uma grande orquestra com a melodia delicada e refinada de instrumentos individuais.

(O menino de repente sorriu, um sorriso ao mesmo tempo distante e familiar.)

Ao me lembrar dessas cenas, uma imagem desta vida atual de repente me veio à mente com clareza. No ano passado, meus pais me levaram para ver uma apresentação da companhia de artes Shen Yun. Eu sei que esta companhia de artes tem sede em Nova York, mas eles viajam pelo mundo todo, e naquele dia, fomos a Los Angeles para ver o espetáculo deles. Desde o momento em que a cortina do palco se abriu, tive uma sensação de familiaridade indescritível. Dos trajes, da coreografia, à ressonância da música, tudo me lembrava uma memória profunda que eu não conseguia nomear na época. Agora, eu entendo. As danças e canções que eu vi no Reino do Céu Central na era dos gigantes, elas carregam o mesmo estilo, o mesmo espírito do que a companhia de artes Shen Yun está apresentando hoje. Parece que o que é chamado de cultura divina genuína compartilha uma fonte comum, uma alma, não importa quantos milhões de anos se passem.

(A voz do menino retornou ao fluxo de suas memórias.)

Sempre que chegava a hora do intervalo, os servos traziam cestas de frutas doces e suculentas e água fresca da nascente da montanha. E então, as canções límpidas eram entoadas novamente. O canto se misturava com o vento, dissipando todo o cansaço, fazendo com que o humor de todos se tornasse alegre e animado.

À noite, após um dia de trabalho, não havia festas barulhentas. Dezenas de milhares de trabalhadores se sentavam juntos, em meditação silenciosa. Eles meditavam por cerca de uma hora, recitando silenciosamente o nome de Buda, limpando os pensamentos dispersos, mantendo o corpo e a mente sempre puros.

Eu nunca esquecerei o momento em que a última pedra foi erguida. Era uma pedra pontiaguda, perfeitamente polida. O próprio Rei Mala, ainda muito jovem, tirou seu manto real e, junto com os quatro homens mais fortes, levou pessoalmente aquela pedra ao ponto mais alto da Pirâmide. Ao pé da pirâmide, dezenas de milhares de pessoas prenderam a respiração, observando. Quando a pedra foi colocada perfeitamente, toda a multidão se curvou em reverência silenciosa. Não houve um único aplauso, apenas uma reverência absoluta oferecida a Deuses e Budas.

(O menino River fez uma pequena pausa, seu olhar perdido à distância, depois continuou como o narrador no presente.)

Agora, usando meu tianmu para olhar, percebo que a obra que testemunhei sendo construída era, na verdade, a segunda maior pirâmide, localizada no centro das três grandes estruturas de Gizé hoje. Embora seja a segunda maior em tamanho, foi a primeira a ser construída no plano geral.

Também vejo que as outras Pirâmides foram construídas mais tarde, quando eu, Solon, já não estava mais neste mundo. Cada obra foi iniciada com um intervalo de cerca de dez anos. Talvez por ser a primeira Pirâmide construída, com um coração puro e a mais alta unidade, até hoje, sua ponta superior ainda se mantém relativamente intacta, como uma testemunha silenciosa de uma era de ouro esquecida.

Olhando para trás agora, percebo que todo o complexo foi planejado por Deuses desde o início, com um propósito imensamente grande. A maior Pirâmide, construída mais tarde, era para venerar outro Grande Buda, simbolizando a Compaixão infinita. A menor Pirâmide era para adorar um Buda que simbolizava a Majestade.

E guardando a frente deste complexo sagrado está a Esfinge. Não é a imagem de um rei, mas a imagem de um Deus Marcial no reino celestial, cuja missão é guardar e proteger as Pirâmides e esta terra santa contra todos os demônios e espíritos malignos.

AMOR PREDESTINADO E MISSÃO DE PROTEÇÃO

O fim do período de construção da Pirâmide coincidiu com uma virada fatídica na minha vida, a vida de Solon.

O Rei Mala tinha uma irmã mais nova, a Princesa Mona. Seus pais faleceram quando eles eram jovens, então o Rei Mala era tanto um irmão mais velho quanto uma figura paterna, amando-a e protegendo-a imensamente. Agora, a Princesa Mona havia atingido a idade de se casar. Ela não possuía apenas uma beleza pura que fazia as flores se curvarem, mas, mais importante, tinha um coração compassivo e uma virtude inata. Sua fama não ecoava apenas no Reino do Céu Central, mas também se espalhava para os reinos vizinhos.

A oeste, havia um reino poderoso chamado Reino do Extremo Oeste, governado por um jovem rei chamado Dalac. O Rei Dalac também era uma pessoa benevolente e talentosa, que sempre desejou construir um país pacífico e próspero. Os emissários que viajavam entre os reinos traziam consigo pinturas feitas pelos artistas mais talentosos. Quando o Rei Dalac contemplou a pintura da Princesa Mona, e quando a Princesa Mona viu a imagem do Rei Dalac, ambos sentiram imediatamente uma conexão profunda. Eles não apenas se sentiram atraídos pela aparência um do outro, mas parecia que, através dos traços da pintura, eles haviam visto a alma e a virtude um do outro.

O relacionamento deles não era apenas um arranjo político, mas a harmonia de dois corações benevolentes, nascida de uma admiração sincera.

O casamento entre a Princesa Mona e o Rei Dalac foi rapidamente celebrado. Foi um evento monumental, trazendo alegria e esperança de uma paz duradoura para ambos os reinos. Tanto o Reino do Céu Central quanto o Reino do Extremo Oeste mergulharam em festividades. Ainda me lembro da imagem da Princesa Mona em seu suntuoso manto real, seu rosto brilhando de felicidade, mas também com um toque de tristeza por estar prestes a deixar seu amado irmão e sua terra natal.

Antes do dia da partida da princesa, o Rei Mala me chamou em particular ao palácio. Ele olhou para mim, seus olhos cheios de confiança e seriedade, contendo o amor de um irmão. Ele disse:

"Solon, entre todos os generais, você é aquele em quem mais confio em termos de lealdade e coragem. Mona é minha única irmã, a joia mais preciosa do Reino do Céu Central. Agora, ela irá brilhar em uma terra distante. Eu lhe dou uma missão mais importante do que proteger este palácio. Leve uma tropa de elite, escolte a princesa até o Reino do Extremo Oeste e permaneça lá como comandante da guarda da Rainha. Proteja-a com sua vida."

Ajoelhei-me, tocando a cabeça no chão para aceitar a ordem. Eu entendi que aquilo não era apenas uma ordem, mas um encargo sagrado, a confiança de um irmão no protetor de sua irmã.

GUERRA, SACRIFÍCIO E TRANSFORMAÇÃO

Minha vida no Reino do Extremo Oeste transcorreu em paz por alguns anos. O Rei Dalac e a Rainha Mona se amavam profundamente, governando o país juntos. Mas então, a guerra surgiu do norte.

O Reino da Terra do Norte, liderado por um rei belicoso e tirânico chamado Canla, lançou uma invasão surpresa. Eles eram como uma inundação, varrendo e destruindo cidades, saqueando e matando. O objetivo final de Canla era a capital do Reino do Extremo Oeste.

O Rei Dalac, com a coragem de um monarca, liderou pessoalmente suas tropas para a batalha para defender o país. Nas primeiras batalhas, as forças eram bastante equilibradas. O exército do Reino do Extremo Oeste, sob o comando do Rei Dalac, lutou bravamente e repeliu muitos ataques inimigos.

Mas o Rei Canla não era apenas brutal, mas também muito astuto e traiçoeiro. Vendo que não conseguia vencer rapidamente pela força, ele elaborou um plano perverso. Ele fez suas tropas fingirem uma derrota, abandonando suprimentos e recuando para um desfiladeiro perigoso. O Rei Dalac, ansioso demais para destruir os invasores e um tanto complacente após

algumas vitórias, não percebeu que era uma armadilha. Ele liderou suas tropas em perseguição e, quando todo o exército havia penetrado fundo no desfiladeiro, as tropas de Canla os emboscaram pelos flancos.

Naquela batalha desesperada, o Rei Dalac lutou até o último suspiro e morreu heroicamente, cercado pelo inimigo.

A notícia chegou à capital como um raio em céu claro. Ao ouvir a terrível notícia, a Rainha Mona desabou. Ela se trancou em seus aposentos, chorando por seu amado marido por dois dias e duas noites. Seus lamentos tristes e dolorosos tornaram o palácio já de luto ainda mais sombrio.

Mas depois daqueles dois dias, a Rainha parou de chorar. Ela saiu de seus aposentos, seu rosto ainda com uma profunda tristeza, mas contendo uma calma estranha. Parecia que ela havia aceitado e transformado sua dor em algum tipo de força interior.

Enquanto isso, a capital começava a se desintegrar. Quando a notícia de que as tropas de Canla se aproximavam da cidade se espalhou, o caos atingiu seu auge. Muitos oficiais civis e militares, aqueles que em tempos normais proclamavam sua lealdade em voz alta, foram os primeiros a juntar suas riquezas e abandonar tudo para fugir durante a noite.

Alguns ministros que ainda tinham um pingão de vergonha correram para o palácio, ajoelharam-se diante da Rainha Mona, que agora estava completamente calma, e imploraram: "Vossa Majestade, a situação está perdida! Por favor, siga a passagem secreta e parta, preserve sua vida! O inimigo está às portas, ficar é morte certa!"

A Rainha Mona olhou para eles, seu olhar calmo, mas poderoso. Ela apenas respondeu com um balançar de cabeça determinado. Ela não iria a lugar nenhum.

Enquanto os covardes fugiam, eu vi na grande praça em frente ao palácio uma cena trágica diferente se desenrolar. Os generais leais do Reino do Extremo Oeste, aqueles que se recusaram a fugir, estavam reunindo os soldados restantes. Suas forças somavam pouco mais de mil homens, e o rosto de cada um estava marcado por uma determinação suicida. Eles lutariam para proteger a capital até o último suspiro.

Eu me virei, olhando para os degraus que levavam ao palácio principal onde a Rainha estava. Minha guarda, os irmãos que me seguiram do Reino do Céu Central, eram agora menos de dez. Não precisávamos dizer uma palavra, bastava um olhar para entendermos. Nossa missão não era proteger toda a capital. Nossa missão era aqui, nestes degraus, ser o último escudo para a Rainha.

A promessa que fiz ao Rei Mala anos atrás ecoou em minha mente. Onde a Rainha estivesse, ali seria nosso campo de batalha.

E então, quando ela saiu para enfrentar a batalha final, eu, Solon, um guerreiro que passou a vida inteira conhecendo apenas a espada, fiquei mais uma vez atônito com sua transformação.

Toda a aura da Rainha parecia ter sido sublimada. A calma dos dias anteriores havia se transformado em uma majestade e compaixão ilimitadas. Seus olhos estavam claros e estranhamente brilhantes, refletindo uma benevolência profunda que eu nunca tinha visto em ninguém. Sua beleza de repente se tornou mais radiante do que nunca, mas não era a beleza deste mundo, era uma beleza transcendente, sagrada, pura como jade. Parecia haver uma auréola invisível emanando dela, fazendo com que qualquer um que a olhasse sentisse uma reverência espontânea.

Quando ela começou a andar, seus passos eram firmes e graciosos. Ela não era mais uma Rainha de um país derrotado enfrentando o perigo, mas parecia um Deus, um Ser Celestial caminhando no mundo mortal. Eu e todos os presentes no grande salão ficamos atônitos, prendendo a respiração. Sabíamos que algo incrivelmente sagrado havia acontecido.

Diante dos meus olhos não estava mais a Rainha Mona sofredora, mas uma imagem sagrada, ao mesmo tempo compassiva e majestosa, um Bodhisattva manifestado no mundo humano.

Os gritos do exército inimigo estavam muito próximos. Chegara a hora. A grande batalha eclodiu em todas as ruas que levavam ao palácio. Eu e minha pequena guarda permanecemos firmes como uma rocha em frente ao portão principal do grande salão. Não enfrentamos todo o exército de Canla, mas as tropas de vanguarda mais elite dele estavam tentando invadir para capturar a Rainha viva.

Lutamos como leões, usando nossos corpos para formar uma pequena, mas impenetrável muralha de aço. Um caía, outro tomava seu lugar. O sangue manchava os degraus. Mas eles eram muitos. Senti uma dor aguda no peito quando uma lança perfurou minha armadura. Caí, bem na entrada do palácio. Tudo à minha frente ficou embaçado.

Mas então, senti-me leve. Minha alma se separou do meu corpo, flutuando nas proximidades. Não sentia mais dor, apenas uma estranha serenidade. Vi o Rei Canla, o conquistador brutal, passar por cima do meu corpo sem vida sem sequer olhar. Imediatamente, como um impulso instintivo, minha alma o seguiu, atravessando a grande porta para as profundezas do palácio.

E lá, eu vi a cena final. O Rei Canla, com sua espada ainda manchada de sangue, invadindo agressivamente o grande salão, onde a Rainha Mona o esperava.

Ele era um conquistador, acostumado a ver medo, choro, súplicas. Mas ao se deparar com a Rainha Mona, ele ficou atônito, paralisado. Toda a brutalidade em seu rosto desapareceu, substituída por um espanto, um pouco de confusão e até mesmo reverência. Ele nunca tinha visto tal beleza, tal aura. Ele ficou imóvel, parecendo ter esquecido o propósito de sua vinda.

No silêncio tenso, a voz da Rainha Mona ecoou. Sua voz não tremia, não havia ressentimento, mas era clara e serena como o sino de um templo em montanhas tranquilas:

"Vossa Majestade viajou diretamente para o sul, ouvi o que suas tropas fizeram. Gostaria de saber, o que mais Vossa Majestade precisa fazer?"

Aquela simples pergunta, juntamente com a aura majestosa e compassiva de Mona, atingiu em cheio o pouco de consciência que restava na alma de Canla. De repente, ele sentiu a espada em sua mão pesada, os crimes que cometera surgiram vividamente em sua mente. Ele gaguejou, atrapalhado, sua voz não mais arrogante:

"Garanto que minhas tropas não mais ofenderão o povo, quero garantir a segurança da capital."

Dizendo isso, como se para provar suas palavras, o Rei Canla se virou e ordenou em voz alta que todo o exército se retirasse da capital.

O exército invasor, perplexo, não entendeu por que seu rei Canla havia tomado tal decisão, mas eles obedeceram à ordem, retirando-se silenciosamente. O massacre havia terminado, não por um exército mais forte, mas pelo poder da compaixão ilimitada misturada com a majestade sagrada de uma mulher.

Minha alma, Solon, testemunhou tudo. Um sentimento de completa realização e serenidade me envolveu. Eu havia cumprido minha promessa ao Rei Mala. Eu havia protegido a Rainha, não apenas com minha vida, mas também testemunhado um poder maior do que qualquer espada. Com um sorriso de satisfação, minha alma desapareceu lentamente, encerrando a vida de um general.

(O menino River ficou em silêncio por um longo tempo após terminar a história. Parecia que ele ainda estava imerso na realização e no heroísmo daquele momento. Então ele soltou um suspiro leve, seus olhos voltaram à realidade, olhou para mim e continuou.)

ECOS DO PASSADO

A vida de Solon, embora breve, ensinou-me uma lição profunda sobre lealdade e sacrifício. Ele viveu e morreu para cumprir sua promessa. Mas o que realmente ficou gravado em minha alma, o que até hoje me abala, foi o poder da Rainha Mona. Esse poder não vinha da autoridade ou do exército, mas da compaixão que foi sublimada na adversidade. Ele podia transformar tanto a violência quanto o ódio.

Mas a história não termina aí.

Com meu tianmu, vejo que a civilização dos gigantes, mais tarde, também não conseguiu escapar da lei do universo de formação-estabilidade-degeneração-destruição. Cerca de quinze gerações de reis após o tempo do Rei Mala no Reino do Céu Central, um último rei se tornou depravado, não mais acreditando em Deuses e Budas, chegando a cometer atos de blasfêmia contra as divindades. E como punição, ou melhor, como um sinal prenunciando o fim, uma noite, uma Estátua de um Grande Buda imensamente grandiosa, construída na mesma época das Pirâmides, desapareceu sem deixar vestígios. Os Deuses e Budas não mais protegiam um povo que havia perdido sua própria fé. Pouco tempo

depois, toda uma era de ouro foi apagada da história por cataclismos geológicos aterrorizantes.

As grandes Pirâmides e a Esfinge permaneceram, resistindo ao tempo. Mas as civilizações posteriores, por não entenderem mais seu propósito sagrado original, as usaram arbitrariamente para seus próprios fins. Especialmente os Faraós do antigo Egito. Eles tinham o desejo de ter seus corpos mumificados colocados lá dentro, transformando um lugar que era um templo, um portal para se conectar com Deuses e Budas, em um túmulo para mortais.

Este ato profanou a santidade da Pirâmide. E eu vejo que aquelas almas dos Faraós, por este pecado de blasfêmia, tiveram que sofrer uma punição extremamente severa, sendo lançadas nas profundezas do inferno após a morte.

Portanto, o que vemos hoje são apenas estruturas silenciosas. Elas carregam em si a memória gloriosa de uma era em que humanos e Deuses ainda se comunicavam, carregam a tristeza de uma civilização em declínio e também as espessas camadas de mal-entendidos e blasfêmias ao longo das eras. Elas ainda estão lá, como ecos de um passado distante, esperando por um dia em que a humanidade possa novamente compreender seu verdadeiro significado.

* * *

CAPÍTULO 7: O CREPÚSCULO DE ATLÂNTIDA

(River permaneceu em silêncio por um longo tempo, parecendo tentar organizar uma memória complexa e pesada. Finalmente, o menino falou, sua voz distante, tingida de nostalgia e uma tristeza suave.)

Desta vez, a vida me leva a uma terra cujo nome ainda ecoa em suas lendas até hoje – Atlântida. Mas a Atlântida em que vivi não era mais um império em seu apogeu glorioso. Era um mundo belo que começava a mostrar rachaduras, sinalizando um crepúsculo longo e doloroso que se aproximava.

A Atlântida em que vivi, na vida como um Sumo Sacerdote chamado Lygus, nem sempre foi um bloco unificado. Nos antigos pergaminhos que restaram, conta-se que houve períodos em que este continente foi dividido em muitos reinos, cada um com sua própria característica, às vezes em paz e harmonia, outras vezes em conflito. Assim como o sistema político, houve tempos em que o Rei era supremo, e outras vezes em que o Conselho Religioso era o lugar de maior poder. Foi preciso passar por muitos eventos, muitos esforços de nossos antepassados, para que Atlântida gradualmente se unificasse como em nossa era, sob a direção de um Conselho Supremo. Mas mesmo nessa unidade, os vestígios de um tempo de divisão pareciam ainda pairar em algum lugar.

O declínio de Atlântida não foi um evento súbito. Foi um processo, um veneno que se infiltrou lentamente ao longo de muitas gerações. E eu, Lygus, estava no estágio crucial desse processo.

É difícil descrever para vocês o favor que nossa terra recebeu. Atlântida não era apenas um continente, mas um centro de energia do planeta, um lugar especialmente abençoado por Deuses e Budas, abundantemente agraciado com poder divino. Graças a essa energia sagrada, todos os seres vivos aqui se desenvolviam de forma superior. Nós, o povo de Atlântida, que já tínhamos uma alta inteligência, nos tornamos ainda mais perspicazes, saudáveis e com uma longevidade muito maior do que outros povos. As árvores eram extraordinariamente exuberantes, as frutas abundantes, carregando em si uma energia pura. Até os animais eram maiores e mais robustos. A mesma raça de cavalos, mas os que cresciam em solo atlante podiam ser uma vez e meia maiores, com crinas e pelos brilhantes, e sua força e inteligência também superavam em muito seus semelhantes em outros continentes.

É por causa desse favor que nossos ancestrais tinham uma fé profunda e uma grande reverência por Deuses e Budas, considerando-os a fonte de toda a prosperidade. Nossa ciência também se originou daí. Não seguimos o caminho da mecânica, da queima de combustíveis. Em vez disso, aprendemos a compreender e a utilizar a

própria energia cósmica disponível. Dominamos a tecnologia de cristais em um nível elevado, usando-os para fornecer energia limpa para cidades inteiras, operar veículos que deslizavam suavemente pelo ar, curar doenças, comunicar-se a longa distância... Tudo era harmonioso e refletia a conexão entre o homem e Deus. A sociedade atlante naquela época era claramente estratificada, desde o Conselho Supremo e a elite nobre, os Sumos Sacerdotes como eu que detinham o papel espiritual, até a classe dos "Mestres dos Cristais" e comerciantes ricos, e depois os artesãos e trabalhadores. Todos se beneficiavam de um ambiente puro e próspero.

Mas então, o declínio começou. Quando as gerações posteriores nasceram já com tudo pronto, a prosperidade e o conforto da tecnologia se tornaram algo natural. A gratidão e a reverência iniciais por Deuses e Budas gradualmente esfriaram. Uma parte da população e da elite começou a ver sua superioridade como resultado da própria inteligência do povo atlante, e não mais como uma graça de reinos superiores. Essa foi a semente da arrogância, que corroeu nossa civilização por dentro.

Eles começaram a abusar do conhecimento e da tecnologia. Em vez de usar a energia dos cristais para servir à vida de forma harmoniosa, eles buscaram explorá-la para criar confortos cada vez mais sofisticados para o prazer, ferramentas de controle e até mesmo armas poderosas. Mesmo dentro do Conselho Supremo,

a divisão começou a surgir sutilmente. De um lado, estava nossa facção, aqueles que ainda tentavam manter a reverência a Deus e a moralidade tradicional. Do outro lado, uma facção cada vez mais inclinada ao "materialismo" e pragmatismo, liderada por um mestre em tecnologia de energia chamado Magnus. Eles acreditavam que o povo atlante era o mestre de seu próprio destino.

Como Sumo Sacerdote, percebi o perigo mortal dessa mudança de pensamento. Eu entendia que, uma vez que Atlântida perdesse sua reverência e conexão com Deuses e Budas, eles perderiam a própria fonte de seu poder e proteção. A graça pode ser concedida, mas também pode ser retirada. Eu falava frequentemente no Conselho, alertando que o afastamento dos princípios espirituais, o mergulho na arrogância e no prazer material ofenderiam os Deuses e, finalmente, levariam esta terra a não ser mais abençoada. Eu presidia rituais para purificar a energia dos cristais principais, tentando me reconectar com as forças espirituais superiores e ensinando às gerações mais jovens sobre a gratidão.

Mas meus avisos foram rejeitados pela facção de Magnus. Eles argumentavam que "Deuses e Budas" eram apenas conceitos abstratos, não tão importantes quanto a capacidade humana. O verdadeiro poder estava nas mãos dos cientistas, nos cristais de energia, nas tecnologias que eles podiam criar. Eles queriam

desenvolver armas de energia de última geração para afirmar sua posição e poder, propagando sutilmente que o povo atlante podia controlar completamente seu destino. Era a arrogância suprema, a negação de sua própria origem.

E eu, com meu prestígio e influência espiritual, tornei-me o maior obstáculo em seu caminho.

Eles não ousaram me confrontar diretamente, então escolheram um método mais sutil e cruel. Começaram uma campanha secreta para me derrubar, não pela violência, mas enfraquecendo-me por dentro.

Comecei a sentir minha saúde declinar de forma estranha. Minha mente não estava mais tão clara como antes, meu corpo estava frequentemente cansado e minha capacidade de concentração também diminuía. Ao presidir os rituais, sentia minha conexão espiritual enfraquecer visivelmente, minhas orações pareciam não ter mais a mesma força de antes. No início, pensei que fosse devido à idade, ou ao "carma coletivo" de toda Atlântida em declínio me afetando. Eu não suspeitava de forma alguma que havia uma conspiração contra mim.

Só muito mais tarde, nos últimos momentos de minha vida, comecei a perceber vagamente. A facção de Magnus, com seu conhecimento de energia e compostos especiais, havia me "envenenado" secretamente. Talvez

alterando o ambiente energético do meu escritório com dispositivos que emitiam frequências perturbadoras. Ou talvez através do que eu comia e bebia todos os dias. Não eram venenos mortais, mas compostos que diminuía gradualmente a mente e o corpo.

Quando os sinais de meu enfraquecimento se tornaram mais evidentes – às vezes eu falava de forma menos coerente, outras vezes esquecia coisas importantes – a facção de Magnus começou a agir. Eles espalharam rumores na elite, sussurrando que o Sumo Sacerdote Lygus "não era mais favorecido pelos Céus", que eu "havia perdido minha inspiração divina" e "não estava mais lúcido o suficiente para guiar espiritualmente Atlântida". Eles habilmente criaram situações que me faziam parecer impotente ou tomar decisões erradas nas reuniões do Conselho.

Meu prestígio foi gradualmente erodido. As pessoas que antes me respeitavam começaram a me olhar com desconfiança. Minhas propostas no Conselho não tinham mais peso suficiente, eram facilmente ignoradas ou rejeitadas. Minha saúde piorava a cada dia. Ocasionalmente, eu tinha sintomas semelhantes aos de um leve derrame, com dificuldade para falar e movimentos mais lentos.

Finalmente, quando viram que o momento era oportuno, a facção pragmática propôs formalmente no Conselho

que eu deveria "descansar" por motivos de saúde, para "preservar a honra" de um Sumo Sacerdote que tanto havia contribuído. A decisão foi aprovada facilmente, em meio a lamentos falsos e à indiferença da maioria que havia sido influenciada. Fui forçado a deixar meu cargo, na verdade, fui colocado em prisão domiciliar em minha própria mansão, sem mais nenhum poder.

Mas esse ainda não foi o golpe mais doloroso.

O golpe fatal, o que realmente me destruiu por dentro, veio da pessoa que eu mais amava e confiava.

Eu tinha um único filho, chamado Elara. Ele era minha esperança, a pessoa em quem eu havia depositado todo o meu amor e esforço para educar, esperando que um dia ele continuasse meu caminho espiritual. Mas ele era muito jovem, e talvez o mundo exterior tivesse tentações demais.

Mesmo quando eu ainda estava no cargo, mas já mostrando sinais de fraqueza, a facção de Magnus começou a se aproximar de Elara. Eles o convidavam para reuniões da elite, festas luxuosas com comidas e bebidas estranhas, formas de entretenimento com luzes e sons que podiam estimular todos os sentidos. Eles lhe mostraram um mundo de poder e prazer que ele nunca havia conhecido. Sob o pretexto de "liberdade", locais de entretenimento devassos começaram a surgir nos bairros

ricos. Lá, usavam tecnologias de energia para criar ilusões, sons estimulantes e até substâncias viciantes que faziam as pessoas esquecerem a realidade. Através de servos ainda leais, soube com dor que Elara, meu filho, havia frequentado esses lugares não apenas uma ou duas vezes. Ele estava deslizando pelo caminho que eu mais temia.

E então, eles lhe apresentaram uma bela mulher chamada Lyra. Ela era incrivelmente bela, inteligente e sempre sabia como dizer as coisas que Elara queria ouvir. Ela admirava o talento de Elara, simpatizava com sua "frustração" e pintava um futuro onde ele poderia se tornar uma figura importante na nova ordem. Elara, um jovem inexperiente, rapidamente se afogou na embriaguez do amor e da fama.

Quando fui oficialmente deposto, Elara, com o "apoio" de Lyra e da facção de Magnus, recebeu um cargo no Conselho de Ciência e Tecnologia. Era uma posição de prestígio, mas sem poder real de decisão sobre assuntos importantes, mas que lhe permitia aparecer em lugares elegantes, sendo aclamado por todos. Elara apoiou publicamente a facção de Magnus, chegando a criticar veladamente as visões "antiquadas" de seu pai. Ouvi essas palavras através dos servos e meu coração se apertou como se alguém o estivesse esmagando.

Foi Lyra quem frequentemente me trazia "tônicos" dos mestres da energia. Ela disse a Elara que eles me ajudariam a me acalmar, a fortalecer minha saúde. E Elara, em sua ingenuidade e desejo de se mostrar um filho piedoso de uma maneira diferente, os trazia para mim com as próprias mãos. Ele não sabia que aquelas coisas, aqueles chás de ervas e pequenos cristais de energia, eram o que estava destruindo lentamente minha mente e minha saúde. Cada vez que o via trazendo o "remédio", meu coração se contorcia de dor. Eu não tinha coragem de revelar a verdade porque sabia que isso o devastaria, mas ficar em silêncio era como beber veneno eu mesmo.

O período em que Elara foi "valorizado" durou alguns anos. Foram anos em que ele viveu na ilusão do poder. Mas eu ainda podia sentir a inquietação e o vazio em sua alma toda vez que ele me visitava. Ele evitava olhar diretamente em meus olhos, contava histórias vazias sobre o "desenvolvimento" de Atlântida e saía apressado.

E então, o que tinha que acontecer, aconteceu. Quando meu prestígio desapareceu completamente, quando eu era apenas um velho doente vivendo precariamente, Elara também perdeu seu valor de uso. A facção de Magnus começou a excluí-lo de reuniões importantes. Eles argumentaram que "sua experiência ainda era imatura", que "esta posição precisa de alguém com uma visão mais estratégica". Lyra também se tornou

gradualmente fria e finalmente o deixou por outra figura poderosa.

Elara foi expulso da posição da qual tanto se orgulhava, de forma humilhante e cruel. Ele perdeu tanto a fama quanto o amor. Em uma noite chuvosa, ele me procurou, ajoelhou-se e chorou amargamente. Só então ele despertou, percebendo que era apenas um peão no jogo de xadrez de outra pessoa. Olhei para meu filho em colapso diante de mim, meu coração dividido entre a raiva, a compaixão e a tristeza por sua ingenuidade ter pago um preço tão alto. Não disse nada, apenas estendi minha mão trêmula para acariciar sua cabeça. Sua tragédia era também a minha tragédia, e também a tragédia de toda uma geração de Atlântida que fora enganada por promessas brilhantes.

Enquanto isso, eu e os outros Sumos Sacerdotes que ainda mantinham a fé, não ficamos completamente parados esperando a morte. Percebemos que nossos avisos não surtiavam mais efeito. O "navio" Atlântida havia mudado de rumo e estava navegando em direção a um mar tempestuoso. Em reuniões secretas, disfarçadas de sessões de oração, discutimos um plano final. Não tínhamos mais esperança de salvar uma sociedade inteira que havia virado as costas para Deus, mas esperávamos poder preservar as melhores sementes para o futuro.

Começamos a planejar secretamente uma evacuação. O plano incluía a construção de navios gigantes, usando a tecnologia mais avançada que ainda possuíamos, para que pudessem atravessar oceanos furiosos e resistir aos desastres que pressentíamos estarem por vir. Era um trabalho imenso e que tinha que ser realizado em segredo absoluto, pois se a facção de Magnus descobrisse, eles certamente o sabotariam. Quanto a mim, por estar em prisão domiciliar e com a saúde debilitada, só podia contribuir com conselhos e orações.

Após a queda de Elara, me recolhi ainda mais em minha mansão, mas não podia ignorar as terríveis mudanças que ocorriam lá fora. O processo de erosão moral iniciado pela facção de Magnus se espalhou como uma epidemia, corroendo a alma de Atlântida pela raiz. Eu via isso através da degeneração da arte.

(O menino River parou, olhou diretamente para mim, Casey, e seu olhar de repente se tornou estranhamente perspicaz.)

Sabe, isso me faz pensar na nossa era atual. Quando olho para as pinturas abstratas bizarras de Atlântida, lembro-me das obras de Picasso ou Van Gogh que as pessoas hoje em dia elogiam, pagando centenas de milhões de dólares por formas distorcidas e caóticas. Cheguei a ler no jornal sobre uma "obra de arte" que era apenas uma banana de verdade colada na parede com fita adesiva, e que também foi vendida por um milhão de dólares. O

povo de Atlântida daquela época era assim também. Eles elogiavam coisas grotescas e irracionais, e consideravam isso "criatividade". Alguns pintores foram ainda mais longe, pintando imagens de demônios, cenas horríveis. Eles chamavam isso de arte do "eu livre", mas eu só via nisso uma energia extremamente negativa, um escárnio do que é sagrado.

(O menino me olhou seriamente, como se quisesse compartilhar um segredo importante.)

Você sabia que essas coisas não são apenas pinturas? Elas carregam a energia de quem as criou. Se uma pessoa entra em uma galeria de arte 'moderna' ou 'abstrata' hoje, e ao olhar para essas pinturas, sente que são realmente muito bonitas, muito atraentes, e até sente o valor de centenas de milhões de dólares delas, isso é muito perigoso. Significa que a frequência da alma dessa pessoa está em sintonia com essas pinturas, ou seja, está em sintonia com a energia caótica, mutante e até demoníaca por trás delas. E quando uma pessoa simpatiza com os demônios, no julgamento final do universo, ela também será considerada parte deles e enfrentará a eliminação por Deus.

Por outro lado, se a mesma pessoa entra, mas ao olhar para as pinturas, não entende nada, ou até se sente desconfortável, tonta, com dor de cabeça, ou tem uma percepção clara de que 'essas coisas são bizarras', isso é

um bom sinal. Mostra que sua alma ainda mantém sua pureza, ainda está conectada aos padrões primordiais de bem e mal que Deus estabeleceu para a humanidade. E é essa pureza que será o bilhete para que ela tenha esperança de receber a proteção de Deuses e Budas quando o desastre chegar.

(A voz do menino retornou ao fluxo de suas memórias de Atlântida.)

A música também não escapou desse redemoinho. Isso também é muito parecido com agora, não é, senhora? Quando muitos jovens admiram fanaticamente grupos de cantores que se vestem de forma bizarra, gritando letras sem sentido no palco. O povo de Atlântida daquela época era o mesmo. As melodias suaves e nobres, as danças tradicionais graciosas foram cada vez mais deixadas de lado. Em vez disso, os locais de entretenimento estavam cheios de uma música com um ritmo forte, martelante, ensurdecedor. Eles não dançavam mais danças bonitas, mas danças com movimentos bizarros e sugestivos. Diziam que era uma forma de "liberar energia", mas eu via que estava apenas agitando os desejos mais baixos do ser humano.

Ambas as eras, a de Lygus e a nossa, estão seguindo um caminho muito semelhante. É o caminho em que a cultura divina genuína é descartada, dando lugar a coisas mutantes e feias controladas por demônios por

trás. Seu propósito é um só: fazer com que os seres humanos se afastem cada vez mais dos padrões morais estabelecidos por Deus, fazendo com que não consigam mais distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, o belo do feio. E quando a humanidade perder completamente a conexão com Deus, o desastre virá muito rapidamente.

(River suspirou, como se carregasse em seus ombros a tristeza de ambas as eras, e continuou a história inacabada.)

E então, com base em uma sociedade já apodrecida em cultura e moralidade, os materialistas de Atlântida realizaram sua ambição mais sombria.

Eles criaram uma arma de mão, com o nome pomposo de "Cajado Divino da Luz", mas nós, os sacerdotes restantes, a chamávamos por seu nome verdadeiro: "Cajado Divino da Destruição". Tinha a forma de um cajado curto, com um cristal especial acoplado. Quando apontado para um alvo e ativado, emitia um feixe de energia capaz de quebrar as ligações moleculares, fazendo com que o alvo se desintegrasse em pó quase instantaneamente, sem deixar vestígios.

A produção dessa arma era extremamente cara, exigindo os cristais mais raros. Portanto, não era uma arma comum, mas um item de super luxo. Seu preço era equivalente a possuir uma ilha particular dos super-ricos

de hoje. Mesmo assim, a facção materialista ainda as produzia e vendia por lucros astronômicos, transformando-a em um símbolo de poder absoluto e riqueza. Qualquer um com dinheiro suficiente – geralmente a elite depravada ou grandes organizações criminosas – podia possuir a capacidade de eliminar outras pessoas. Isso espalhou um terror silencioso. A lei tornou-se sem sentido, e o valor da vida foi desprezado ao extremo.

Eu e os sacerdotes genuínos restantes olhávamos para esses "Cajados Divinos da Destruição" com horror e tristeza. Para nós, não eram um símbolo de poder, mas um sinal da decadência suprema. As mãos de um praticante espiritual são para apoiar, não para destruir.

(A voz do menino River pareceu embargar, ele estava revivendo a emoção de Lygus naquele momento.)

Minha alma na vida de Lygus sentiu claramente a impotência e a dor de ver os valores que protegi por toda a vida serem pisoteados, e ficou ainda mais despedaçada ao saber que meu próprio filho amado havia, sem querer, ajudado os malfeitores. Meu corpo ficava cada vez mais fraco, minha mente não era mais clara, e eu só podia ver Atlântida deslizar pelo caminho que eu havia tentado alertar. Eles criaram armas terríveis, que podiam transformar uma pessoa em pó em um piscar de olhos. Mas essa arma não era para todos, era rara e cara como

uma fortuna. Então, quando alguém desaparecia de repente sem deixar vestígios, todos entendiam implicitamente que quem estava por trás devia ser uma força intocável. Era um medo generalizado, uma impotência ao saber que havia aqueles que podiam eliminá-lo a qualquer momento, apenas porque tinham dinheiro suficiente para comprar esse poder.

Não foi uma morte no campo de batalha, mas um declínio lento de toda uma civilização, começando com a decadência moral, a traição das pessoas mais queridas. E o mais assustador é que muitos aplaudiam isso como "desenvolvimento", "liberdade".

Embora Lygus tenha falhado em impedir o declínio de Atlântida em sua época, seus esforços e perseverança não foram em vão. Ele plantou uma semente, um alerta para quem pudesse ouvir, mesmo que em vidas futuras. E minha alma aprendeu que o colapso de uma civilização nem sempre é ruidoso com espadas e fogo. Às vezes, começa quando as pessoas abandonam os padrões morais, perseguem o desejo e a liberdade sem limites, se consideram o centro e negam Deuses e Budas.

Duas ou três gerações após a época de Lygus, a sociedade atlante tornou-se cada vez mais depravada, e os vícios que antes eram isolados se tornaram comuns. As pessoas perderam a conexão com Deus, acreditando apenas na ciência e tecnologia egoístas e nas armas de

destruição que elas mesmas criaram. Foi essa podridão interna, o acúmulo de carma colossal ao longo de muitas gerações, quando os humanos ofenderam os Deuses e perderam sua graça, que foi a causa profunda do grande cataclismo que mais tarde submergiu todo o continente. As políticas egoístas, o desenvolvimento de armas de energia cada vez mais terríveis e o abuso de tecnologias de controle da natureza pela facção pragmática e seus descendentes, baseados em uma fundação moral completamente em colapso, finalmente levaram Atlântida ao abismo. Esse foi o preço a pagar pela arrogância e por virar as costas para Deus.

* * *

CAPÍTULO 8: O ESPÍRITO ASSISTENTE DE NAPOLEÃO

(Desta vez, River não olhou para longe como nas vezes anteriores. O menino olhou diretamente para mim, Casey, seus olhos com uma complexidade estranha, como se estivesse contando algo muito próximo, muito pessoal, mas também imensamente estranho. Sua voz era mais grave e lenta.)

Há vidas em que minha alma existe como um ser independente. Mas houve uma vida em que minha existência esteve ligada a outro destino, um destino que abalou o mundo inteiro. Eu não era uma pessoa, mas parte de uma pessoa. Eu era um espírito assistente que acompanhava Napoleão Bonaparte.

(Nota da transcritora – Casey Vale: Sobre o conceito de "espírito assistente" que River mencionou, refere-se à situação em que um ser humano não tem apenas uma única alma, mas múltiplas almas residindo no mesmo corpo. A alma que comanda é chamada de "espírito principal", enquanto as outras são chamadas de "espíritos assistentes". Elas são consciências independentes, partes separadas da alma. O espírito assistente pode observar, sentir e até tentar dar sugestões, mas não tem o poder de decisão final. Esse poder pertence ao espírito principal. Em muitos casos, o espírito principal nem sequer tem consciência da existência desses espíritos assistentes. River disse que, naquela vida, ele foi uma dessas consciências acompanhantes.)

Não é que eu fosse Napoleão, entende? Mas uma parte da minha consciência foi arranjada para acompanhá-lo, como uma sombra da alma, para testemunhar, para contemplar e, talvez, para tentar equilibrar o carma e as escolhas de uma alma cheia de ambição, mas também cheia de tragédia.

Esta vida foi ainda mais especial. Eu não era o único espírito assistente. No reino sutil de sua alma, além do poderoso espírito principal, havia eu e outros espíritos assistentes. Éramos como observadores silenciosos, e tínhamos fluxos de consciência distintos, mas estávamos todos ligados a um grande destino. Cada um de nós tinha percepções e tentava influenciar à sua maneira, mas no final, todos éramos impotentes diante da corrente avassaladora da ambição e, como percebi mais tarde, também das manipulações externas.

Desde que Napoleão era jovem, eu já sentia a energia poderosa, a vontade extraordinária e uma certa "missão" que o impulsionava. Mas então, um evento terrível aconteceu, que mudou tudo.

Foi por volta de julho de 1794. Naquela época, Napoleão tinha cerca de 25 anos, era um jovem oficial de artilharia que já demonstrava um talento excepcional. Numa noite, quando ele estava sozinho em sua tenda ou em alguma circunstância isolada, de repente senti uma forte "invasão" vinda de fora. Uma estranha corrente de energia, fria e completamente não-humana, envolveu a consciência de Napoleão, fazendo-o cair em um coma profundo.

Naquele momento, senti claramente a presença de seres não-humanos – extraterrestres. Eles não tinham uma forma clara em minha consciência, apenas uma noção da

existência de um tipo de alta tecnologia, sem emoção. Não apenas o espírito principal de Napoleão foi suprimido, mas eu e os outros espíritos assistentes também sentimos uma pressão invisível. Minha capacidade de percepção parecia coberta por uma espessa camada de névoa; embora não estivesse completamente obscurecida como o espírito principal, eu não conseguia ver ou entender todos os detalhes do evento.

Ainda assim, pelo que pude perceber de forma intermitente, soube que eles levaram Napoleão, talvez para uma de suas naves. E foi nesse curto período de tempo, enquanto nossas consciências estavam parcialmente inibidas, que eles implantaram um microchip em seu cérebro. Todo o processo foi rápido, preciso e frio como uma cirurgia.

Quando Napoleão acordou, sentiu-se apenas um pouco tonto, sua mente um pouco confusa. Ele pode ter explicado a si mesmo que era devido ao cansaço após dias estressantes ou a uma febre passageira. A memória do evento foi alterada propositalmente. Mas eu, como espírito assistente, embora tenha passado por essa "tontura", ainda me lembrava vagamente da natureza daquele evento terrível.

Logo depois, comecei a sentir a existência de um "objeto estranho" no cérebro de Napoleão. Ele não controlava

diretamente seus pensamentos, mas agia como um catalisador extremamente poderoso. Amplificava o que já existia nele: ambição, arrogância, desconfiança. Ao mesmo tempo, silenciava as vozes mais fracas: compaixão, hesitação, consciência. A verdadeira tragédia estava no fato de que o espírito principal de Napoleão, uma pessoa que não cultivava e não tinha consciência de questões espirituais, seguiu completamente essa amplificação. Ele gostava da sensação de determinação fria, da intensa concentração no objetivo que o chip proporcionava. Ele o escolheu.

Precisamente por não ser um cultivador, Napoleão não conseguia perceber o conflito dentro de si. Ele não sabia que havia momentos em que, enquanto eu e outra parte de sua alma tentávamos plantar um pouco de bondade nele, outra parte, agitada pelo chip, se deleitava com planos audaciosos. Todas essas batalhas internas, para ele, talvez se manifestassem externamente apenas como as considerações e cálculos estratégicos de um líder.

Sua carreira militar começou a florescer brilhantemente na campanha da Itália. Testemunhei-o traçar planos militares que nenhum general parecia capaz de conceber. A agudeza, a lógica extraordinária em seu pensamento me espantavam. Mas vinha acompanhada de uma frieza assustadora. A vida de milhares de soldados, para ele, parecia ser apenas números em um mapa estratégico, ferramentas necessárias para alcançar a vitória.

Depois veio a campanha do Egito em 1798. Senti um forte impulso, quase instintivo, que o atraiu para aquela terra antiga. Não apenas por razões estratégicas, mas também por uma curiosidade, uma estranha paixão por explorar as ruínas, as grandes Pirâmides. Ele passeava ao pé delas, com o olhar pensativo, como se tentasse se lembrar de algo há muito esquecido. Mas, por não ser um cultivador, ele não conseguia explicar essa conexão invisível. Ele apenas considerou que era a admiração de um conquistador por uma grande civilização do passado.

Voltando do Egito com uma fama retumbante, sua ambição cresceu ainda mais. No golpe de 18 de Brumário, testemunhei a determinação, a audácia e até a temeridade extrema com que ele tomou o poder. Senti que o chip em seu cérebro parecia operar com mais força, amplificando sua autoconfiança a um nível extremo, fazendo-o acreditar que nasceu para governar.

E então, o auge da arrogância chegou no dia da coroação como Imperador em 1804. Na Catedral de Notre-Dame de Paris, na presença do Papa Pio VII, que teve que deixar Roma para estar lá, Napoleão não permitiu que o Papa colocasse a coroa em sua cabeça. Ele mesmo arrancou a coroa e a colocou. Naquele momento, senti a satisfação suprema do espírito principal e a "alegria" do chip. Não foi apenas um ato político, mas uma declaração para o mundo inteiro: "Fui eu quem

conquistei este poder com meu talento. Esta glória me pertence."

Após a coroação, o poder de Napoleão parecia absoluto. Mas o poder absoluto também vem com a desconfiança absoluta. E o chip não perdeu a oportunidade de amplificar esse medo. Isso ficou mais evidente na execução do Duque d'Enghien logo depois. Quando os rumores de uma conspiração monarquista se espalharam, Napoleão imediatamente suspeitou do duque, embora não houvesse provas claras.

Quando a decisão de sequestrar e julgar o duque estava se formando, tentei de todas as formas intervir. Plantei em sua mente dúvidas sobre a veracidade das informações, imagens de um julgamento justo e evoquei o medo do julgamento da história se ele condenasse injustamente um membro da realeza. Mas tudo foi em vão. A raiva, o medo de ser assassinado e, acima de tudo, senti uma forte "ativação" do microchip; ele o impelia a "agir com determinação absoluta", a "extinguir a ameaça pela raiz" para dar o exemplo. A decisão foi tomada com frieza. O julgamento foi rápido e o duque foi fuzilado. Ao receber a notícia, senti uma "quietude" sinistra vinda do chip, como se estivesse satisfeito por ter eliminado um "obstáculo" e consolidado o poder de seu hospedeiro através do medo.

Depois de eliminar as ameaças internas com mão de ferro, Napoleão voltou-se para o exterior. As vitórias gloriosas em Austerlitz, em Jena... fizeram toda a Europa se curvar e o fizeram acreditar que era verdadeiramente invencível. Mas eu, dentro dele, sentia uma tristeza e uma impotência crescentes. Ele estava cada vez mais embriagado pelo poder, considerando a vida humana cada vez mais leve que uma pena. Meus esforços para intervir tornaram-se mais fracos, abafados pelos gritos de vitória e pela presunção incessantemente amplificada pelo chip.

E foi essa confiança cega que levou ao primeiro erro estratégico fatal: a invasão da Espanha em 1807. Ele derrubou a dinastia local e colocou seu irmão no trono, acreditando que tudo correria tão bem quanto em outros países.

Quando este plano começou a se formar, tentei avisá-lo. Transmiti imagens de um povo orgulhoso e devoto que nunca aceitaria um rei estrangeiro. Mostrei-lhe as regiões montanhosas acidentadas, os camponeses com armas rudimentares, mas com os olhos cheios de ódio – uma guerra popular que nenhum exército regular poderia vencer completamente. Mas Napoleão, no auge de sua arrogância, descartou tudo. Ele considerou esses pressentimentos como covardia. O chip o impulsionou novamente, dizendo que a família Bonaparte merecia governar toda a Europa. Ele não previu que essa decisão

desencadearia uma sangrenta guerra de guerrilha, uma "úlceras espanhola" que sangraria seu império por muitos anos, custando inúmeras vidas e riquezas.

Essa "úlceras espanhola" sangrava o império incessantemente. Mas em vez de aprender a lição sobre os limites do poder militar, a arrogância de Napoleão, encorajada pelo chip, o impulsionou a buscar uma vitória ainda maior para reafirmar sua autoridade absoluta. E foi então que ele olhou para a Rússia.

(A narrativa do espírito assistente continua, com um tom mais pesado.)

A maior tragédia, o evento que marcou o início da queda de todo um império, foi a decisão de invadir a Rússia em 1812.

Quando esse plano começou a se formar na mente de Napoleão, senti uma apreensão terrível. Toda a minha retidão, e talvez a daquela outra parte compassiva e fraca da alma, gritava em protesto. Em seus sonos agitados, tentei criar as visões mais realistas possíveis: campos de neve branca intermináveis, tropas famintas e congeladas, encolhidas em nevascas, e sangue vermelho escuro na neve branca. Tentei fazê-lo sentir a vastidão desesperadora da Rússia, a resiliência extrema de seu povo e o frio que podia congelar até a vontade.

Mas tudo foi em vão. Sua arrogância atingira o auge. Ele acreditava que nada era impossível para sua Grande Armée. E o chip, senti que operava com mais força do que nunca, impulsionando incessantemente uma "audácia grandiosa", plantando em sua mente imagens de uma vitória final gloriosa que colocaria toda a Europa a seus pés. Todos os conselhos, fossem de seus marechais na vida real ou das vozes silenciosas de dentro como a minha, foram descartados por ele, considerados covardia, pessimismo.

E então, o desastre aconteceu exatamente como eu havia previsto. Sua poderosa Grande Armée foi engolida pelo inverno russo e pela coragem de seu povo. Tive que testemunhar, através de seus olhos, a cena de soldados leais congelando até a morte na retirada, cavalos desabando de exaustão e o desespero extremo nos rostos dos sobreviventes. Foi um inferno na terra. E mesmo assim, sua arrogância não lhe permitiu admitir plenamente seu erro.

O colapso que se seguiu foi uma consequência inevitável. O fracasso na Rússia abalou os alicerces de seu império. As nações subjogadas começaram a se rebelar, os antigos inimigos se uniram. Embora ele ainda tenha obtido vitórias brilhantes depois, foram apenas os últimos esforços para salvar um navio que já estava afundando.

Finalmente, ele foi derrotado e exilado na ilha de Elba. Durante este período, com o poder e a glória perdidos, senti que a atividade do microchip diminuiu consideravelmente. Talvez a força externa considerasse que o "experimento Napoleão" havia chegado ao fim, não tendo mais valor para intervenção.

O "silêncio" do chip criou um espaço raro. Os pensamentos de Napoleão durante esses meses tornaram-se mais "claros" e genuínos. Sem a forte interferência, nossas vozes de consciência se conectaram a ele com mais facilidade. Ele começou a se confrontar de verdade, a contemplar os erros, as decisões que o levaram a essa situação.

Mas então, um último vislumbre de ambição surgiu. Ele escapou de Elba, retornou à França para cem dias gloriosos, mas breves. Senti o chip "despertar" novamente, e a máquina de guerra foi posta em movimento mais uma vez. Mas foi apenas a última chama de uma vela prestes a se apagar. A Batalha de Waterloo pôs fim a tudo.

O segundo exílio, em Santa Helena, uma ilha desolada no meio do oceano, foi verdadeiramente o fim de sua vida. Lá, em solidão absoluta, sem mais campos de batalha, sem exércitos, sem aclamações, o chip ficou quase completamente silencioso. Tornou-se um objeto inanimado.

Foi quando eu realmente pude "conversar" com seu espírito principal. Não com palavras, mas com profundos fluxos de pensamento. Juntos, revisitamos uma vida inteira de turbulências. Ele começou a ter pensamentos vagos sobre o destino, sobre as forças invisíveis que pareciam ter guiado sua vida, embora não pudesse nomeá-las. Ele se arrependeu, se atormentou. Ele teve tudo, mas no final, perdeu tudo.

No dia de sua morte, testemunhei sua alma deixar o corpo. Cansada, pesada de carma, mas também com uma serenidade por finalmente ter sido libertada das ambições, dos conflitos e das correntes de um corpo esgotado. Ao mesmo tempo, também senti minha própria separação e a dos outros espíritos assistentes. Nossa missão de acompanhamento havia terminado. A vida como a sombra de um grande homem trágico havia chegado ao fim.

(River parou, encerrando a história da vida como espírito assistente. Ele soltou um longo suspiro, depois olhou para mim, seus olhos agora de volta à clareza de um menino de dez anos, mas contendo uma sabedoria muito além de sua idade.)

Essa é a história que meu espírito assistente vivenciou. Mas quando eu cultivo e olho para trás com meu tianmu, vejo coisas que nem mesmo o espírito assistente da época sabia.

O espírito principal de Napoleão, em uma vida muito, muito antiga, foi o quarto Sumo Sacerdote do Reino do Céu Central – a civilização de gigantes que construiu as Pirâmides. Talvez tenha sido essa conexão predestinada que o impulsionou, inconscientemente, a realizar uma expedição ao Egito.

E essa campanha tinha uma missão oculta. Em um sonho raro enquanto estava no Egito, ele foi iluminado por um Deus. O Deus lhe disse que um sacerdote maligno de uma civilização posterior havia lançado um feitiço no yintang da Esfinge, bloqueando a energia protetora do Deus Marcial. Seguindo a orientação do Deus, Napoleão ordenou que a artilharia disparasse naquele local exato, quebrando com sucesso o feitiço. Ele, sem saber, completou uma missão sagrada.

A verdadeira intenção celestial das conquistas de Napoleão, pelo que vejo, era quebrar a velha e decadente ordem feudal da Europa e, no processo, preservar muitos legados culturais e espirituais da destruição. Ele executou o plano de Deus corretamente. Mas sua tragédia reside no fato de que, com sua arrogância amplificada pelo chip, ele assumiu todo o crédito para si. Ele acreditava que todas as suas vitórias eram devidas ao seu próprio talento, e não a um arranjo ou graça de Deus. Foi essa mentalidade egoísta e arrogante que o fez criar um carma imenso e, finalmente, sofrer um fim trágico.

E o que realmente me chocou, Casey, foi que, quando comecei a cultivar o Dafa e a abrir uma parte da minha sabedoria, gradualmente percebi que todos nós – o espírito principal de Napoleão e os espíritos assistentes – reencarnamos como pessoas vivendo nesta mesma era. Eu estou aqui, um menino americano contando a você esta história. Quanto aos outros três, sinto que eles estão em diferentes países da Terra.

Eu sei exatamente quem eles são nesta vida, mas não tenho certeza se eles se lembram de algo daquele passado glorioso, mas também cheio de pecados. Mas acredito que o fato de todos nós aparecermos durante o período da ampla disseminação do Dafa não é uma coincidência. Talvez, esta seja a oportunidade para todos nós purificarmos verdadeiramente o carma que plantamos, para reencontrarmos nosso verdadeiro eu, para escolhermos um caminho completamente diferente – o caminho de volta à Verdade-Compaixão-Tolerância.

* * *

CAPÍTULO 9: A TESTEMUNHA DO PÓ

(River suspirou suavemente, seu olhar fixo em um ponto indefinido na parede oposta. Parecia que cada história o

obrigava a vestir uma camada de poeira do tempo, e desta vez, essa poeira tinha a cor vermelha da desolação e uma tristeza que se estendia por milhões de anos.)

O CREPÚSCULO DE UM MUNDO DOURADO

Houve uma vida em que eu não estava na Terra como vocês a conhecem hoje. Foi outro ciclo de civilização, cerca de 40 milhões de anos atrás. Naquela época, eu era uma mulher de quase 30 anos, uma artesã de cerâmica tradicional. Meu nome naquela época, se pronunciado na língua moderna, soaria algo como Aria. Nossa língua naquela época também era muito diferente, baseava-se mais em frequências sonoras e ressonância do que em caracteres.

Meu mundo naquela época, visto de fora, era o auge do desenvolvimento. As cidades eram construídas com ligas metálicas brilhantes, refletindo a luz do sol em faixas de arco-íris em movimento. Naves espaciais silenciosas deslizavam suavemente entre os arranha-céus. A humanidade já era capaz de viajar para fora do sistema solar com facilidade. Mas por trás desse brilho havia um vazio assustador. A atmosfera social era fria e apática. As pessoas estavam imersas no materialismo e nos prazeres

criados pela tecnologia, afastando-se cada vez mais da natureza e dos valores espirituais.

Eu, Aria, vivia como uma ilha no meio daquele mundo. Meu ateliê de cerâmica ficava em um bairro antigo, onde edifícios de pedra ainda eram preservados. Todos os dias, eu encontrava alegria e paz com as mãos sujas de argila. Eu podia sentir a alma em cada fibra da terra, podia ouvir sua história quando a água e o fogo se fundiam. Mas o mundo exterior não valorizava mais isso. Eles preferiam os produtos "perfeitos" produzidos em massa por máquinas, belos de uma forma industrial, mas completamente sem alma. As vendas do meu ateliê diminuía a cada dia, e eu só conseguia trabalhar para um pequeno número de pessoas nostálgicas, que ainda me procuravam para encomendar peças que carregavam o calor das mãos humanas. Muitas vezes, no silêncio do meu ateliê, eu me sentia deslocada e em dúvida, me perguntando se o caminho que eu estava seguindo ainda tinha algum significado.

E então, um dia, nosso mundo inteiro foi abalado.

Um anúncio de emergência do Conselho Inter-Nações foi transmitido por todo o planeta. Era uma organização que reunia representantes de quase 50 nações da Terra naquela época, com o papel de coordenar assuntos globais, semelhante às Nações Unidas de hoje. A voz fria e impassível do Presidente do Conselho ecoou em todas

as telas, anunciando um "incidente diplomático" em um sistema estelar distante.

Mas a verdade não pôde ser escondida por muito tempo. As informações começaram a vaziar por canais não oficiais, espalhando-se como pânico. Não foi um "incidente". Foi um ataque desastroso. Uma frota de busca de recursos da Terra, um projeto ambicioso aprovado pelo próprio Conselho Inter-Nações, havia invadido o território de outra raça e fora completamente aniquilada. E o pior de tudo, aquela raça alienígena, com uma civilização muitas vezes mais avançada que a nossa, declarou que nos perseguiria até o fim e destruiria toda a vida na Terra como retaliação.

O caos e o pânico se instalaram. As nações membros do Conselho começaram a culpar umas às outras. Os líderes materialistas, que sempre se orgulharam e confiaram absolutamente no poder de sua tecnologia, agora enfrentavam a impotência total pela primeira vez.

Após muitas reuniões tensas e controversas, o Conselho Inter-Nações anunciou um plano final, um plano desesperado chamado "Preservação da Semente". Eles selecionariam indivíduos de elite de vários campos das nações membros para embarcar em naves espaciais gigantes, evacuando para bases secretas em outros planetas do sistema solar, na esperança de preservar a raça no pior cenário.

Fiquei extremamente surpresa ao receber a notificação de que havia sido escolhida. A razão que minha nação apresentou, e que foi aprovada pelo Conselho, era porque eu era uma das poucas artesãs tradicionais qualificadas restantes, uma representante do "patrimônio cultural" que precisava ser preservado. Que ironia, a arte que eles consideravam "obsoleta" e quase esquecida, agora era vista como algo precioso a ser levado na fuga.

No dia da partida, fiquei diante do meu ateliê pela última vez. O forno ainda estava quente, algumas peças inacabadas estavam na roda de oleiro. Tive que deixar tudo para trás. Minha vida inteira e minha paixão ficaram ali. Só me permitiram levar uma pequena caixa de ferramentas, os itens que me acompanharam desde que comecei a aprender o ofício. Minhas lágrimas caíram, não apenas de medo, mas também pela dor de ter que abandonar o que era minha alma.

O SEGREDO DO PLANETA VERMELHO

A viagem a Marte ocorreu em um silêncio tenso. Na nave espacial gigante, milhares de pessoas sentavam-se imóveis, ninguém falava com ninguém. Olhei ao redor e vi um cientista famoso, que costumava aparecer na mídia com uma expressão confiante, agora olhando para o vazio com um olhar perdido. Vi uma família rica, que

sempre se gabava de sua fortuna, agora se abraçando e chorando amargamente. Todo o orgulho, fama e dinheiro se tornaram insignificantes diante da destruição iminente. Todos estavam grudados nas janelas, observando nosso belo planeta azul ficar cada vez menor, mais fraco, até se tornar apenas um ponto de luz no vasto universo. Foi uma sensação de perda indescritível.

Nossa nave espacial não pousou abertamente na superfície. Ela voou para um cânion profundo e desolado, e então uma porta gigante, perfeitamente camuflada como uma parede de rocha, abriu-se lentamente, revelando um túnel que levava às profundezas da terra.

Quando saímos da nave, todos os civis como eu ficaram atônitos. Diante de nós estava um mundo completamente diferente. Uma cidade subterrânea gigante, iluminada por um sol artificial em um teto abobadado altíssimo, emitindo uma luz suave. Havia florestas de plantas verdes e exuberantes, rios subterrâneos de água cristalina correndo. O ar era puro e agradável. Esta base poderia sustentar vários milhões de pessoas com facilidade.

Enquanto ainda estávamos maravilhados, notei que os rostos dos cientistas e oficiais da delegação estavam bastante calmos. Mais tarde, soube que eles já sabiam da existência desta base há muitos anos através de

explorações espaciais. Eles sabiam como encontrar e abrir esta porta secreta. Foi por isso que Marte foi escolhido como um dos pontos de evacuação. Mas saber de sua existência era uma coisa, entendê-la era outra completamente diferente.

Eles rapidamente perceberam que esta grande obra não fora criada por nossa civilização. Era muito antiga, o estilo arquitetônico e a tecnologia operacional eram completamente estranhos. Eles eram apenas pessoas que haviam encontrado o legado de alguém esquecido, mas não conseguiam decifrá-lo.

Os cientistas da delegação nos levaram ao arquivo central da base. Disseram que haviam encontrado este lugar em explorações anteriores, mas eram completamente incapazes de acessar as informações. As informações aqui não eram armazenadas em nenhuma forma de escrita ou dados digitais. Estavam seladas em grandes cristais transparentes. Eles tentaram todos os métodos tecnológicos para extrair os dados, mas falharam. Finalmente, eles levantaram a hipótese de que talvez exigisse uma interação espiritual, uma conexão de consciência.

E foi por isso que eles vieram até mim e algumas outras pessoas com almas sensíveis, artistas, poetas. Eles queriam "tentar a sorte". Quando coloquei minha mão em um grande cristal, imediatamente, uma cascata de

informações, imagens, sons e emoções inundou minha mente como uma tempestade. Eu não era mais Aria. Eu estava revivendo a vida de outra civilização, uma civilização que existiu 90 milhões de anos antes da minha era.

O que eu vi superou toda a imaginação. A tecnologia deles era muitas vezes mais avançada que a nossa. Se nós estávamos apenas engatinhando para fora do sistema solar, eles consideravam toda a Via Láctea como seu quintal. Vi frotas de naves espaciais gigantes, usando motores de energia quântica, que podiam dobrar o espaço para se mover quase instantaneamente. Eles haviam conquistado, governado ou se aliado a dois terços dos sistemas estelares de toda a Via Láctea. Seu "império intergaláctico" não era apenas um nome, mas uma entidade poderosa que abrangia o universo.

Mas então, essas imagens gloriosas deram lugar a cenas que me fizeram tremer de nojo. Com um poder sem rival, eles mergulharam na mais profunda depravação. Vi-me em meio a um salão luxuoso. Nobres com genes modificados desfrutavam de músicas que podiam controlar diretamente as emoções. Vi uma bela mulher passar, e o perfume de rosas de seu corpo se espalhou pelo espaço. Mas seus olhos estavam vazios, sem alma. Em outro canto, uma gaiola de energia aprisionava um ser de forma estranha de outro planeta, tremendo de medo enquanto a multidão apontava e ria. No processo

de conquistar 2/3 da Via Láctea, eles cometeram inúmeros crimes, escravizando inúmeras raças.

Senti nojo, mas também reconheci uma semelhança assustadora no cerne daquela depravação: a arrogância extrema, considerando-se o centro do universo, e um vazio tão profundo que precisavam buscar prazeres doentios para preenchê-lo. Um império tão poderoso, mas sua moralidade estava podre por dentro.

E então, eu vi o fim deles. Quando tentaram conquistar o terço restante da Via Láctea, eles mexeram com uma força que nem mesmo eles podiam resistir: a raça meio-humana, meio-animal da constelação de Capricórnio. O colapso foi rápido, completo. Um império que outrora governou o universo foi varrido em um curto período de tempo.

O fluxo de memórias terminou. Caí no chão, ofegante, meu corpo encharcado de suor. Eu havia entendido. A história estava se repetindo.

A HISTÓRIA SE REPETE E O DESPERTAR

Tentei contar o que tinha testemunhado a todos. Quando a história terminou, toda a sala de controle central mergulhou em silêncio. Um silêncio mais assustador do

que gritos. Ninguém duvidou de minhas palavras. Porque a tragédia de uma civilização de 90 milhões de anos atrás era um espelho perfeito que refletia nosso próprio destino.

E então, a história se repetiu de forma cruel. O sistema de alarme da base soou. Uma frota gigante havia entrado na órbita da Terra. Na tela principal, nós, os sobreviventes em Marte, fomos forçados a testemunhar o dia do julgamento de nosso planeta natal. Vimos suas terríveis armas de energia dispararem em direção à Terra. Nosso belo planeta azul se contorceu em explosões silenciosas. Em poucas horas, tudo acabou. A Terra, de uma esfera azul vibrante e cheia de vida, transformou-se em uma esfera negra e sombria.

A dor e o desespero atingiram seu auge. Um velho general que lutara por toda parte desabou no chão. Um cientista que fora o mais confiante agora chorava como uma criança, com a cabeça entre as mãos. Quanto a mim, não chorei. Senti apenas um vazio frio, porque eu já havia "visto" esse resultado através das memórias da antiga civilização.

Em pânico, a ordem foi dada: selar todas as entradas da base. Nos escondemos mais fundo na terra, nos preparando para o pior. O ar na base era sufocante. A comida era racionada estritamente. O silêncio reinava, as

crianças não brincavam mais. Esperamos com medo. Um dia se passou. Depois dois.

Mas então, no terceiro dia, algo inacreditável aconteceu. A frota inimiga, depois de dar mais algumas voltas ao redor de Marte, reagrupou-se e... partiu. Eles simplesmente desapareceram nas profundezas do espaço, como se não se importassem com nossa existência.

A base mergulhou em um silêncio atônito. Ninguém entendia o que havia acontecido. E em meio ao silêncio, uma percepção comum começou a se espalhar na mente de todos. Havíamos sido protegidos por uma força superior. Fomos salvos não pela tecnologia, mas por Deuses e Budas.

Este evento milagroso, juntamente com a história repetida que eu havia testemunhado, tornou-se um choque de despertar para toda a comunidade. Uma reunião geral foi realizada no maior salão da base. Pela primeira vez, eu, uma artesã comum, levantei-me para falar diante de milhares de pessoas. Não apenas recontei a história, mas também expressei minha contemplação sobre a lei de causa e efeito, sobre o perigo da arrogância e do caminho materialista. Minhas palavras sinceras, juntamente com a verdade inegável que todos haviam acabado de experimentar, tiveram um forte poder de persuasão. Os cientistas, os líderes, depois de experimentarem a impotência absoluta, admitiram

publicamente o erro do caminho que nossa civilização havia escolhido.

Uma decisão monumental foi acordada por todos: abandonar completamente a dependência da tecnologia avançada, retornar aos valores tradicionais, viver uma vida simples, baseada no trabalho manual e focada no desenvolvimento interior, redescobrimo a conexão com Deus.

E nessa revolução espiritual, eu, Aria, uma artesã de cerâmica quase esquecida, de repente me tornei uma figura central. Minha arte não era mais "antiquada". Ela, juntamente com outros ofícios, tornou-se a base para reconstruir uma sociedade com alma.

A MISSÃO DA ARTESÃ

As décadas que se passaram nas profundezas de Marte não foram fáceis, mas foram cheias de significado. Desligamos a maior parte das máquinas automáticas, as coisas que nos tornaram preguiçosos e distantes. Começamos a reaprender do zero as habilidades mais básicas: como cultivar a terra nos jardins artificiais com nossas próprias mãos, como tecer tecidos com as fibras das plantas, como construir e consertar casas com ferramentas simples.

Meu ateliê de cerâmica tornou-se o coração da comunidade. Todos os dias, muitas pessoas vinham, não apenas para fazer pedidos, mas para aprender. Eu os ensinava a sentir a alma da terra, a usar a paciência e o amor para transformar um pedaço de argila sem vida em uma tigela, um vaso. Vi a alegria brilhar nos olhos de um cientista premiado quando ele moldou com sucesso sua primeira xícara, embora estivesse torta e imperfeita. Essa alegria era mais real do que qualquer conquista tecnológica que eles já haviam alcançado.

Cerca de algumas décadas após a destruição da Terra, o sistema de observação mostrou que nosso planeta estava gradualmente se curando. A atmosfera estava se tornando mais clara, a vegetação começava a ressurgir em alguns lugares. Um grande debate surgiu na comunidade: deveríamos voltar ou não? Algumas pessoas ainda tinham medo, argumentando que Marte era o único lar seguro. Mas a maioria, incluindo eu, sentia que tínhamos a responsabilidade de retornar, de reconstruir nossa pátria das cinzas.

Finalmente, uma decisão foi tomada. Metade da comunidade retornaria à Terra. A outra metade permaneceria em Marte, mantendo a base como um plano de contingência, um lembrete do passado. Desta vez, a despedida não teve lágrimas de desespero, mas abraços apertados, promessas e esperança no futuro.

Ao retornar à Terra, tornei-me uma das pessoas mais respeitadas, encarregada de liderar a indústria de cerâmica da nova civilização. Mas, no fundo, eu sabia que minha missão agora era muito maior.

Comecei a realizar um grande projeto, um trabalho silencioso que durou o resto da minha vida. Criei uma série de obras-primas de cerâmica, cada peça uma página viva da história, contando a história que apenas eu e alguns poucos ainda lembravam. Gravei nelas as imagens das grandes naves espaciais do "império intergaláctico", as cenas de seus banquetes luxuosos e depravados. Gravei também a imagem da feroz raça de Capricórnio e a queda de um império que outrora governou dois terços da Via Láctea. E também gravei nossa própria história: a arrogância, a punição, a evacuação e o despertar nas profundezas de Marte.

Cada peça era um processo de meditação profunda, uma vez que eu tinha que reviver todas as memórias dolorosas e as lições duramente aprendidas. Minhas mãos moldavam a argila, mas minha mente tentava moldar um aviso para o futuro.

Depois de concluídas, essas obras não foram exibidas em lugar nenhum. Elas foram submetidas a uma cerimônia solene. Nós as envolvemos em tecidos especiais, as colocamos em caixas de pedra e as enterramos em locais remotos ao redor do mundo. Antes de cobrir com terra,

todos nós colocamos as mãos na caixa e fizemos uma oração: para que as pessoas das futuras civilizações, se tivessem a sorte de encontrar essas "testemunhas", tivessem sabedoria e bondade suficientes para entender a mensagem que queríamos transmitir, para não repetir o caminho da destruição.

Nos meus últimos anos, não fiz mais cerâmica. Dediquei todo o meu tempo ao cultivo do Dharma Budista e a transmitir todas as minhas habilidades, experiências e reflexões para as gerações de discípulos. Eles não aprenderam apenas um ofício, mas também sobre a moralidade de ser humano, sobre a humildade e a reverência a Deuses e Budas.

No dia em que parti, eu tinha mais de oitenta anos. Eu sabia que minha hora havia chegado. Chamei meus discípulos mais próximos, dei-lhes minhas últimas palavras, para que mantivessem a chama do ofício e da moralidade. Então, sentei-me em posição de meditação em meu antigo ateliê, onde tudo começou. Em meio ao cheiro de argila e ao suave aroma de incenso, deixei este mundo pacificamente, de uma maneira semelhante a como alguns monges de alto escalão no Tibete se dissolvem: uma auréola dourada pálida envolveu meu corpo por um momento, e uma estranha e pura fragrância encheu a sala, e todo o meu corpo, incluindo as roupas, transformou-se em um feixe de luz de cinco cores que subiu aos céus.

A vida de Aria terminou assim. Uma vida que começou em dúvida, passou por perdas e desespero, mas finalmente encontrou sua missão e realização ao se tornar uma testemunha silenciosa da história, uma semeador para o futuro.

* * *

CAPÍTULO 10: REENCARNAÇÃO DURANTE A DINASTIA TANG

(Desta vez, a voz de River não carregava a tragédia ou a maravilha de civilizações perdidas. Era calma, suave, como o som de um sino de templo ecoando em uma tarde crepuscular.)

O menino parecia estar contando sobre um velho amigo, uma pessoa muito comum, mas com uma perseverança extraordinária.)

Houve uma vida em que retornei a uma era não muito distante, uma idade de ouro na história chinesa, onde o Darma Budista, especialmente a Escola Chan (Zen), floresceu – a era da Dinastia Tang.

Naquela vida, eu não era um rei, um sacerdote ou uma figura de grande influência. Inicialmente, eu era um general militar chamado Chen Kang, servindo sob o Príncipe de Qin, Li Shimin, antes de ele se tornar imperador. Minha vida naquela encarnação foi uma grande mudança de direção, do som das espadas no campo de batalha para a quietude de um mosteiro.

O SOLDADO EM MEIO À LUTA PELO PODER

Nasci nos últimos anos da Dinastia Sui, um período de caos, com ossos brancos espalhados pelos campos e o povo sofrendo. Minhas memórias de infância são de dias de fome, de saques e massacres, da impotência de ver entes queridos caírem sem poder fazer nada. Por isso, quando ouvi que o Duque de Tang, Li Yuan, estava se

preparando para se rebelar em Taiyuan contra a Dinastia Sui, eu, um jovem cheio de entusiasmo, não hesitei em ir para lá me alistar, com o simples desejo de ajudar a acabar com o sofrimento que eu havia testemunhado.

A pessoa que me recrutou e entrevistou diretamente na época foi seu segundo filho, o Príncipe de Qin, Li Shimin. Desde o primeiro encontro, fui completamente cativado por sua aura extraordinária, seus olhos brilhantes como estrelas e uma confiança que emanava dele. Embora a rebelião fosse nominalmente liderada pelo Duque de Tang, em meu coração, o Príncipe de Qin era a imagem de um líder iluminado, alguém que poderia varrer o caos e trazer a verdadeira paz para o povo. Jurei usar minha vida para lutar sob sua bandeira, confiando absolutamente no líder iluminado que eu havia escolhido.

No campo de batalha, eu era um bom soldado. Lutei bravamente, nunca recuando diante do perigo, e enfrentei a vida e a morte muitas vezes. Lembro-me de uma vez, em um cerco a uma cidade extremamente difícil, nosso exército foi detido por flechas de fogo inimigas, as baixas aumentavam e os soldados começaram a vacilar. Naquele exato momento, o Príncipe de Qin não estava seguro em sua tenda de comando. Ele vestiu sua armadura pessoalmente, pegou sua espada e avançou para a linha de frente. Ele não gritou slogans vazios. Apenas ficou lá, em meio à chuva

de flechas, usando sua virtude e bravura para levantar o moral de todo o exército. Testemunhando essa cena, eu e os outros soldados nos sentimos como se tivéssemos recebido uma força invisível, avançamos juntos arriscando a vida e finalmente conquistamos a cidade. Aquela imagem ficou profundamente gravada em minha mente, fortalecendo a crença firme de que, seguindo-o, o império certamente alcançaria a paz.

Mas minha natureza era muito simples e direta. Eu não sabia usar estratégias, nem tinha o talento de falar com eloquência para agradar meus superiores. Eu só sabia ser leal às ordens e aos meus ideais. Portanto, apesar de muitas conquistas, fui promovido apenas ao posto de Xiaowei, um oficial militar de nível médio. Não me importei muito com isso. O posto não era tão importante para mim quanto ver o império da Dinastia Tang se fortalecer a cada dia.

Depois que a Dinastia Tang foi estabelecida, pensei que a paz havia chegado, mas outra guerra, uma guerra ainda mais assustadora, estava se desenrolando silenciosamente na capital, Chang'an. Era a luta pelo poder. Normalmente, o irmão mais velho, o Príncipe Herdeiro Li Jiancheng, seria o sucessor. Mas o Príncipe de Qin, Li Shimin, o segundo filho, era quem tinha o maior mérito na pacificação do império. Seu mérito era tão grande, seu prestígio tão alto, que a posição do Príncipe Herdeiro foi abalada. A contradição entre as

duas facções tornou-se cada vez mais intensa. Juntamente com o quarto irmão, o Príncipe de Qi, Li Yuanji, o Príncipe Herdeiro Li Jiancheng tentou repetidamente prejudicar e eliminar o Príncipe de Qin.

A atmosfera política na capital naqueles dias era sufocante. Os generais e soldados em nossa mansão do Príncipe de Qin sentiam que uma tempestade estava prestes a eclodir. Todos os dias, vivíamos em ansiedade, sem saber o que o amanhã traria. Eu, com a sensibilidade de um soldado acostumado ao perigo, também sentia uma apreensão generalizada. Eu era apenas um oficial de baixo escalão, não entendia todas as intrigas profundas da corte. Tinha apenas um desejo simples: que os príncipes pudessem se reconciliar pelo bem do império, para evitar o fratricídio. Mas eu sabia que isso era apenas uma esperança ingênua.

E então, aquela noite fatídica chegou. Meu comandante, um general próximo ao Príncipe de Qin, foi convocado à mansão para uma reunião de emergência. Como seu guarda-costas, eu tive que acompanhá-lo e ficar de guarda do lado de fora do escritório. Naquela noite, a atmosfera era densa, tão tensa que eu podia ouvir meu próprio coração batendo. Através da porta de madeira entreaberta, ouvi vozes baixas e calculistas lá dentro. Ouvi o nome do Príncipe Herdeiro Li Jiancheng, do Príncipe de Qi, Li Yuanji. Ouvi palavras como "emboscada", "Portão Xuanwu", "não há outra escolha". E

ouvi claramente a voz decidida do Príncipe de Qin, o apoio feroz de Zhangsun Wuji e outros.

Eles estavam planejando um plano audacioso e cruel: emboscar e matar seus próprios irmãos de sangue.

O sangue em minhas veias pareceu congelar. Meus ouvidos zumbiam. Meu mundo parecia desmoronar. O líder iluminado que eu adorava, a pessoa que eu acreditava que traria a paz pela retidão, estava planejando um massacre de irmãos. Todo o ideal pelo qual eu havia arriscado minha vida para proteger por tantos anos de repente se tornou ridículo e falso. Senti nojo, não apenas do plano, mas de mim mesmo por fazer parte dessa máquina. Eu não queria participar, não queria sujar minhas mãos com um ato tão imoral.

Após a reunião, no caminho de volta, tomei coragem e falei com meu comandante. Usei a desculpa de não me sentir bem nos últimos dias e pedi para receber outra missão fora da cidade naquele dia. O comandante, que estava tenso e com a mente totalmente focada no plano, apenas me olhou com frieza e dispensou. "Este é um momento de vida ou morte para o Príncipe de Qin e todos nós. Não há lugar para fraqueza. Você é um soldado da mansão do Príncipe de Qin, você deve estar presente!" Sua voz não permitia recusa.

Percebi que não tinha escolha. Estava preso pela minha identidade de soldado, pela minha lealdade ao meu comandante e pela roda do destino da qual não podia escapar.

Na manhã seguinte, o dia do incidente, a atmosfera no Portão Xuanwu era pesada como chumbo. Minha unidade e eu fomos encarregados de guardar um perímetro externo, para impedir qualquer possibilidade de reforços do lado do Príncipe Herdeiro. Eu não fui quem desferiu os golpes, mas ouvi tudo. O relinchar dos cavalos, os gritos de terror, o som breve e brutal de armas se chocando, e então... um silêncio mortal. Aquele silêncio era mais assustador do que qualquer som.

Um pouco depois, o Príncipe de Qin, Li Shimin, saiu do Portão Xuanwu. Olhei para ele, tentando encontrar a imagem do líder heroico do campo de batalha de anos atrás. Mas não. O homem diante de mim agora tinha um olhar completamente diferente. Um olhar frio, vazio, sem um pinga de calor, sem uma ondulação de emoção. Era o olhar de alguém que havia abandonado todos os laços familiares em troca do poder. Aquele olhar matou completamente a imagem de "líder iluminado" em meu coração.

Depois que Li Shimin ascendeu ao trono, adotando o nome de reinado de Imperador Taizong de Tang, todo o império celebrou uma nova página na história. Mas para

mim, o ideal estava morto. A glória da nova dinastia, construída sobre o sangue de irmãos, para mim, era apenas uma desgraça. Senti o peso do meu uniforme militar. A espada ao meu lado também se tornou estranha. Eu, Chen Kang, agora com quase 40 anos, sentia-me cansado e vazio. Pedi dispensa do exército, alegando problemas de saúde devido a anos de campanha. Abandonei o uniforme, a espada que me acompanhou durante toda a juventude, deixei para trás a próspera capital e comecei uma jornada errante e sem rumo, em busca de algo que pudesse remendar minha alma partida.

TRINTA ANOS DE SILÊNCIO AOS PÉS DO QUINTO PATRIARCA

Minha jornada errante me levou à Montanha Huangmei, onde ficava o Templo Dongchan. Quando me ajoelhei diante do Quinto Patriarca, Hongren, um mestre Zen com um olhar compassivo, mas penetrante, não pedi a ele que me concedesse a paz. Pedi apenas um lugar para me abrigar, um caminho a seguir. Ele olhou para mim, um homem de quase 40 anos, com um corpo robusto ainda marcado pela guerra, e acenou com a cabeça. Raspei meu cabelo, vesti o manto marrom e recebi do Mestre o nome do Darma Xuanmo.

Os primeiros dias no mosteiro foram uma batalha mais árdua do que qualquer outra que eu já havia travado. Foi uma batalha contra meu próprio corpo e mente.

O corpo de um general acostumado ao movimento agora gritava em protesto por ser forçado a ficar imóvel por horas. Cada sessão de meditação sentada era uma tortura. Minhas pernas, acostumadas a botas de couro e estribos de ferro, agora tinham que ser cruzadas. No início, eu só conseguia sentar na posição de meio-lótus. Depois de um tempo, uma dor aguda, como se mil agulhas perfurassem meus ossos, e um fogo correndo pela minha espinha. Minhas costas, acostumadas a ficarem retas na sela, agora doíam terrivelmente. Eu olhava para meus irmãos monges sentados na posição de lótus completo, firmes como estátuas de pedra, enquanto eu me mexia incessantemente, com a testa encharcada de suor.

Seguindo o conselho de alguns colegas, usei métodos rigorosos para me forçar a entrar na linha. Às vezes, usava pequenas pedras planas para pressionar meus joelhos, esperando que o peso ajudasse minhas pernas a descer. Outras vezes, usava uma corda para amarrar firmemente minhas pernas na posição de lótus completo, rangendo os dentes para suportar a dor excruciante.

E minha mente era um cavalo ainda mais selvagem. Sempre que eu tentava me acalmar, as imagens sangrentas do campo de batalha retornavam. Eu via os

rostos novamente, ouvia os gritos novamente. Algumas noites, sonhava que estava no Portão Xuanwu, mas a pessoa que eu tinha que matar era um antigo companheiro com quem eu havia passado pela vida e pela morte. Acordava assustado com um grito silencioso preso na garganta, minhas mãos ainda cerradas como se estivessem segurando o cabo de uma espada.

Alguns monges mais jovens, vendo minha luta, não conseguiam esconder seus risos. Eu os ouvia sussurrar pelas minhas costas: "Olha só, trazendo o corpo do campo de batalha para a porta de Buda", ou "Como alguém assim pode cultivar?". Eu ouvia tudo. O orgulho de um general me deixava com raiva, mas eu rapidamente o reprimia, substituindo-o por um sentimento de vergonha e impotência.

Um dia, o Quinto Patriarca, Hongren, passou por mim e me viu meditando, com o rosto contorcido de dor, duas pedras pesando sobre minhas pernas. Ele parou, não disse nada, apenas balançou a cabeça levemente e continuou seu caminho. No dia seguinte, Ele me chamou em particular e disse severamente:

"Ouvi dizer que você está usando pedras para pressionar suas pernas e cordas para amarrar seu corpo na esperança de conseguir sentar em lótus completo. Você está tentando domar este corpo como se doma um cavalo selvagem? Este seu corpo

criou tanto carma de matança no campo de batalha, e agora um pouco de dor é grande coisa? Você suportou dez mil flechas perfurando seu coração, e agora não suporta um pouco de dor nas pernas? Essa dor está exatamente eliminando seu carma. Você está usando pedras para pressionar a perna, mas sua mente ainda está lutando contra a dor. O cultivo é cultivar a mente, não a perna. Quando sua mente não lutar mais contra ela, com pedras ou sem pedras, isso ainda importará?"

As palavras severas, mas cheias de sabedoria, do Mestre foram como um balde de água fria em mim. Eu despertei. Eu entendi. O problema não estava nas pedras, mas em meu apego à ideia de "ter que conseguir sentar". Daquele dia em diante, eu mesmo removi as pedras. Não via mais a dor como um inimigo, mas comecei a aprender a aceitá-la e observá-la com calma. A partir de então, não me forcei mais a meditar mecanicamente. Pedi para fazer os trabalhos mais pesados do mosteiro: rachar lenha, carregar água, moer arroz. A cada golpe de machado, a cada passo carregando água morro acima, eu concentrava toda a minha mente na tarefa. Gradualmente, as imagens do passado não gritavam mais, elas se acalmaram. Levei quase dez anos para realmente dominar meu corpo e mente, para conseguir sentar em lótus completo com firmeza.

Nos dez anos seguintes, com a mente em paz, comecei a me concentrar mais no estudo dos clássicos. E no Templo Dongchan daquela época, ninguém podia se comparar ao Irmão Monge Sênior Shenxiu em erudição. Ele era o instrutor do Dharma, o líder da sangha. Eu costumava ir ouvi-lo ensinar o Dharma e admirava imensamente seu vasto conhecimento, sua capacidade de citar os clássicos de cor e sua eloquência fluente. Em meu coração, eu o via como um farol, um exemplo brilhante a seguir. Eu também tentei ler muitos sutras, tentei memorizá-los e interpretá-los como Shenxiu fazia.

Mas, mais uma vez, o Mestre me iluminou. Uma tarde, enquanto eu estava copiando sutras na biblioteca, o Quinto Patriarca se aproximou. Ele não me perguntou sobre o conteúdo dos sutras, mas fez uma pergunta simples: "Ao copiar estas palavras, sua mente encontra paz?" Respondi honestamente: "Mestre, sinto que me tornei mais conhecedor, mas minha mente às vezes ainda vacila."

O Quinto Patriarca olhou profundamente em meus olhos e disse lentamente:

"Xuanmo, sua base não está nos textos. Shenxiu tem o caminho de Shenxiu, você tem o seu. Você não deve seguir a sombra de outra pessoa. Os sutras são como o dedo que aponta para a lua; se você continuar olhando para o dedo, como

poderá ver a lua? O que você precisa não é de mais conhecimento, mas de acalmar a mente que foi temperada no fogo, para que a sabedoria se manifeste por si mesma. De agora em diante, leia menos livros. Continue a rachar lenha, carregar água e meditar. Concentre-se unicamente no método que lhe transmiti e alcance a iluminação por si mesmo."

Essa iluminação me ajudou a redefinir meu caminho. Não busquei mais as formas externas, mas voltei-me para o cultivo unificado do meu interior. Percebi que a verdadeira paz vem da quietude em cada ação, não do conhecimento nos livros.

Os últimos anos deste período foram quando Huineng apareceu. Naquela época, o Mestre Hongren já era idoso. Uma grande questão começou a se espalhar por toda a sangha de mais de quinhentas pessoas: Quem seria digno de herdar o manto e a tigela, tornando-se o Sexto Patriarca da Escola Chan? Na mente de todos, a resposta parecia óbvia demais. Essa pessoa não poderia ser outra senão o Irmão Monge Sênior Shenxiu. Ele era o instrutor do Dharma, o líder da sangha, e frequentemente ensinava o Dharma em nome do Mestre. Seu método de "limpar constantemente, para não deixar a poeira se acumular" era considerado o caminho de cultivo mais ortodoxo e profundo. A maioria dos monges no templo, incluindo eu, o respeitava

imensamente e o via como um mestre, o sucessor indiscutível. A atmosfera no templo era solene e cheia de expectativa, todos esperando o dia em que o Mestre anunciaria oficialmente sua decisão.

Nós, naquela época, não podíamos imaginar que o destino da Escola Chan não estava naquele erudito instrutor do Dharma, mas em um lenhador analfabeto do sul, que estava prestes a entrar pelos portões do templo.

Quando Huineng chegou ao templo e foi designado para a cozinha para moer arroz, eu, que já era um monge mais velho, às vezes também era designado para tarefas naquela área. Tive a oportunidade de observar o leigo Lu (o nome de Huineng na época). Vi um homem magro e pequeno, mas quando moía o arroz, cada batida do pilão era firme e regular, sem um pinga de queixa ou cansaço. Seu rosto sempre exalava uma calma e serenidade estranhas. Certa vez, vendo-o descansar, suando em bicas, levei-lhe uma tigela de água e perguntei:

"Um trabalho tão árduo, repetido todos os dias, o leigo não se sente cansado?"

Huineng apenas sorriu e respondeu com uma frase simples: "O corpo pode estar cansado, mas a mente não está." Aquelas palavras me impactaram fortemente, fazendo-me respeitar ainda mais aquele lenhador analfabeto.

Eu já tinha essa base, então, quando o evento da gatha (poema) aconteceu, pude compreendê-lo.

Conhecendo os pensamentos de todos, um dia, o Quinto Patriarca reuniu a sangha e propôs um desafio. Ele disse:

"A questão da vida e da morte é um assunto grandioso. Cada um de vocês deve examinar sua própria sabedoria; se alguém viu sua natureza original, componha uma gatha e apresente-a a mim. A quem compreender o grande significado, eu transmitirei o manto e a tigela para se tornar o Sexto Patriarca."

Todo o templo ficou em silêncio. Ninguém se atreveu a apresentar uma gatha. Eu sabia que o Irmão Monge Sênior Shenxiu havia lutado muito. Ele andou de um lado para o outro em seu quarto por vários dias, querendo apresentar uma gatha, mas temendo que seu nível não fosse digno do selo da mente do Mestre; mas não apresentar seria desapontar o Mestre.

Finalmente, uma noite, ele escreveu secretamente sua gatha na parede do corredor principal. Na manhã seguinte, o templo estava em alvoroço. As pessoas se reuniram em frente à parede, maravilhadas. Até o Mestre, depois de vê-la, elogiou e disse a todos para acenderem incenso, se curvarem à gatha e a recitarem,

para que não caíssem nos maus caminhos. A gatha era a seguinte:

“O corpo é a árvore de Bodhi,

A mente, um espelho brilhante.

Limpe-o sempre com diligência,

Não deixe a poeira se acumular.”

(身是菩提樹，心如明鏡臺。時時勤拂拭，勿使惹塵埃。)

Ao ler esses versos, fiquei profundamente impressionado. Expressava perfeitamente o caminho de cultivo que eu e a maioria dos meus irmãos estávamos nos esforçando para seguir. Por tantos anos, não estávamos também tentando manter o "corpo" puro como a árvore de Bodhi e a "mente" limpa como o espelho brilhante? Mas no fundo, eu ainda sentia que algo estava incompleto, um cansaço na própria "diligência".

Nós, naquela época, não sabíamos que, na cozinha, o leigo que moía arroz, ao ouvir essa gatha, apenas sorriu e balançou a cabeça. Sendo analfabeto, Huineng pediu a outro monge para escrever sua gatha na parede, bem ao lado da de Shenxiu. Foi a gatha que mudou toda a minha vida:

"Bodhi originalmente não tem árvore,

O espelho brilhante também não é um suporte.

Fundamentalmente não há uma única coisa,

Onde a poeira pode se acumular?"

(菩提本無樹，明鏡亦非臺。本來無一物，何處惹塵埃？)

Ao ouvir esses quatro versos, foi como se uma corrente elétrica percorresse meu corpo. Um forte tremor vindo do fundo da minha alma. Foi como um martelo de trovão quebrando o "espelho brilhante" que eu havia me esforçado tanto para limpar por tantos anos. "Fundamentalmente não há uma única coisa"! Isso mesmo, se a natureza original é o vazio, onde a poeira poderia se acumular? Todos os meus esforços anteriores estavam apegados à "existência". A gatha de Huineng apontou diretamente para o verdadeiro caminho da libertação. O maior nó em meu coração, que me atormentava há tanto tempo, de repente se desfez. Eu não alcancei a iluminação, mas eu "vi" o caminho.

A partir daquele momento, eu soube com certeza que aquele leigo que moía o arroz era quem realmente havia "visto a natureza original". Portanto, quando mais tarde soube que o Quinto Patriarca havia transmitido

secretamente o manto e a tigela a Huineng e o mandado embora naquela mesma noite, não senti a menor surpresa ou inveja. Enquanto o templo estava em alvoroço, enquanto uma parte da sangha, incapaz de aceitar a verdade, sentiu ciúmes e perseguiu-o para recuperar o manto e a tigela, eu apenas voltei silenciosamente para meu quarto e me sentei para meditar. Minha mente, naquele momento, estava estranhamente calma.

REALIZAÇÃO NO SILÊNCIO

Após a tempestade da transmissão do manto, o Templo Dongchan não era mais o mesmo. Havia divisão, havia fofocas, havia pesar pelo Irmão Monge Sênior Shenxiu e também ceticismo sobre o sucessor do sul. Mas nada disso me afetava mais. Minha mente era como um lago que se acalmou após a chuva. Não deixei o templo, mas continuei meu caminho de cultivo por muitos mais anos, mas agora com uma compreensão completamente diferente. Eu não me esforçava mais para "limpar", mas apenas vivia silenciosamente naquele "fundamentalmente não há uma única coisa". Não busquei poderes divinos, não passei por experiências sobrenaturais, apenas aprofundei-me cada dia mais na quietude do meu interior.

Quando tinha mais de 70 anos, senti que minha afinidade com a comunidade havia se esgotado. O barulho, mesmo o barulho de um mosteiro, não era mais necessário para mim. Pedi permissão ao abade da época, deixei o templo e fui para uma montanha remota próxima para me dedicar ao cultivo nos meus últimos anos.

Construí para mim uma simples cabana de palha ao lado de um riacho, sob um antigo pinheiro. Minha vida a partir de então tornou-se extremamente simples. Meus companheiros eram as nuvens e o vento da montanha. O som do riacho era o ensinamento do Dharma, o canto dos pinheiros era o sutra. Todos os dias, eu fazia apenas duas coisas: trabalho manual suficiente para me sustentar e meditação sentada.

Vinte anos de reclusão solitária passaram como um piscar de olhos, mas também foram longos como uma vida inteira. Naquela quietude absoluta, abandonei completamente meus últimos apegos. A imagem do general Chen Kang, do Príncipe de Qin, Li Shimin, do incidente no Portão Xuanwu, tudo se dissipou como fumaça. Até mesmo a imagem do monge Zen Xuanmo, com seus trinta anos de cultivo árduo, desapareceu. Tudo se tornou leve, vazio.

No dia em que parti, eu tinha mais de 90 anos. Eu sabia que minha hora havia chegado. Naquela manhã, senti

meu corpo leve, minha mente clara como cristal. Não comi nem bebi, apenas fui ao riacho lavar o rosto, depois vesti meu manto mais limpo. Voltei para a cabana, arrumei tudo, e então me sentei em posição de meditação, de frente para a Montanha Huangmei, como um último agradecimento ao Mestre Hongren.

Refleti sobre toda a minha vida, de um general cheio de ideais a um monge Zen em busca de tranquilidade. E então sorri serenamente. Em meio ao som do riacho e ao canto dos pinheiros, deixei este mundo em paz. Sem auréola brilhante, sem relíquias coloridas, apenas a partida serena de um velho soldado que encontrou a paz verdadeira, um monge anônimo que completou seu próprio caminho.

(O menino River terminou a história, seus olhos brilhando com profundo respeito. Ele ficou em silêncio por um momento, depois continuou, como se tivesse acabado de descobrir algo maravilhoso.)

Quando Xuanmo ouviu a gatha de Huineng, ele teve uma grande iluminação. Mas agora, nesta vida, cultivando o Dafa, descobri algo ainda mais interessante sobre as duas gathas de Shenxiu e Huineng.

Elas não são de forma alguma contraditórias, e também não se pode dizer qual é "certa" ou "errada" de forma

absoluta. Elas são como princípios para diferentes níveis de reinos.

No primeiro nível, para um iniciante no cultivo, sua mente está cheia de pensamentos, desejos, carma, como um espelho coberto de poeira. Neste momento, a gatha de Shenxiu está completamente correta. Eles devem "limpar com diligência", devem se esforçar de uma forma visível para remover as coisas ruins, para manter a mente pura. É um caminho inevitável a ser percorrido.

Mas quando o cultivo atinge um certo nível, eles de repente percebem que sua natureza original é pura, não contaminada. A "poeira" é apenas uma aparência falsa, não a essência. Neste momento, eles avançam para o segundo reino, e a gatha de Huineng ("fundamentalmente não há uma única coisa") torna-se a verdade para eles. Esta é a iluminação súbita.

Mas a maravilha não para por aí. Ao subir para um reino ainda mais alto, vejo que a gatha de Shenxiu se torna correta novamente, mas em um nível de significado completamente diferente... E então, em um nível ainda mais alto, quando tudo está completamente assimilado com o Fa daquele nível, a gatha de Huineng manifesta novamente o significado correto. Esse processo se repete, em cada grande reino diferente.

É como os degraus de uma escada de cultivo. Nenhum degrau está errado, apenas qual degrau é apropriado para a posição em que a pessoa está.

(O menino sorriu, parecendo muito satisfeito com sua descoberta.)

Compreender isso me ajuda a valorizar ainda mais a jornada de Xuanmo. Ele perseverou em seu degrau e finalmente encontrou a paz. Talvez, nem todos que cultivam precisem fazer coisas grandiosas. A iluminação pode vir das pessoas mais comuns, como o Sexto Patriarca Huineng, que Xuanmo testemunhou. E mesmo sem alcançar a grande sabedoria dos Patriarcas, uma vida de cultivo persistente da mente, buscando a verdadeira libertação, já é uma jornada muito valiosa.

Isso me ajuda a entender melhor a paciência e a importância de cultivar o interior, assim como quando leio os livros e pratico os exercícios do Falun Dafa agora. Às vezes, o maior progresso está nas mudanças silenciosas que ocorrem por dentro.

* * *

CAPÍTULO 11: O ESTRATEGISTA ANÔNIMO

(Desta vez, a voz de River carregava um peso diferente, como se estivesse desenrolando um antigo pergaminho. A primeira metade do pergaminho era fumaça e fogo, a dor e o ódio de um juramento gravado com sangue. A segunda metade era a névoa dos mosteiros, a quietude e a sabedoria de um verdadeiro cultivador. O menino estava prestes a contar uma história sobre como um carma maligno foi resolvido da maneira mais milagrosa.)

Desta vez, a memória me leva a uma dívida predestinada. Uma dívida escrita com sangue e lágrimas, originada de uma vida anterior, antes mesmo de minha alma chegar à terra do Vietnã no século XIII, quando esta nação ainda era chamada de Đại Việt. Para entender a história do monge eremita, talvez tenhamos que começar com a dor de um homem comum, um marido, um pai chamado Li Gang.

A história se passa no final da dinastia Song do Sul, uma dinastia em seus dias de agonia. Uma atmosfera de inquietação pairava por toda parte. Mas em uma pequena aldeia na fronteira norte, adjacente ao estado de Jin, a vida de Li Gang transcorria em relativa paz. Ele não era um oficial, nem um general. Era apenas um carpinteiro comum, com as mãos ásperas e calejadas de segurar o cinzel e a plaina todos os dias. Sua maior alegria e todo o seu mundo estavam contidos em uma simples casa de palha: sua esposa trabalhadora e gentil e seus dois filhos, um menino e uma menina, em plena fase de crescimento.

Ainda me lembro da sensação de Li Gang naquela época, uma sensação de felicidade rústica e sólida. Felicidade era voltar do trabalho e ouvir de longe o riso cristalino de seus filhos. Felicidade era ver a silhueta de sua esposa ocupada junto ao fogão, a fumaça da tarde se

misturando com o aroma do arroz recém-cozido. Felicidade era a refeição noturna simples, mas acolhedora, com toda a família reunida em torno da mesa de madeira que ele mesmo fizera, contando histórias sem pé nem cabeça. Para Li Gang, isso era suficiente. Ele não desejava nada mais do que esses dias simples continuassem para sempre.

Mas a paz na fronteira era inerentemente frágil. Os rumores sobre os cascos dos cavalos mongóis começaram a chegar. Diziam que aquele exército era como uma inundação, onde passava, nem a grama crescia. Eles haviam iniciado sua campanha para conquistar o estado de Jin, e as aldeias na área da fronteira, como a de Li Gang, começaram a sentir o hálito da guerra. Ocasionalmente, pequenos grupos de soldados passavam, saqueando alimentos, causando brigas. A preocupação começou a se infiltrar em cada casa, mas as pessoas ainda se apegavam a uma tênue esperança de que o desastre passaria.

Numa manhã de outono, Li Gang aceitou um trabalho em uma aldeia vizinha, a cerca de vinte quilômetros de sua casa, para ajudar a reconstruir um telhado. O trabalho levaria apenas um dia. Antes de partir, ele afagou a cabeça de seus dois filhos, prometendo voltar antes do anoitecer. Olhou para sua esposa, que sorriu gentilmente e lhe deu uma trouxa com bolinhos de arroz. Foi a última vez que os viu vivos.

No meio do trabalho, ele de repente ouviu gritos de pânico vindos da estrada principal. Uma multidão em pânico, com as roupas em desordem, correu em direção à aldeia, gritando enquanto corriam:

"Os mongóis! Os mongóis estão saqueando! Eles estão massacrando as aldeias ao longo do rio!"

O coração de Li Gang pareceu parar. Sua aldeia ficava bem na beira do rio.

Sem pensar em mais nada, Li Gang jogou fora suas ferramentas, correu para o cavalo amarrado a uma árvore, montou e o incitou a galopar de volta para casa. A estrada familiar agora parecia interminável. O vento assobiava em seus ouvidos, mas ele só ouvia o som de seu próprio coração batendo como se fosse explodir em seu peito. Cada batida dos cascos do cavalo no chão era uma oração desesperada, rezando para chegar a tempo, rezando para que sua família estivesse segura. Ele açoitou o cavalo sem piedade, desejando apenas poder voar para casa instantaneamente.

Quando estava a alguns quilômetros da aldeia, um cheiro de fumaça acre atingiu suas narinas. Seu coração afundou. Ele viu colunas de fumaça negra subindo do lado de sua aldeia. Um silêncio mortal pairava. Sem vozes humanas, sem som de gado. Apenas o som do

vento soprando através dos telhados de palha em chamas.

Li Gang saltou do cavalo antes que ele parasse completamente, cambaleando em direção à sua casa. A porta de madeira estava estilhaçada, jogada em um canto. Ele correu para dentro, gritando o nome de sua esposa, de seus filhos. Mas a única resposta foi um silêncio assustador.

E então ele os viu. A cena diante de seus olhos fez o mundo ao seu redor desmoronar. Tudo na casa estava quebrado, revirado. E no chão frio, entre os cacos de pratos e móveis, estavam três corpos familiares. Sua esposa... e seus dois filhos pequenos... Eles estavam ali, imóveis, com manchas de sangue já seco em seus corpos. Seus olhos estavam abertos, ainda marcados pelo terror absoluto.

Ele havia chegado tarde demais.

Li Gang não chorou. As lágrimas haviam secado junto com seu coração. Ele caiu de joelhos, suas mãos trêmulas tocando o rosto frio de sua esposa, depois de seus dois filhos. O calor que ele um dia abraçara agora se transformara em uma frieza assustadora. Seu mundo, tudo o que ele amava, todas as razões para sua existência, haviam sido destruídos em um piscar de olhos. A dor, a impotência, a culpa por não ter chegado a tempo, tudo se

fundiu, transformando-se em uma chama de ódio que irrompeu, violenta e sombria.

Ele sentou-se ali, em meio à desolação, abraçando os corpos frios até o anoitecer. Em sua mente, restava apenas um pensamento, um único propósito: vingança. Ele não era mais Li Gang, o carpinteiro gentil. A partir daquele momento, ele estava morto. O que restava vivo era apenas uma máquina movida pelo ódio.

Depois de enterrar sua esposa e filhos, Li Gang não tinha mais nada a perder. Ele ouviu que uma batalha feroz estava ocorrendo não muito longe, onde as tropas Jin tentavam resistir a um ataque das forças mongóis. Sem hesitar, ele arrumou alguns pertences simples, pegou seu machado de lenhador e partiu. Ele não procurou o exército Song do Sul. Seu ódio não distinguia nações, visava apenas um único inimigo.

Ao chegar ao campo de batalha, ele viu uma cena caótica. As tropas Jin tentavam manter sua linha de defesa contra o ataque avassalador da cavalaria mongol, que era bem equipada e experiente.

Sem esperar por uma ordem, sem precisar de nenhuma tática, Li Gang soltou um rugido inarticulado, um grito que continha toda a dor e o ódio de um homem que perdeu tudo. Ele não via mais o inimigo ou o campo de batalha, via apenas os fantasmas que haviam tirado sua

família. Lançando-se contra a formação de elite do exército mongol com o machado na mão, ele parecia um animal ferido atacando freneticamente seu predador.

Mas a fúria não pode substituir a experiência, e o ódio não pode deter lâminas afiadas. Os soldados mongóis o perfuraram friamente com suas longas lanças. Ele quase não sentiu dor física, pois a dor em sua alma era grande demais. Ele caiu, o sangue jorrando, em sua primeira e última batalha.

Nos seus últimos momentos, enquanto sua respiração enfraquecia, a imagem de sua esposa e filhos voltou vividamente. A dor e o ódio não diminuíram; pelo contrário, arderam com mais intensidade. Li Gang ergueu os olhos turvos de sangue para o céu cinzento, depois para os rostos estranhos dos inimigos que o cercavam. Com toda a força que lhe restava, ele proferiu um juramento do fundo de sua alma, um juramento que ecoou, gravado em seu ser:

"Se houver uma próxima vida, eu certamente os encontrarei, para vingar minha esposa e filhos!"

Esse foi seu último pensamento antes de mergulhar na escuridão. Aquele juramento, pesado de ressentimento, tornou-se uma marca indelével, uma dívida cármica que seguiu sua alma no ciclo de reencarnação, esperando por um dia para ser paga.

E foi essa dívida que os Céus arranjaram para ser resolvida de uma maneira que ninguém esperava, em outra terra, em outra identidade, quando a alma de Li Gang reencarnou na casa de Trần, na nação de Đại Việt.

REENCARNAÇÃO EM ĐẠI VIỆT – O MONGE QUE GUARDAVA TRATADOS MILITARES

A alma de Li Gang, carregando o pesado juramento de vingança, mergulhou no ciclo de reencarnação. Mas em vez de ser condenada a reinos sombrios por seu coração cheio de ódio, parecia que algum arranjo compassivo havia intervindo. A dívida tinha que ser paga, mas não através de um caminho de mais derramamento de sangue. Aquela alma foi guiada para um novo começo, em uma terra em um período de prosperidade, onde o Darma Budista era reverenciado – a nação de Đại Việt da dinastia Trần.

Eu nasci em uma família comum, mas desde pequeno mostrava sinais estranhos. Enquanto meus colegas gostavam de brincar, eu costumava sentar-me sozinho por horas, observando silenciosamente as nuvens no céu, ou as formigas carregando comida para seus ninhos. Eu tinha uma estranha empatia por todos os seres vivos e uma vaga inquietação sobre o sofrimento dos seres que eu mesmo não conseguia explicar.

Um dia, enquanto estava sentado sob uma árvore, observando atentamente uma flor prestes a murchar, um velho mestre Zen passou pela aldeia pedindo esmolas. Seu olhar pousou em mim. Ele não disse nada, apenas observou em silêncio por um tempo, e depois sorriu. Em seguida, ele procurou meus pais e disse:

"Vós tendes um filho com um temperamento muito especial. O menino possui uma calma e compaixão raras. Esta é uma semente de bondade; se plantada no lugar certo, no futuro será uma grande árvore que dará sombra a muitos."

Após uma pausa, o mestre Zen continuou:

"Este pobre monge é o abade do pequeno templo na colina no final da aldeia. Se não vos importardes, tentai deixar o menino ir ao templo como um pequeno noviço, para que ele possa estar perto dos sutras e nutrir esse coração bondoso. Talvez, esse seja o seu caminho."

Meus pais, que também acreditavam no destino, ficaram muito comovidos com as palavras do mestre e concordaram respeitosamente. E assim, aos dez anos, despedi-me de minha família e segui aquele mestre Zen para o templo. Ele foi meu primeiro Mestre, quem me deu o nome do Darma Minh Tĩnh.

Nos primeiros anos no templo, aprendi principalmente as regras monásticas, memorizei sutras e pratiquei meditação sentada. Minha mente jovem ainda não conseguia compreender completamente os ensinamentos profundos, mas eu tinha uma calma inata e uma capacidade de concentração superior à dos outros noviços. O Mestre percebeu isso e não se apressou em me explicar filosofias complexas. Em vez disso, ele pacientemente usou tarefas diárias como varrer folhas e carregar água para polir meu caráter e plantar as primeiras sementes do Dharma Budista em meu coração.

Aos treze anos, quando minha mente começou a se desenvolver, essas sementes realmente floresceram. Não apenas memorizava os sutras, mas comecei a ponderar sobre seus significados. O sofrimento dos seres sencientes, o ciclo de vida e morte, as coisas que o Mestre ensinava de repente se tornaram vívidas, impulsionando em mim um desejo de compreensão mais profunda.

Foi durante este período, entre os treze e os dezesseis anos, que a biblioteca do templo se tornou o meu mundo. O Mestre, vendo que eu estava maduro o suficiente, permitiu-me ler livremente outros livros além dos sutras budistas. Inicialmente, procurei os livros do confucionismo e do taoísmo na esperança de entender mais sobre os princípios que governam a sociedade e o universo.

E então, de uma forma muito natural, fui atraído pelos registros históricos, pelas histórias do apogeu e da queda das dinastia. Ao ler sobre as guerras, não sentia a excitação de um belicista, mas uma profunda tristeza. Parecia haver algo em meu sangue, uma memória invisível, que me tornava particularmente sensível à brutalidade da guerra. Isso me levou a ler antigos tratados militares.

Para mim, naquela época, a arte da guerra não era a arte de matar, mas a arte de acabar com a matança. Percebi que a guerra não era apenas sobre espadas e lanças, mas também uma batalha de intelecto e de corações. Vi a maravilhosa correspondência entre os princípios budistas e a arte da guerra: um bom general deve ter compaixão para não matar indiscriminadamente, sabedoria para conhecer o inimigo e a si mesmo, e tranquilidade para não se perturbar diante da adversidade, assim como um cultivador.

A combinação da sabedoria do Dharma Budista, a profundidade do confucionismo-taoismo e um entendimento natural da arte da guerra criaram em mim uma compreensão diferente dos assuntos mundanos. Meus irmãos monges no templo me respeitavam por minha diligência e conhecimento do Dharma, mas também me achavam um pouco estranho, quando um jovem monge podia passar horas arrumando um jogo de

Go, murmurando sobre movimentos como se estivesse calculando uma formação de batalha.

Os anos se passaram e fui nomeado abade de um pequeno e tranquilo templo nos arredores a oeste da capital, Thăng Long. O templo ficava em uma colina baixa, escondido entre bosques de bambu verde, um lugar ideal para quem buscava um refúgio para limpar a poeira do mundo. Eu, então com cinquenta anos, tinha uma mente quase tão calma quanto um lago sem ondas. Pensei que o resto da minha vida passaria em tal serenidade.

Mas o destino é imprevisível.

Numa tarde de verão, enquanto eu estava sentado em meditação sob a árvore Bodhi no pátio do templo, um jovem visitante apareceu. O visitante vestia-se modestamente como um erudito, mas sua aparência e aura exalavam uma nobreza e sabedoria incomuns. Embora o jovem tentasse esconder, ainda senti uma corrente de qi verdadeiro de um monarca latente dentro dele. Ele estava acompanhado por apenas um guarda, também vestido como um plebeu, que esperava no portão do templo.

O jovem visitante juntou as mãos em um gesto de profundo respeito. Ele disse que, durante uma viagem de inspeção, viu a tranquilidade do templo e decidiu parar

para acender um incenso e pedir alguns ensinamentos ao Mestre sobre o Dharma Budista. Era o Príncipe Herdeiro Trần Khâm, que mais tarde se tornaria o sábio rei Trần Nhân Tông.

Convidei o jovem para a sala de meditação e preparei um bule de chá de lótus. A atmosfera era tranquila, apenas o som do vento agitando suavemente as folhas lá fora. Nossa conversa começou com as perguntas do Príncipe Herdeiro sobre a "Mente", sobre o sofrimento dos seres sencientes, sobre o caminho para a iluminação. Embora jovem, as perguntas que ele fazia eram incrivelmente profundas, mostrando uma grande preocupação com o destino de sua nação e de seu povo.

Percebi que ele não era uma pessoa comum. Era um futuro Bodhisattva no corpo de um monarca. Vendo sua base e seu coração compassivo, não hesitei em compartilhar o que havia compreendido.

Nossa conversa durou horas, passando naturalmente do caminho da libertação budista para a arte de governar e pacificar o povo do confucionismo. O Príncipe Herdeiro perguntou:

"Mestre, como podemos garantir que o povo viva em prosperidade, que o país tenha paz e que possamos evitar a calamidade da guerra?"

Olhei profundamente nos olhos do jovem e respondi lentamente:

"Para que o país tenha paz, a raiz deve estar no coração do povo. Se o coração do povo estiver em paz, o país será estável. Para que o coração do povo esteja em paz, o líder deve ter um coração compassivo, amar o povo como seus próprios filhos, colocar os interesses do povo acima dos seus. Isso é 'Benevolência'. Mas a benevolência sozinha não é suficiente. Para proteger essa paz da agressão externa, o líder também deve ter sabedoria e determinação. Isso é 'Sabedoria' e 'Coragem'."

O Príncipe Herdeiro Trần Khâm ponderou em silêncio e depois perguntou novamente:

"Então, a 'Sabedoria' и a 'Coragem' na liderança militar, na proteção da nação, qual é a essência, na opinião do Mestre?"

Naquele momento, eu sabia que o destino havia chegado. Não falei sobre táticas específicas, mas apenas toquei em alguns grandes princípios:

"A arte da guerra tem inúmeras estratégias, mas, em suma, não vai além de três coisas. Primeiro, conhecer a si mesmo e ao inimigo. Segundo, ganhar o coração dos soldados, para que superiores e

subordinados estejam unidos como um só. Terceiro, saber usar a fraqueza para derrotar a força, o pouco para combater o muito, usar o tempo e o terreno para compensar a desvantagem numérica. Mas, acima de tudo, o mais alto estado de um comandante não é vencer todas as batalhas, mas vencer sem lutar, usar a virtude para subjugar o oponente, ou, se a força for necessária, usá-la para acabar com a guerra o mais rápido possível, com o mínimo de perdas para ambos os lados. Essa é a 'Coragem' de um governante benevolente."

A cada palavra que eu dizia, o Príncipe Herdeiro ouvia atentamente, seus olhos brilhando com compreensão. Ele não perguntou mais sobre estratégias específicos, mas eu sabia que ele havia captado o espírito, o princípio fundamental de comandar tropas. Nosso encontro naquele dia terminou ao pôr do sol. O Príncipe Herdeiro Trần Khâm se despediu de mim, com os olhos cheios de respeito e gratidão. Ele prometeu voltar para mais ensinamentos.

Quando a silhueta do jovem Príncipe Herdeiro desapareceu atrás do bosque de bambu, fiquei sozinho no pátio do templo. Senti que uma grande conexão predestinada havia sido estabelecida. Um monge eremita e um futuro rei. Senti vagamente que o conhecimento da arte da guerra que eu acumulara ao longo dos anos talvez não fosse para mim. Talvez estivesse esperando

pela pessoa certa, no momento certo, para ser usado em algo maior, algo que pudesse contribuir para a proteção da paz de milhões de seres nesta terra.

O ódio de Li Gang de anos atrás parecia estar sendo arranjado pelo destino para ser resolvido de uma forma que nem eu mesmo, na época, poderia compreender completamente.

O ESTRATEGISTA INVISÍVEL – CONTRIBUINDO PARA A NAÇÃO

Fiel à sua promessa, após o primeiro encontro, o Príncipe Herdeiro Trần Khâm, e mais tarde o Imperador Trần Nhân Tông, continuaram a visitar meu pequeno templo ocasionalmente. Suas visitas eram sempre secretas, sem alarde, apenas com alguns guardas de confiança. Ele não vinha como um monarca, mas com a mentalidade de um estudante do Tao, buscando tranquilidade e orientação.

Nossas conversas geralmente giravam em torno do Darma Budista. O jovem rei trazia suas preocupações com os assuntos do estado, o fardo de alguém que detinha o destino da nação, para encontrar alívio nos ensinamentos sobre a impermanência, a compaixão e o caminho da libertação. Eu podia ver claramente que, por trás do manto de um imperador, havia uma alma

fortemente inclinada para o budismo. A cada conversa, eu não apenas explicava os sutras, mas também tentava plantar em seu coração as sementes da iluminação, de um caminho transcendente mais nobre.

Quando a ameaça do império Mongol-Yuan se tornou cada vez maior, nossas conversas começaram a incluir tópicos sobre a política nacional. O rei não me perguntava sobre qual batalha lutar ou onde armar uma emboscada. Em vez disso, ele fazia perguntas maiores.

Certa vez, ele perguntou com uma expressão preocupada:

"Mestre, o inimigo é forte como um tigre, nossas tropas são menores, como podemos proteger a nação?"

Não respondi imediatamente, apenas lhe servi uma xícara de chá. Esperei que o aroma do chá se espalhasse e então disse lentamente:

"Vossa Majestade, a fortaleza mais sólida não é construída com terra e pedra, mas com o coração do povo. O inimigo pode destruir a muralha, mas não pode destruir a vontade do povo. Peço a Vossa Majestade que alivie os fardos do povo, para que eles vejam que a corte realmente se preocupa com eles, os ama. Quando o povo considerar os

assuntos do estado como seus próprios, cada cidadão se tornará um soldado, cada aldeia uma fortaleza. Então, a força de nossa nação será como a maré alta, nenhum inimigo poderá detê-la."

Outra vez, quando o rei estava preocupado sobre como usar as pessoas, em meio a facções e ressentimentos na família real, eu disse:

"Só um grande mar pode conter grandes navios. O coração de um monarca deve ser como o oceano, capaz de acolher cem rios. Não faltam talentos no mundo, mas se eles estão dispostos a servir ao país depende do coração do líder. Peço a Vossa Majestade que deixe de lado as pequenas animosidades e olhe apenas para o talento e a lealdade deles para empregá-los. Especialmente com aqueles que detêm o poder militar, Vossa Majestade deve confiar completamente, delegar responsabilidades importantes, sem suspeitas. Quando um general vai para a batalha sem se preocupar com a retaguarda, ele pode dedicar todo o seu coração e força para lutar contra o inimigo."

Eu sabia que na corte havia o Príncipe Hưng Đạo, Trần Quốc Tuấn, um general de talento excepcional, mas que tinha desentendimentos velados com a família real. As palavras que eu disse, embora não o nomeassem diretamente, eu acreditava que um rei sábio como Trần

Nhân Tông entenderia. E, de fato, mais tarde, a decisão do rei de confiar completamente e dar o comando total do exército ao Príncipe Hưng Đạo foi uma das mais sábias, a chave para grandes vitórias.

Eu nunca me considerei um estrategista militar. Eu era apenas um monge que, com base no que li e contemplei, oferecia conselhos sobre grandes princípios. Não falei sobre "técnicas", apenas sobre o "caminho". Não tracei um plano específico, mas tentei abrir a mente do rei para uma estratégia geral: preparar-se para uma longa resistência, confiar na força de todo o povo e implementar a política de "terra arrasada" para esgotar a vitalidade do exército invasor, que não estava acostumado com o clima e o terreno.

Quando o rei vinha e ia, eu voltava à minha vida tranquila, recitando sutras e meditando todos os dias. Não perguntava sobre a situação da guerra, nem esperava reconhecimento. Meu papel era apenas o de um ouvinte, um facilitador, um apoio espiritual silencioso para o jovem rei nos momentos mais difíceis da nação. Minha pequena contribuição, se houve, foi apenas como uma gota d'água no oceano de patriotismo e na vontade indomável de todo o exército e povo da dinastia Trần.

Muitos anos depois, após liderar o povo a repelir os invasores Mongol-Yuan por duas vezes e construir uma nação pacífica e próspera, o Rei Trần Nhân Tông veio me

ver novamente. Desta vez, ele não veio para perguntar sobre os assuntos do estado, mas para expressar uma determinação que havia amadurecido.

Naquela época, o rei ainda era muito jovem, com apenas trinta e cinco anos, mas seus olhos não mais continham as preocupações do mundo; eles brilhavam com uma serenidade e uma grande aspiração. Ele me disse que havia cumprido sua responsabilidade para com o país, com seus ancestrais, e que agora era hora de seguir seu próprio caminho – o caminho de se tornar um monge. Ele expressou o desejo de que eu o aceitasse como discípulo, para guiá-lo no caminho da libertação.

Fiquei imensamente impressionado com o grande voto do rei. Uma pessoa no auge da fama e da glória, capaz de abandonar tudo para buscar a verdade, é algo extremamente raro. No entanto, recusei humildemente. Disse que minha virtude ainda era superficial e que não ousaria ser o mestre de um monarca com uma afinidade tão profunda com o Darma Budista.

Vendo que a determinação do rei era firme, compartilhei sinceramente alguns de meus pensamentos:

"Vossa Majestade, ter o grande voto de transcender o mundo é verdadeiramente uma grande bênção. Ir à China para encontrar o local de origem da Escola Chan, ou peregrinar à terra budista da Índia para

aprender os ensinamentos originais, são todos votos extremamente nobres."

Fiz uma pequena pausa e depois continuei com uma voz calorosa:

"No entanto, este pobre monge pensa humildemente que, no cultivo dos dez mil darmas, a essência se resume a uma única palavra: 'Mente'. Onde o corpo está não é tão importante quanto para onde a mente está voltada. A terra de Buda não está apenas na distante Índia, mas também no coração de cada pessoa. Os antigos diziam: 'três pés acima da cabeça há divindades'; contanto que cultivemos sinceramente, mantenhamos os preceitos, então, não importa onde estejamos, todos os Budas e Bodhisattvas verão e nos abençoarão."

"Esse também é o caminho que este pobre monge tem em mente e seguido durante todos esses anos de reclusão neste lugar. Este pobre monge acredita que Vossa Majestade pode ir à montanha sagrada de Yên Tú em nossa nação do sul, ou a qualquer outro lugar neste mundo. Onde quer que sua mente encontre paz, onde quer que o ajude a cultivar diligentemente, esse será o seu campo de cultivo. Quanto ao caminho, por favor, Vossa Majestade, deixe que o destino decida."

O Rei Trần Nhân Tông ficou em silêncio por um longo tempo, seus olhos brilhando com uma profunda compreensão. Ele juntou as mãos em agradecimento, não disse mais nada, mas eu sabia que ele havia encontrado sua própria resposta.

Pouco tempo depois, ele abdicou do trono para seu filho, tornando-se o Imperador Aposentado. E alguns anos depois, quando os assuntos da corte se estabilizaram, ele de fato foi para a Montanha Yên Tử, iniciando uma grande jornada de cultivo, fundando a Escola de Budismo Zen Trúc Lâm, tornando-se uma das mais belas imagens, um símbolo eterno do budismo vietnamita.

Para mim, testemunhar e contribuir com uma pequena parte na jornada de tal rei-Buda foi uma grande bênção. Nunca pensei que os conselhos de um monge eremita pudessem contribuir para a proteção da nação e, mais tarde, guiar um rei ao caminho de Buda. Tudo parecia ser o arranjo do destino.

ILUMINAÇÃO E COMPREENSÃO DO DESTINO

Depois que o Rei Trần Nhân Tông foi para Yên Tử, minha vida voltou à sua quietude original. As conversas sobre os grandes assuntos do estado não existiam mais, em seu lugar vieram longos dias dedicados ao cultivo.

Tendo passado por tantos altos e baixos dos tempos, testemunhado eventos monumentais, minha mente se tornou ainda mais calma. Não fui mais abalado pelo conhecimento da arte da guerra ou dos assuntos mundanos, mas usei essa mesma compreensão para contemplar mais profundamente a natureza do sofrimento, da vida e da morte, e do ciclo de reencarnação.

Continuei meu caminho de cultivo silenciosamente. Todos os dias, eu ainda recitava sutras, meditava e trabalhava. Não busquei poderes divinos, nem esperava abrir habilidades extraordinárias. Meu único objetivo era limpar completamente a poeira restante em minha consciência, para alcançar uma clareza e tranquilidade absolutas.

O tempo passou e meu cabelo ficou branco como a geada. Quando estava perto dos setenta anos, senti que minha virtude havia atingido um novo nível. Embora meu corpo estivesse velho e fraco, meu espírito estava extremamente claro.

Em uma noite silenciosa, enquanto eu estava em meditação profunda, meu tianmu se abriu de repente.

Naquele momento, vi através de minha vida passada: o juramento de vingança do guerreiro Li Gang de anos atrás foi a afinidade predestinada para que o Mestre

Zen Minh Tĩnh tivesse a oportunidade de usar a sabedoria para ajudar uma nação a lutar contra um inimigo comum. A dívida de ódio não foi paga com espadas e lanças, mas foi resolvida através do caminho da sabedoria e da compaixão. Todas as injustiças, todo o carma de inúmeras vidas se dissiparam como fumaça, minha mente ficou completamente vazia, pacífica e à vontade.

Nos últimos anos de minha vida, vivi em absoluta serenidade. Uma manhã, depois de recitar o último sutra, chamei meus discípulos, dei-lhes algumas últimas palavras, e então me sentei em posição de lótus completo e parti pacificamente deste mundo.

O juramento de Li Gang foi cumprido. A conexão predestinada com a dinastia Trần havia terminado. E a jornada do Mestre Zen Minh Tĩnh também havia chegado ao fim, para começar uma nova jornada no ciclo de reencarnação.

* * *

CAPÍTULO 12: O CONSELHEIRO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO AMERICANO

(Desta vez, a memória de River não era mais a névoa de um mosteiro ou a luz de civilizações perdidas. Tinha uma cor diferente, um cinza frio dos corredores do poder, de mapas estratégicos e fumaça de charuto. Era um mundo movido pela razão, por cálculos geopolíticos, um mundo onde parecia não haver lugar para a espiritualidade, mas o destino e o carma ainda operavam silenciosamente de acordo com suas próprias leis.)

Esta vida foi muito recente, tão recente que ainda consigo sentir a atmosfera sufocante das salas de reunião secretas em Washington D.C. em meados do século XX. Naquela vida, eu era Freder Rein, um diplomata, um conselheiro de políticas para o Departamento de Estado dos EUA.

Esta foi uma vida em que eu não era um cultivador de nenhuma prática espiritual. Eu era um analista político, e meus pensamentos e decisões baseavam-se inteiramente no que aprendi, nas experiências que acumulei, sob a perspectiva de um político daquela época.

Nasci em uma família com formação acadêmica e cedo demonstrei uma paixão por assuntos internacionais. Depois de me formar em universidades de prestígio, entrei para o Departamento de Estado no final da década de 1930. Os primeiros anos de minha carreira me

levaram por toda a Europa, testemunhando a ascensão do fascismo, a brutalidade da Segunda Guerra Mundial e também os primeiros cálculos que prenunciavam um novo confronto. Os anos de trabalho em Viena e Moscou após a guerra me ensinaram a entender profundamente o pensamento e a estratégia do bloco comunista.

Quando as chamas da Guerra Fria se acenderam na Ásia, fui nomeado Embaixador dos EUA no Vietnã do Sul. Foi um mandato desafiador. Vivi em Saigon, respirei o ar quente e úmido, testemunhei a complexidade de uma sociedade tentando se moldar após décadas de guerra. Tive contato com políticos, generais e também com pessoas comuns. Foram essas experiências diretas que me deram uma perspectiva diferente, uma compreensão que os relatórios secos enviados a Washington nunca poderiam descrever completamente. Após meu mandato como embaixador, retornei e assumi o cargo de Conselheiro Sênior no Departamento de Estado, especializado em questões de política externa.

Naquela época, nas décadas de 1950 e 1960, toda Washington estava sob a sombra da "Teoria do Dominó". O medo da propagação do comunismo no Sudeste Asiático era real e influenciava quase todas as decisões políticas.

Eu entendia claramente essa ameaça. Não era um sonhador ou ingênuo em política. Mas minha

experiência na Europa e, especialmente, no Vietnã, me convenceu de que aplicar mecanicamente essa teoria a um país com uma cultura e história tão complexas como o Vietnã seria um erro fatal.

Em reuniões de alto nível, em meio às vozes belicosas de generais e políticos da facção "falcão", eu era frequentemente uma voz dissonante. Argumentava que a força militar não poderia ser uma solução sustentável. Despejar nosso dinheiro, armas e até mesmo as vidas de soldados americanos para apoiar um governo que ainda não tinha o apoio firme de seu próprio povo seria como construir um castelo de areia. Esta guerra, se ocorresse, não seria apenas uma guerra entre as ideologias comunista e capitalista, mas também uma guerra de nacionalismo. E a história mostrou que nenhuma grande potência pode derrotar o nacionalismo de um povo resiliente.

O estranho é que, sempre que eu pensava no Vietnã, uma preocupação especial, uma inquietação indescritível surgia em mim. Na época, eu apenas atribuí a isso ao apego de um diplomata à terra onde servira. Não conseguia explicar por que sentia uma tristeza tão incomum ao pensar na cena de bombas e balas devastando ainda mais aquela terra, ao pensar no sofrimento adicional que seu povo teria que suportar. Eu só sabia, pela intuição de um analista e por um sentimento vago do fundo do meu coração, que uma

intervenção militar em larga escala no Vietnã seria um desastre para todas as partes.

E eu tentei, com todo o meu conhecimento e experiência, fazer esses alertas, mesmo sabendo que minha voz era minoritária em meio a uma tempestade belicista que crescia a cada dia.

UMA VOZ DISSONANTE EM MEIO À "TEMPESTADE DE FALCÕES"

Quando os Estados Unidos começaram a se envolver cada vez mais no atoleiro do Sudeste Asiático, meu escritório no Departamento de Estado tornou-se o berço de análises e relatórios que eu sabia que iam contra a corrente principal. Eu não me opus abertamente; essa não é a maneira de trabalhar na diplomacia. Em vez disso, apresentei persistentemente minhas avaliações em reuniões internas e através de documentos oficiais, na esperança de que a razão prevalecesse.

Analisei que tanto o Vietnã quanto a península coreana antes dele estavam se tornando gradualmente "campos de batalha por procuração" para o confronto global entre nós e a União Soviética. Nós e eles estávamos transformando esses países em tabuleiros de xadrez, e o povo nativo eram os peões que sofriam toda a dor.

Enfatizei que a intervenção militar apenas adicionaria mais lenha à fogueira, transformando uma guerra civil com conotações ideológicas em uma guerra contra a agressão estrangeira, e isso só aumentaria a força e a legitimidade de nosso adversário.

Em uma análise, dediquei muitas páginas para falar sobre as duas figuras centrais do conflito: Ngô Đình Diệm no Sul e Hồ Chí Minh no Norte. Deixando de lado as lentes conflitantes da Guerra Fria, tentei vê-los como líderes nacionalistas. Vi em ambos uma aspiração comum por um Vietnã independente, unificado e com um lugar no cenário internacional. A diferença fatal estava no caminho que escolheram – um lado era o nacionalismo pró-ocidental, o outro, o comunismo.

E o que tornava essa situação ainda mais amargamente irônica era que nem sempre fomos vistos como inimigos. Relembrei em meus relatórios que foram os especialistas da OSS, a precursora da CIA, que colaboraram com o Sr. Hồ Chí Minh e suas forças para lutar contra os fascistas japoneses na Segunda Guerra Mundial. Houve um período em que a liderança do Việt Minh tinha sentimentos amigáveis em relação aos americanos, vendo-nos como um símbolo de liberdade, anti-colonialismo. Inclusive, após 1945, o Sr. Hồ Chí Minh enviou várias cartas ao Presidente Truman, expressando o desejo de que os Estados Unidos

reconhecessem sua independência e estabelecessem relações de cooperação.

Mas essas cartas não foram respondidas. Devido ao contexto da Guerra Fria e à necessidade de manter a França como um aliado chave na Europa para conter a União Soviética, Washington optou por ignorar essas propostas e ficar do lado dos franceses.

Nas longas noites em Washington, eu frequentemente me atormentava com perguntas sem resposta. Escrevi em meus memorandos que a história talvez pudesse ter tomado um rumo completamente diferente. Se, no período de 1945-1954, os Estados Unidos não tivessem escolhido ficar do lado da França, mas, em vez disso, mantido um papel neutro, ou melhor ainda, atuado como mediador entre a França e o Vietnã? Se tivéssemos usado a visão do Plano Marshall para ajudar o Vietnã a se reconstruir e a construir uma economia livre, como fizemos com o Japão ou a Coreia do Sul, a situação hoje seria diferente?

Claro, meus colegas argumentariam que o ônus da prova recaía sobre Hồ Chí Minh. Mas eu também levantei a hipótese contrária: se ele tivesse sido sábio o suficiente para declarar publicamente que seu caminho era puramente de libertação nacional, que ele não seguiria o campo comunista, Washington teria acreditado nele? Ou a paranoia e o medo do comunismo na época eram tão

grandes que qualquer pessoa com ligações, mesmo que superficiais, com Moscou ou Pequim, era considerada um inimigo imperdoável?

Receio que não lhes tenhamos dado outra escolha. Batemos a porta da diplomacia e agora nos surpreendemos quando eles passam por outra porta que já estava aberta para eles, os braços da China e da União Soviética.

E agora, aos olhos de um soldado ou camponês comum no Norte, a imagem da América foi completamente assimilada à imagem do império francês. Eles foram doutrinados e acreditam que somos apenas uma nova forma de poder colonial; eles não conseguem entender nossos cálculos complexos sobre a teoria do dominó ou o equilíbrio de poder global.

Além disso, a vitória em Điện Biên Phủ criou um orgulho nacional que atingiu o auge. Eles haviam derrotado uma potência militar europeia e, em suas mentes, acreditavam que, sob a liderança do Partido, nenhum inimigo era invencível. Foi essa mentalidade de autoconfiança, a ponto de ser um tanto presunçosa, que os fez não temer o poderio americano. Eles nos viam não com os olhos de um país pequeno olhando para uma superpotência, mas com os olhos de uma nação que já havia derrotado o "invasor" e estava pronta para fazê-lo novamente.

Quando o nacionalismo e a ideologia se fundiram, criaram uma força que não podíamos subestimar. Enviar tropas americanas apenas reforçaria sua propaganda e nos transformaria no inimigo direto aos olhos de toda uma nação com a qual, na verdade, poderíamos ter sido amigos.

TESTEMUNHANDO O ATOLEIRO E OS ESFORÇOS INCANSÁVEIS

O tempo passou, e minhas análises, os avisos descartados em salas de reunião secretas, dolorosamente se tornaram realidade nos noticiários noturnos. Ano após ano, a América se afundava mais na guerra. Os números que eu havia previsto no papel agora se tornavam manchetes frias nos jornais: o número de soldados americanos no Vietnã ultrapassou cem mil, depois trezentos mil, depois meio milhão. O número de baixas também aumentou em um gráfico quase vertical.

Nomes estranhos como Khe Sanh, a Ofensiva do Tet ou a Colina Hamburger de repente se tornaram um pesadelo em todos os lares americanos. O movimento anti-guerra, de pequenos grupos, explodiu em protestos massivos com dezenas de milhares de participantes. A divisão na sociedade americana se aprofundou. Tudo aconteceu exatamente como, e até pior do que, eu havia alertado.

Mas não foi uma vitória da razão. Foi uma tragédia. Um pesado remorso pairou sobre os últimos anos de minha carreira. Senti-me impotente ao ver a gigantesca máquina de guerra, uma vez posta em movimento, esmagar todos os esforços diplomáticos, todas as possibilidades de reconciliação. Li os relatórios de baixas, não como um analista, mas como um ser humano vendo os nomes dos filhos, maridos e pais de alguém.

Cada notícia sobre uma aldeia bombardeada, cada imagem de um jovem soldado cansado na televisão, era como uma faca girando em minha consciência. Senti uma parte da responsabilidade, não por ter causado a guerra, mas por não ter tido força suficiente, influência suficiente para impedi-la. Aquele sentimento especial de remorso pela terra do Vietnã tornou-se mais claro em mim, embora eu ainda não conseguisse nomeá-lo com precisão.

Mesmo quando a situação se tornou extremamente terrível, eu não desisti. Em meu papel, continuei a promover canais de comunicação secretos, buscando vislumbres de esperança para uma solução negociada. Argumentei que, embora não pudéssemos vencer no campo de batalha, ainda tínhamos que encontrar uma maneira de nos retirarmos com honra, e isso só poderia ser alcançado através da diplomacia.

Em 1968, sentindo que havia chegado ao limite do que poderia fazer dentro da máquina do governo, pedi

oficialmente minha aposentadoria. Mas aposentar-se não significava deixar de se importar. O hábito de décadas de trabalho na diplomacia, a preocupação com a guerra, não podiam ser abandonados.

Nos últimos três anos de minha vida, de 1968 a 1971, ainda passava tempo em meu escritório, escrevendo cartas, análises pessoais para ex-colegas que ainda estavam no Departamento de Estado. Continuei a sugerir soluções, a analisar as mudanças no cenário político mundial e a lembrá-los incessantemente do preço exorbitante da guerra. Esses esforços talvez fossem como seixos jogados em um grande rio; criavam algumas ondulações e depois afundavam, incapazes de mudar o curso.

Freder Rein faleceu em 1971, quando o desejo por paz para o Vietnã e uma retirada honrosa para a América ainda era algo distante e inacabado.

...

Aquela vida foi cheia de cálculos políticos, tensões e também tristezas silenciosas. Eu, na identidade de Freder Rein, tentei fazer o que acreditava ser certo, tentei impedir uma guerra que eu previ que traria muito sofrimento. Mas a força de uma pessoa é muito pequena diante de uma máquina de guerra já em movimento, diante dos preconceitos e medos de toda uma era.

Ao me lembrar, ainda sinto a atmosfera sufocante de Washington D.C. naqueles anos, e também a imagem dos jovens soldados que tiveram que partir. O estranho é que sempre tive um interesse especial pelo Vietnã, uma tristeza que na época eu não entendia por quê. Eu só sabia que não queria ver mais sangue derramado naquela terra, um sentimento ainda mais forte do que a mera análise política.

Agora, sabendo das vidas anteriores, como a vida como o Mestre Zen Minh Tĩnh em Đại Việt, e também o fato de ter sido "coincidentemente" nomeado Embaixador lá, começo a entender vagamente. Talvez, os sentimentos, as afinidades predestinadas de muito tempo atrás me influenciaram silenciosamente. Embora não fosse mais um cultivador na vida de Freder Rein, talvez um pouco da compaixão das vidas anteriores ainda restasse, transformando-se em uma inquietação de consciência, um impulso para falar em nome da paz.

E também percebo que, não importa o papel, seja um monge eremita ou um conselheiro político em meio ao poder, manter a consciência e tentar fazer o bem é igualmente importante. O Falun Dafa me ensina que tudo tem causa e efeito, e o melhor que podemos fazer é agir de acordo com a Verdade-Compaixão-Tolerância em todas as circunstâncias.

* * *

CAPÍTULO 13: O LORDE SOBERANO DE UM REINO CELESTIAL

(A voz de River desta vez era completamente diferente. Não era mais a quietude de um mestre Zen, nem o tormento de um

diplomata. A voz do menino era límpida, mas carregava uma majestade e um esplendor, como se não estivesse recontando uma memória, mas retornando à sua própria essência primordial. Esta é a história do começo, e também a resposta para tudo.)

Todas as vidas que contei, olhando para trás, parecem apenas peças de teatro, jornadas isoladas. Cada papel, cada experiência, seja como um deus, um general, um artesão ou um animal, tudo foi uma preparação, um refinamento para servir a um propósito mais profundo, a uma missão ligada à minha verdadeira origem.

E a verdade sobre essa origem, o que pude ver, é a peça final e mais importante do quebra-cabeça, explicando por que tive essas experiências extraordinárias e o propósito de todas essas reencarnações.

Eu já fui o Lorde Soberano de um Reino Celestial imensamente vasto e belo, situado em um nível extremamente elevado, onde a matéria é completamente diferente do reino humano. Naquele reino que vi, meu título era Rei do Reino Celestial.

Lá não havia sol como aqui. Todo o meu mundo era iluminado pelo próprio halo que emanava de mim – do Lorde Soberano. Essa luz era quente, pura, e nutria todas

as coisas. A arquitetura dos palácios e templos era feita de algo que, se usasse a linguagem humana para descrever, talvez só pudesse ser chamado de pedras preciosas ou cristais, mas sua essência era completamente diferente. Eram matérias de alto nível, que continham vida e energia, e emitiam por si mesmas uma luz mágica, que se transformava em inúmeras cores a cada pensamento meu.

As árvores e flores lá tinham cores resplandecentes que a linguagem terrena não pode descrever. Não eram simplesmente verdes, vermelhas ou amarelas, mas faixas de cores vivas, que mudavam e se misturavam por conta própria. Elas tinham consciência espiritual; cada folha, cada flor podia sentir e cantar melodias celestiais a cada sopro de vento. As feras espirituais também eram incrivelmente belas e gentis, podiam entender e conversar com outros seres. Mesmo as rochas e as montanhas não eram objetos inanimados; elas também tinham vida, podiam emitir sons profundos e ressonantes como o eco do universo. Os seres sencientes em meu Reino Celestial eram inúmeros, infinitos, incluindo Deuses, Imortais, Bodisatvas, Arhats e uma infinidade de formas de vida que a imaginação humana não pode alcançar. Todos eles viviam em absoluta harmonia e bem-aventurança sob minha orientação e proteção, seguindo a Lei daquele nível do universo.

Mas o universo também tem a lei de formação-estabilidade-degeneração-destruição. Após longos e intermináveis anos, comecei a notar sinais de declínio não apenas em meu Reino Celestial, mas também nos mundos vizinhos. Os seres não eram mais puros como no início, a matéria começou a se degenerar, a Lei do antigo universo havia chegado ao fim. Vendo meu mundo caminhando gradualmente para a destruição, vendo os inúmeros seres sencientes pelos quais eu era responsável enfrentando o risco de serem eliminados, meu coração ficou extremamente triste e preocupado.

Foi nesse momento que um Senhor Buda supremo, O Criador, apareceu entre os níveis do universo. Ele trouxe consigo a luz da esperança e uma solução sem precedentes: Ele desceria pessoalmente ao reino humano durante a Era do Fim do Dharma para retificar o Fa de todo o universo, recriar tudo e salvar os seres sencientes. Eu, juntamente com muitos outros Lordes Soberanos de outros Reinos Celestiais, tive a oportunidade predestinada de milênios de encontrar O Criador.

Percebendo que esta era a única esperança para meu mundo e meus seres sencientes, não hesitei por um momento e, com reverência, fiz um voto sagrado a Ele. Aquele voto ainda ecoa em minha mente até hoje:

"Faço o voto de abandonar minha posição de Lorde Soberano e segui-Lo para descer ao mundo mortal. Peço

para reencarnar como humano, esperar até que o Senhor transmita oficialmente o Grande Fa da retificação do Fa do universo, e então eu o encontrarei para cultivar e ajudar o Mestre na retificação do Fa."

Antes de partir, deixei no centro do meu Reino Celestial uma esfera de luz mágica, conectada invisivelmente ao meu espírito primordial. Quando eu fizesse o bem, a esfera brilharia; quando fizesse o mal, ela escureceria. Era a esperança, o farol para os seres sencientes do meu mundo seguirem, esperando pelo dia em que eu cumpriria meu voto.

Aquele voto sagrado foi testemunhado por todos os Deuses. A partir daquele momento, meu destino foi redefinido, ligado ao destino de todo o universo durante a retificação do Fa. E aquela esfera de esperança iniciou sua longa jornada, observando seu Lorde Soberano entrar no árduo caminho de descer ao mundo.

A LONGA JORNADA DE DESCIDA

Deixar temporariamente a posição de Lorde Soberano não foi uma perda, mas uma jornada intencional, originada da compaixão e da responsabilidade ilimitadas para com meus seres sencientes. Não foi como tirar uma coroa, mas como um chefe de família que deve deixar

temporariamente sua pátria gloriosa e seus entes queridos, entrando corajosamente em um mundo estranho, cheio de ilusão e sofrimento, com um único propósito: encontrar o remédio para a salvação de todos.

Essa jornada de descida foi longa. E ao olhar para trás com meu tianmu agora, entendo sua verdadeira natureza: foi uma série de arranjos cheios de sabedoria, não uma jornada aleatória.

E há algo que agora vejo muito claramente: em cada etapa dessa jornada, eu não estava em um estado consciente para "confiar" ou escolher qualquer coisa. Uma vez que eu descia para um nível, meu espírito primordial era completamente controlado e arranjado pelos Deuses de um nível superior. Com base nas afinidades predestinadas boas e más que eu havia formado, nas leis que regem o universo e na missão final do meu voto, eram Eles que me colocavam em um novo "papel". Claro, enquanto desempenhava esse papel, eu não tinha a menor consciência disso.

E esta também é uma lei imutável do universo que só agora compreendo: ao descer de um nível superior para um inferior, a sabedoria e as memórias do reino superior são seladas. Eu não conseguia mais olhar para cima, mas apenas ver os reinos no meu nível ou abaixo. Por exemplo, quando desci de um nível muito alto para um reino de Deuses, eu realmente me tornaria um Deus lá,

com poder e consciência equivalentes aos de outros Deuses naquele nível. E em minha percepção da época, eu, junto com os outros Deuses daquele nível, acreditaria que nosso mundo era grandioso, até mesmo me iludindo de que aquele era o reino mais elevado.

Este selamento e enfraquecimento eram condições prévias para que eu pudesse existir dentro das leis daquele nível sem quebrar o equilíbrio. E assim, vesti um manto de ilusão após o outro, esquecendo minha verdadeira origem, mantendo apenas a mais tênue e invisível conexão com o voto de outrora, para me aproximar passo a passo do reino humano.

Nas vidas durante essa jornada de descida, formei muitas afinidades predestinadas, tanto boas quanto más. Havia seres que encontrei e que se tornaram amigos, parentes. Havia seres a quem prejudiquei sem querer, criando dívidas que eu sabia que teria que pagar. Todos esses relacionamentos foram registrados, tornando-se os fios do carma que governariam meus relacionamentos posteriores no reino humano.

Nessa jornada, eu também não estava sozinho. Também encontrei outros Lordes Soberanos, Senhores de outros mundos, que também haviam feito votos semelhantes ao Criador e também estavam a caminho de descer. Podemos não ter nos reconhecido claramente, pois nossa sabedoria havia sido muito selada, mas nossos espíritos

primordiais ainda se sentiam. Às vezes, era apenas um olhar trocado, uma sensação de familiaridade indescritível, uma simpatia silenciosa de pessoas com a mesma grande missão. Sabíamos que nos encontraríamos novamente no destino final.

Finalmente, depois de passar por incontáveis mundos, incontáveis níveis de céu, meu espírito primordial desceu ao nível mais baixo do universo – Os Três Reinos. E então, entrei pela última porta, a porta para o reino humano. Foi quando o selamento ocorreu da forma mais completa. Tudo o que restava de um Lorde, todas as memórias do Reino Celestial, do voto, foi tudo trancado. Tornei-me completamente um ser na ilusão, sujeito às leis de nascimento, envelhecimento, doença e morte e ao sofrimento da reencarnação como todos os outros seres sencientes, para começar a desempenhar os "papéis" nos Três Reinos.

Minha primeira vida humana na Terra, como já contei, foi durante a civilização pré-histórica de cem milhões de anos atrás. Tornei-me Arion, um general poderoso e, na ilusão da fama e do ganho, cometi um pecado hediondo ao me opor ao Dafa que foi transmitido naquela época.

Esse foi o começo de minhas mil vidas de reencarnação no reino humano.

MIL VIDAS DE REENCARNAÇÃO E A AFINIDADE AFORTUNADA DESTA VIDA

Passando por sabe-se lá quantas milhares de reencarnações no reino humano, vesti inúmeros mantos, desempenhei inúmeros papéis. Fui um príncipe do mar azul, um Deus da Montanha no pico de Changbai, um estrategista oculto por trás de monarcas, uma artesã em um planeta distante e até um conselheiro diplomático no mundo moderno. As doze vidas que recontei são apenas alguns frames de um filme interminável, alguns passos em um caminho de dez mil milhas.

Houve vidas em que vivi em glória e riqueza, mas meu coração se perdeu no desejo e no poder. Houve vidas em que vivi na pobreza extrema, mas mantive a bondade e a paciência. Fui homem, fui mulher, fui branco, amarelo, negro. Experimentei a alegria do reencontro e a dor da separação, provei a doçura da bondade e a amargura da traição. Cada vida, cada papel, foi um arranjo, uma oportunidade para eu formar laços com seres sencientes, para aprimorar meu caráter e, mais importante, para esperar. Esperar pelo momento em que o voto de outrora seria cumprido.

E então, depois de todos esses altos e baixos, nesta vida, o voto se cumpriu.

Pelo arranjo do Mestre, reencarnei nos Estados Unidos, em uma família onde tanto meu pai quanto minha mãe são praticantes do Falun Dafa. Nasci em 2015 e este ano (2025) completei dez anos. Este arranjo não foi coincidência. Com meu tianmu, vejo os laços profundos que nos conectaram desde antes. Minha mãe nesta vida, eu a conheci e formei um laço com ela em uma vida durante a jornada de descida. Quanto ao meu pai, fomos irmãos próximos em uma vida há cerca de três vidas, passando juntos por dificuldades. Foram esses fios de afinidade predestinada que nos uniram, para que pudéssemos obter o Dafa juntos nesta vida.

Desde muito jovem, meus pais me deixaram ouvir as palestras do Fa e praticar os exercícios com eles. A energia pura do Dafa limpou meu corpo e minha mente, quebrando gradualmente as camadas de selos que haviam trancado minha sabedoria por inúmeras vidas. Aos cinco anos, enquanto estava meditando, meu tianmu de repente se abriu com extrema clareza. As memórias de vidas passadas, as cenas de outras dimensões, apareceram diante dos meus olhos como um filme vívido.

Meus pais não ficaram muito surpresos com o que eu contei. Eles apenas me aconselharam gentilmente que o que eu via era para fortalecer minha própria fé no cultivo, não para me exibir ou demonstrar. Meu pai disse que a capacidade de ver outras dimensões não representa um

nível de cultivo alto ou baixo, mas que o mais importante é cultivar verdadeiramente o próprio coração de acordo com os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância. O ensinamento de meu pai me ajudou a entender minha responsabilidade, que eu devo usar o que vejo para me lembrar de ser ainda mais diligente.

VISÃO ATUAL E UMA MENSAGEM

Com meu tianmu, vejo que o processo de retificação do Fa pelo Criador está chegando às suas fases finais, o tempo realmente não é muito. Quando comecei a cultivar o Falun Dafa genuinamente, uma cena gloriosa apareceu em minha meditação. Vi meu Reino Celestial distante, e a esfera de luz que deixei no centro daquele mundo anos atrás, depois de tantos altos e baixos, depois de momentos em que parecia ter escurecido, de repente brilhou com um resplendor nunca antes visto! Aquela luz carregava a energia do Dafa, brilhante e pura, iluminando todo o meu Reino Celestial, dissipando as nuvens sombrias da era de degeneração-destruição. Os seres sencientes do meu mundo, que esperaram por incontáveis anos, todos se alegraram e celebraram. Eles sabiam que seu Lorde Soberano havia encontrado o caminho de volta, estava cumprindo o voto de outrora.

Também percebo que muitos dos Lordes Soberanos que fizeram o voto comigo naquele tempo, agora também estão neste mundo. Mais de dez deles, todos são atualmente discípulos do Falun Dafa, cumprindo silenciosamente sua missão em todo o mundo. Uma grande parte deles está na China, enfrentando provações extremamente severas para proteger sua fé and salvar os seres sencientes.

Vi algo ainda mais surpreendente. Na percepção dos Deuses, os Três Reinos eram originalmente o lugar mais baixo e impuro do universo. Mais assustador, era um "caminho da morte" – um caminho de mão única para baixo. Por inúmeras vidas, nenhum ser jamais conseguiu retornar por conta própria. Uma vez que caíssem aqui, eles ficariam eternamente perdidos no ciclo de sofrimento e reencarnação, criando carma incessantemente. De acordo com a antiga lei do universo, quando o carma de um indivíduo se acumulava a ponto de não poder ser pago, aquele ser seria destruído, resultando na aniquilação total da forma e do espírito.

No entanto, nos últimos trinta anos, um evento grandioso abalou todo o universo: neste exato "caminho da morte", O Criador transmitiu oficialmente o Dafa ao público, criando um único "barco" do Fa – o caminho da salvação que pode levar os seres qualificados de volta.

Foi por ver essa esperança sem precedentes no lugar mais desesperador que inúmeros seres de níveis espaciais muito elevados fizeram algo que nunca ousaram pensar: eles competiram, implorando fervorosamente para descer ao mundo humano. Porque eles sabiam que, se pudessem se tornar humanos, teriam a chance de entrar no cultivo por si mesmos e poderiam ser salvos, não apenas eles mesmos, mas também os inúmeros seres que representavam.

Este processo de descida também não foi simples. Normalmente, um ser teria seu papel arranjado por Deuses de um nível superior. Havia também casos especiais, alguns Deuses desceram diretamente para se tornarem humanos, mas uma vez neste reino de ilusão, eles também foram rapidamente selados e perderam todos os seus poderes divinos, tornando-se pessoas comuns como qualquer outra.

Como os corpos humanos no mundo são limitados e o risco de se perder na ilusão do reino humano é muito grande, havia outra opção. Muitos Deuses, por não terem afinidade predestinada suficiente para se tornarem humanos, voluntariaram-se para reencarnar como animais ou plantas. Eles entendiam que, embora animais e plantas não pudessem cultivar, a compaixão ilimitada do Dafa abrangeria todas as coisas, e eles também teriam a chance de serem assimilados e salvos no campo da retificação do Fa. É por isso que eles aceitaram um status

inferior, desde que pudessem estar perto de lugares com discípulos do Dafa, para se banharem na luz de Buda que brilha sobre tudo.

Testemunhando essas coisas, sinto ainda mais o quão preciosa e urgente é a oportunidade de ser humano, de cultivar o Dafa durante este período de retificação do Fa.

Portanto, quero deixar uma mensagem. Para meus companheiros praticantes, especialmente aqueles nas circunstâncias mais difíceis, precisamos ser verdadeiramente mais diligentes, fazer bem as três coisas que o Mestre nos pede, para não perder esta oportunidade de milênios. Lembrem-se do voto que fizemos antes de virmos para cá!

E para as pessoas do mundo que ainda estão na ilusão, espero que todos possam ouvir com o coração, despertar em breve, reconhecer a verdade e distinguir o bem do mal. Valorizem a bondade em seus corações e tentem aprender sobre o Falun Dafa, pois esta é a única esperança para passarmos por esta tribulação final.

Agora, eu entendo tudo. Todas as vidas passadas, de um general pré-histórico, um príncipe do mar azul, um mestre Zen no topo de uma montanha, a um diplomata moderno... tudo foi um arranjo, peças necessárias do quebra-cabeça. Cada experiência, cada lição, seja de sofrimento ou glória, foi uma preparação para que eu

pudesse manter o voto de outrora, para que eu tivesse sabedoria, força de vontade e caráter suficientes para cumprir minha missão ao reencontrar o Dafa.

Todos os papéis foram para preparar para um único papel, um propósito supremo: tornar-me um discípulo do Falun Dafa durante o período da retificação do Fa, cultivar-me bem e ajudar os seres sencientes no mundo ao qual prometi retornar a serem salvos.

(Neste ponto, a voz de River retornou à de um menino comum de dez anos, límpida e sincera. O olhar majestoso de um Lorde desapareceu, restando apenas pureza e quietude.)

Estas histórias... – o menino olhou diretamente para mim, que estava anotando, e depois para o espaço à sua frente – não são para me gabar ou provar nada. São apenas memórias, pegadas em uma jornada muito longa para encontrar minha origem.

Agora eu entendo, a tragédia de Arion há cem milhões de anos não foi meramente uma punição, mas a primeira lição no grande ensaio do universo, para garantir que desta vez, eu não erraria o caminho.

E eu sei, o caminho à frente ainda existe, mas agora, encontrei o caminho mais correto, o caminho de volta para casa.

Eu sou apenas um menino de dez anos, um praticante comum do Falun Dafa. Mas carrego em mim o voto de um Lorde, e farei o meu melhor para cumprir essa responsabilidade.

(O menino encerrou sua história com um sorriso sereno. Seus olhos límpidos olhavam para frente, sem se prender ao passado, sem se preocupar com o futuro, apenas com a firmeza e a paz do presente. O gravador ainda estava funcionando, mas só restava o silêncio. Um silêncio que dizia mais do que mil palavras, encerrando uma jornada de mil vidas passadas.)

* * *

CONCLUSÃO

A última fita parou de gravar. A sala ficou em silêncio, restando apenas o tique-taque suave do relógio de parede e os raios de sol dourados e quentes dançando no chão de madeira. River, o menino de dez anos com olhos límpidos, já estava sentado em silêncio há algum tempo, de volta a ser uma criança normal depois de carregar o peso de todo um universo em seus ombros. A história de suas mil vidas havia chegado ao fim.

Durante duas semanas, meu trabalho foi simplesmente ouvir e anotar. Acompanhei River através de dinastias gloriosas, civilizações perdidas, desde um general pré-histórico, um príncipe do mar azul, uma artesã em Marte, até um diplomata atormentado dos tempos modernos. No início, pensei que estava apenas registrando histórias estranhas, fragmentos de memórias dispersas. Mas agora, olhando para o todo, percebo que não eram histórias isoladas, mas as peças de um quebra-cabeça gigantesco, arranjadas com uma sofisticação incrível.

Quando ouvi River contar sobre a primeira vida de Arion, há cem milhões de anos, pensei que era apenas uma tragédia pessoal. Mas ao ouvir o último capítulo, de repente percebi que também foi uma lição duramente

aprendida no primeiro ensaio do universo. Acontece que nada é por acaso. O erro de um general de um tempo pré-histórico distante foi a primeira pedra fundamental para a firmeza de um menino de dez anos hoje, garantindo que, no ato final e mais importante, ele não erraria o caminho.

Lembro-me do trecho em que River contou sobre os Deuses de céus muito elevados, seres gloriosos que não podemos imaginar, implorando fervorosamente para reencarnar no reino humano, aceitando até mesmo se tornarem uma folha de grama, um animal, apenas para estarem perto do campo de energia do Dafa. Ao ouvir isso, uma antiga frase de uma escritura que eu já havia lido ecoou em meu coração: "É difícil obter um corpo humano, é difícil nascer na Terra do Meio, é difícil ouvir sobre o Fa Justo, é difícil encontrar um Mestre iluminado." (人身難得，中土難生，正法難聞，明師難遇).

Antes, eu só entendia essa frase literalmente. Mas através do relato de River, eu realmente senti o peso de cada palavra. Cada uma dessas "dificuldades" é, na verdade, uma grande oportunidade predestinada que inúmeros Deuses no universo estão fervorosamente implorando sem conseguir. Isso me fez refletir: será que nós, que vivemos nesta era, realmente entendemos o quão precioso é o que temos?

Meu papel como transcritora termina aqui. As histórias de River foram registradas, mas a história da escolha de cada ser nesta era continua em suas páginas finais... E espero que cada um de nós faça a escolha certa.

Que Deus os abençoe!

Casey Vale

THE LIVES MEDIA

* * *

SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA

Casey Vale é uma autora independente, jornalista investigativa e contadora de histórias espirituais. Ela explora temas como a verdade, a consciência e o destino da humanidade. Suas obras frequentemente se originam de entrevistas reais, registradas com honestidade, rica emoção e um caráter esclarecedor.

SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

CONTATO

- ✧ Website: www.thelivesmedia.com
- ✧ Email: editor@thelivesmedia.com
- ✧ QR Code:



OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)
- *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)

- *O Véu Vermelho* (The Red Veil)
 - *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)
 - *A Entrada no Mundo* (Entering The World)
 - *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)
 - *Antes de Nós* (Before Us)
 - *Mil Vidas* (Thousand Lives) → este livro
-

Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.